

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TIAGO LINCKA DE SOUSA

**Rios que me conectam: navegando rumo a
espiritualização da educação ambiental**

Rio Grande/RS
2023

TIAGO LINCKA DE SOUSA

Rios que me conectam: navegando rumo a espiritualização da educação ambiental

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito indispensável para a obtenção do título de Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, na Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental

Orientador: Prof. Dr. José Vicente de Freitas

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental

**Rio Grande/RS
2023**

Catálogo na fonte
Tiago Lincka de Sousa
Bibliotecário CRB-15/498

Sousa, Tiago Lincka de.

Rios que me conectam: navegando rumo a espiritualização da educação ambiental. / Tiago Lincka de Sousa. – Rio Grande/RS: FURG, 2023.
120f.

Orientador: Prof. Dr. José Vicente de Freitas.

Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande.

1. Educação ambiental espiritualizada. 2. Complexidade. 3. Estética. 4. Meio Ambiente. 5. CNIJMA. I. Freitas, José Vicente de. II. Título.

FURG/PPGEA

CDU 37:504



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
COORD CUR DE PG EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



MEMORANDO Nº 49, DE 08 DE MARÇO DE 2023

Tiago Lincka de Souza

“Rios que me conectam: navegando rumo a educação ambiental espiritualizada.”

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE VICENTE DE FREITAS
Data: 08/04/2023 15:56:51 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. José Vicente de Freitas
(PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANA NETTO DOLCI
Data: 14/04/2023 09:36:39 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Luciana Netto Dolci
(PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br WALDO HERMES DE LIMA BARCELOS
Data: 13/04/2023 22:14:48 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos
(PPGE/UFSM)

Prof. Dr. Mauro Guimarães
(PPGEduc/UFRRJ)



Prof. Dr. Cláudio Renato Moraes da Silva
(ICHI/FURG)

Aos educadores ambientais e demais pessoas que tiveram suas vidas levadas por uma pandemia de coronavírus devastadora e que deixou muitas famílias e amigos em Luto.

PRESENTE!!!

GRATIDÃO HOJE!

Como eu gosto de agradecer, a gratidão para mim sempre foi essencial por todos os caminhos que sigo, seja qual for. Claro que sempre faltarão nomes, porque não consigo imaginar o quanto de vidas que cruzam com a nossa. Vinicius de Moraes disse que a “vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”, pessoas vão e vem, mas deixam sempre um pouco de si umas nas outras.

Com muito carinho, muita emoção que escrevo tais palavras aqui. Amo estar entre pessoas, amo as relações que a vida me proporciona. Acredito que nessa vida nada conseguimos sozinhos. Ao nascermos trazemos conosco a carga ancestral dos nossos antepassados, as culturas e narrativas, as histórias de família e outras. Até mesmo para nascer dependemos de outros, em especial da pessoa que colocou sua vida à disposição para nos carregar em seu ventre por cerca de nove meses. É uma verdadeira doação em prol do outro, essa é a primeira gratidão que devemos ter.

O que eu sou
Eu sou em par
Não cheguei
Não cheguei sozinho, não
Canções da minha dor
Canções do meu pesar
Canções do meu amor
Canções do meu amar
O que eu sou
Eu sou em par
(Castanho – Lenine)

Ao longo de nossos primeiros choros, engatinhados, comidinhas e passos, são tantos os que nos rodeiam, nos ajudam, torcem pelo nosso sucesso, nos financiam e outras coisas mais; seria impossível lembrarmos de cada pessoa que esteve conosco nessa longa e bela jornada que é a vida.

Em princípio tenho minha gratidão maior às forças do universo que me fizeram estar aqui e até agora me permitindo vivenciar tantas experiências.

Agradeço à ancestralidade e seu acúmulo de sabedorias.

Agradeço à minha mãe, Liliana Lincka, mentora, amiga, parceira de ideias, quem me trouxe para a trajetória da educação ambiental e sempre me

incentivou a permanecer na academia. Me ensinou a ler e escrever, primeiro passo de uma longa caminhada até o doutorado.

Minhas irmãs, Ana Luísa e Sara, parceiras da vida, extensão de meus genitores, as que mais tempo viveram comigo. Com as quais dividi minhas maiores loucuras e melhores risadas.

Meus amigos de tantos clãs, sejam do vôlei (aquele meu vício), sejam da minha trajetória na educação ambiental, sejam vida acadêmica.

Ao meu dileto professor e amigo Humberto Calloni, que desde um e-mail despretensioso lá atrás aceitou o desafio de me orientar, me ajudando a realizar esse meu sonho. Que mesmo diante de tantas preocupações que proporcionei a ele, nunca me abandonou. Sempre me ensinou e me conquistou com seu jeito carinhoso, singelo e muito responsável. Te admiro demais grande mestre.

Um agradecimento especial ao meu novo orientador, professor José Vicente, o qual conheci ao longo de minha história com as conferências. Sempre fui um admirador de sua sabedoria, sua postura de empoderamento das juventudes e sua confiança quando mais precisamos, você foi um padrinho da juventude ambientalista oriunda dos processos de conferência. E hoje, aceitou o imenso desafio de me aceitar como seu orientando e seguir nessa reta final comigo. Só eu sei o quanto sou grato por ter se colocado ao meu lado nesse momento.

Aos membros da minha banca de defesa, que aceitaram de prontidão um enorme desafio de ler meu trabalho e contribuir com críticas e sugestões. São pessoas escolhidas com muito carinho, minha eterna gratidão. A professora Luciana Dolci (que é doce até no nome, uma amiga e que sempre me tranquilizou quando precisei, com sua forma singela de ser); professor Cláudio Renato (companheiro de profissão e pessoa que me abraçou assim que cheguei em Rio Grande); professor Valdo Barcelos (um cara 'fora da casinha' que me conquistou com suas colocações durante a banca de qualificação, aprendi muito com tudo que me falastes ali, hoje posso dizer que admiro sua forma de pensar a educação ambiental); professor Mauro Guimarães (que me conhece há tanto tempo e serve de inspiração desde

quando eu era um adolescente), não consigo mensurar minha gratidão a vocês por toparem este desafio e me ajudarem na obtenção deste título tão sonhado.

À minha orientadora do mestrado, Ceíça Almeida, que ao passar do tempo virou uma inspiradora de minhas ideias. Continuo acompanhando seus passos, mesmo que distante. Continua me infectando, não mais de sua nicotina, mas pelos seus textos, pelos seus exemplos, pelas suas aulas nas *lives*, que tanto relutou em participar, eu te entendo, também detesto aulas online, nada substituirá o presencial, energia não se transfere via wifi.

Na segunda etapa dessa trajetória, mesmo depois de tantas dificuldades enfrentadas que tumultuaram meu caminho, tive a boa sorte de conhecer uma pessoa maravilhosa e muito companheira, juntamente com toda a sua família, que me receberam muito bem em suas vidas. Não poderia deixar de agradecer à parceria prazerosa de Ana Luiza de Lima Nogueira de Oliveira, sim eu sei seu nome completo viu! Agradeço também a você Cida, minha sogra querida e que me ajudou sendo companheira, que me nutriu e me alimentou, cuidando de mim com seu carinho na reta final da escrita da tese.

Mais uma vez tenho aqui nos meus pés uma ser humaninha, como minha irmã Sara gosta de chamar. Dessa vez não é mais a Luninha, que me acompanhou durante as escritas do mestrado. Tenho agora comigo a Mafalda, que em várias madrugadas me chamou para brincar com seus bonequinhos durante minhas leituras e escritas. Agradeço a sua existência e sua companhia nas noites solitárias.

Aos mestres da educação ambiental, da complexidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da Universidade Federal do Rio Grande, dos tempos de escola. Sem vocês, eu nada seria.

Amigos da FURG e do PPGEA, vocês são muito importantes para mim, foram a minha família nos meus dias de cidadão Riograndino ou seria Riograndense, não sei, confesso.

Uma sincera e profunda gratidão que tenho a minha terapeuta Bianca, só eu e ela sabemos o quão árduo foi esse processo de cura e reestabelecimento que tive ao longo desses mais de 24 meses dos quais ela me acompanha. Sem nenhum clichê, posso dizer que se não fossem minhas

quartas pela manhã em seu consultório, creio que não teria condições psíquicas e mentais de estar aqui e agora.

Por estarmos que na era digital das nuvens, os computadores não conseguem mais nos surpreender tanto e estragar nossos trabalhos como em outrora. Mas não custa nada agradecer ao meu notebook por nunca ter me deixado na mão. Ainda que a cada linha nova, eu tenha deixado tudo salvo na nuvem que não faz chover, mas nos deixa mais tranquilos.

Gratidão à espiritualidade.

GRATIDÃO SEMPRE!

Eu acredito no cosmos. Todos somos ligados ao cosmos. A natureza é o meu Deus. Para mim, a natureza é sagrada. As árvores são os meus templos e as florestas, as minhas catedrais.

Mikhail Gorbachev

“A privação de poesia é tão fatal quanto a privação de pão”.

Edgar Morin

“Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

Ailton Krenak

“No que diz respeito ao prognóstico, os sonhos geralmente estão em uma posição muito mais favorável do que a consciência”.

Carl Jung

RESUMO

Tese doutoral que consiste em discutir os fundamentos da educação ambiental frente ao modelo de desenvolvimento do mundo globalizado em que vivemos atualmente. Traz na em sua metodologia a metáfora como operador cognitivo, no intuito de fazer uma escrita leve e de simples compreensão por parte do leitor, pois o entendimento do autor é de que a pesquisa científica só tem o devido significado se puder ser absorvida pela sociedade em geral, não apenas àqueles que estão na vida acadêmica. Faz parte da linha de pesquisa de Fundamentos da Educação Ambiental do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Conduz o leitor por uma viagem sobre as águas que compõe a formação do autor, fundamentadas em autores que dialogam sobre a educação ambiental sob o olhar da complexidade, tais como Edgar Morin, Ailton Krenak, Moema Viezzer, Leonardo Boff, Maria da Conceição Almeida, entre outros. Acredita na necessidade de olharmos para as questões intangíveis da existência humana, como fundamentos para que a compreensão da educação ambiental seja determinante para a mudança de postura da sociedade, haja vista o grande desafio da humanidade em preservar o Planeta. Uma tese que busca conquistar o leitor para seu papel no mundo e importância do cuidado com a grande casa, nossa Mãe Terra. Faz paradas estratégicas no trajeto da viagem proposta para visitar “ilhas de resistência” nas quais as ações de educação ambiental são praticadas sob a lógica do sensível, a perspectiva da estética, do afeto, da espiritualidade defendida por Leonardo Boff. Traz aprendizados sobre a maneira de ser e estar no mundo dos povos originários, levando em conta a ancestralidade, defendida por Ailton Krenak. Conclui que a educação ambiental espiritualizada, permeada pela dimensão invisível do ser humano é uma alternativa viável para superarmos a crise planetária em que vivemos, numa perspectiva mais ampla e estética da nossa forma de ser e estar no mundo, com vistas as ideias para adiar o fim do mundo, propostas por Krenak.

Palavras-chave: Educação ambiental espiritualizada. Complexidade. Estética. Meio ambiente. CNIJMA.

ABSTRACT

Doctoral thesis that consists of discussing the fundamentals of environmental education in view of the development model of the globalized world in which we currently live. It brings in its methodology the metaphor as a cognitive operator, in order to make a light writing and simple to understand by the reader, since the author's understanding is that scientific research only has the proper meaning if it can be absorbed by society in general, not just those who are in academic life. It is part of the research line of Fundamentals of Environmental Education of the Graduate Program in Environmental Education at the Federal University of Rio Grande. It takes the reader on a journey over the waters that make up the author's training, based on authors who dialogue about environmental education from the perspective of complexity, such as Edgar Morin, Ailton Krenak, Moema Viezzer, Leonardo Boff, Maria da Conceição Almeida, between others. He believes in the need to look at the intangible issues of human existence, as grounds for understanding environmental education to be decisive for changing society's posture, given the great challenge facing humanity in preserving the Planet. A thesis that seeks to win the reader over to their role in the world and the importance of caring for the great house, our Mother Earth. It makes strategic stops along the route of the proposed trip to visit "islands of resistance" where environmental education actions are practiced under the logic of the sensitive, the perspective of aesthetics, affection, spirituality defended by Leonardo Boff. It brings learning about the way of being and being in the world of original peoples, taking into account the ancestry, defended by Ailton Krenak. It concludes that spiritualized environmental education, permeated by the invisible dimension of the human being, is a viable alternative to overcome the planetary crisis in which we live, in a broader and aesthetic perspective of our way of being in the world, with a view to ideas to postpone the end of the world, proposed by Krenak.

Keywords: Spiritualized environmental education. Complexity. Aesthetics. Environment. CNIJMA.

RESUMÉN

Tesis doctoral que consiste en discutir los fundamentos de la educación ambiental frente al modelo de desarrollo del mundo globalizado en el que vivimos actualmente. Trae en su metodología la metáfora como operador cognitivo, con el fin de hacer un escrito ligero y sencillo de comprensión por el lector, ya que el entendimiento del autor es que la investigación científica sólo tiene el sentido propio si puede ser absorbida por la sociedad en general, no solo aquellos que están en la vida académica. Forma parte de la línea de investigación de Fundamentos de la Educación Ambiental del Programa de Posgrado en Educación Ambiental de la Universidad Federal de Rio Grande. Lleva al lector a un viaje sobre las aguas que componen la educación del autor, a partir de autores que dialogan sobre la educación ambiental desde la perspectiva de la complejidad, tales como Edgar Morin, Ailton Krenak, Moema Viezzer, Leonardo Boff, Maria da Conceição Almeida, entre otros. Cree en la necesidad de mirar los aspectos intangibles de la existencia humana, como base para la comprensión de la educación ambiental tan decisivo para cambiar la postura de la sociedad, ante el gran desafío que enfrenta la humanidad en la preservación del Planeta. Una tesis que busca conquistar al lector sobre su papel en el mundo y la importancia de cuidar la Gran Casa, nuestra Madre Tierra. Hace paradas estratégicas en el recorrido del viaje propuesto para visitar "islas de resistencia" donde se practican acciones de educación ambiental bajo la lógica de lo sensible, la perspectiva de la estética, del afecto, de la espiritualidad defendido por Leonardo Boff. Trae aprendizajes sobre la forma de ser y estar en el mundo de los pueblos originarios, teniendo en cuenta la ancestralidad, defendido por Ailton Krenak. Concluye que la educación ambiental espiritualizada, permeada por la dimensión invisible del ser humano, es una alternativa viable para superar la crisis planetaria en que vivimos, en una perspectiva más amplia y estética de nuestra forma de estar en el mundo, con miras a ideas para posponer el fin del mundo, propuestas por Krenak.

Palabras clave: Educación ambiental espiritualizada. Complejidad. Estética. Medio ambiente. CNIJMA.

SUMÁRIO

1 MANUAL DE BORDO PARA UMA VIAGEM SENSÍVEL	14
2 O VIAJANTE E SUA EMBARCAÇÃO: ESTALEIROS DE FORMAÇÃO	25
3 ÁGUAS PROFUNDAS	31
3.1 DOS MITOS AO MITO CIENTÍFICO	31
3.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESPIRITUALIZADA	39
4 ILHAS DE RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS NUTRITIVAS	65
4.1 CONFERÊNCIA NACIONAL INFANTOJUVENIL PELO MEIO AMBIENTE	71
4.1.1 Primeira CNIJMA - 2003	75
4.1.2 Segunda CNIJMA – 2005/2006	76
4.1.3 Terceira CNIJMA – 2008/2009.....	78
4.1.4 Quarta CNIJMA – 2013.....	80
4.1.5 Quinta CNIJMA – 2018.....	82
4.2 COLETIVO JOVEM.....	87
4.3 REPRESENTATIVIDADES.....	92
5 RELATOS DE COMPANHEIROS DE BORDO	98
5.1 DEPOIMENTOS	100
6 CONSIDERAÇÕES DE UMA VIAGEM INACABADA	111
7 CARTAS NÁUTICAS	117

MANUAL DE BORDO PARA UMA VIAGEM SENSÍVEL



Fonte: Fotografia do próprio autor

1 MANUAL DE BORDO PARA UMA VIAGEM SENSÍVEL

Há de ser leve
 Um levar suave
 Nada que entrave
 Nossa vida breve
 Tudo que me atreve
 A seguir de fato
 O caminho exato
 Da delicadeza
 E ter a certeza
 De viver no afeto
 Só viver no afeto

(Leve e suave – Lenine)

Antes de iniciar a viagem por este trabalho, não poderia começar diferente, um texto tão vital e visceral, sem mencionar que será todo escrito em linguagem simples, acessível à todas as pessoas que optarem pela sua leitura, uma vez que é desta maneira que compreendo a importância das pesquisas científicas. Por se tratar de uma Tese de Doutorado, é importante afirmar que respeitarei a norma culta da língua portuguesa, bem como as disposições das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), no entanto será um texto apto à compreensão por quem quiser lê-lo. Optei por trabalhar desta forma por acreditar que as ciências, em especial as ciências humanas, têm o dever de propiciar às pessoas o seu entendimento, independentemente do nível acadêmico que tiverem.

Um texto sem leitores é apenas um emaranhado de palavras e não um trabalho fruto de pesquisa científica. Para Paul Ricouer “um texto sem leitor é um não texto, só pegadas negras em uma folha em branco” (apud BEZERRA, 2015, p.23). A meu ver, para ser ciências humanas, precisa necessariamente comunicar a outrem. Parafraseando Ranganathan¹ que em 1931 criou as cinco leis da biblioteconomia, trago a sua primeira lei que diz “os livros são para serem usados”, logo, digo que a ciência é para ser usada. Não vejo sentido em

¹ Shiyali Ramamrita Ranganathan viveu de 1892 a 1972, foi primeiramente matemático e depois bibliotecário, sendo considerado um dos maiores bibliotecários do século XX e o ‘pai da Biblioteconomia’ na Índia. Sua atuação sempre foi comprometida com sua categoria, ao longo de sua carreira conseguiu conciliar as teorias e práticas da biblioteconomia. Ele ficou mundialmente conhecido principalmente por criar as Leis da Biblioteconomia, publicadas pela primeira vez em 1931, são elas: Os livros são para serem usados; A cada leitor o seu livro; Para cada livro o seu leitor; Poupe o tempo do leitor; A biblioteca é um organismo em crescimento. (RANGANATHAN, 2009)

utilizarmos tempo, fruição, recursos públicos das universidades para desenvolvermos pesquisas que não sejam acessíveis e viáveis à população. Não haveria em mim intenção de escrever tal texto, sem que ele pudesse comunicar diretamente ao meu leitor. Pois ao longo das páginas, as reflexões e ideias que aqui trago são exatamente para proporcionar uma releitura de nossa relação com o mundo.

Como forma de ilustrar tal pensamento, trago o que vi certo dia quando estava numa praça de alimentação de um centro de compras quando observei um pequeno grupo de pessoas com uniforme de um restaurante muito tradicional, famoso e caro da cidade. Este grupo almoçava um lanche qualquer, com nenhuma (ou pouca) qualidade nutricional. Esta é uma cena recorrente em nosso cotidiano, basta sentarmos pelas praças de alimentação e pararmos para observar. Pelo conhecimento superficial que tenho, julgo que estas pessoas não tinham condições financeiras de almoçarem todos os dias em restaurantes no mesmo padrão e estilo dos quais trabalham. Ora, não consigo conceber que uma empresa não possa dar condições mínimas para os seus trabalhadores usufruírem daquilo que produzem e servem aos demais. Este é apenas um exemplo dentre outros que, se formos atenciosos, podemos observar.

Paralelamente a isto, não acredito numa ciência desconectada do mundo, que circule apenas dentro dos muros das universidades. Afinal, a sociedade é quem custeia tudo que fazemos, ensinamos e aprendemos numa universidade pública, gratuita e de qualidade. Acredito que os saberes científicos precisam vazar para todas as esferas da sociedade. Nós, pesquisadores, temos o dever fundamental de fazer chegar o conhecimento a qualquer um, principalmente aqueles cidadãos que jamais terão as condições de adentrar numa universidade. O próprio termo universidade já tem em sua origem do latim *universitas* que significa o conjunto da totalidade, a universalidade. Compreendo que a sociedade seja exatamente esse conjunto da totalidade. Logo, a universidade precisa ser universal a todas as pessoas.

Como dito anteriormente, esta é uma obra visceral. Assim sendo, será toda dialogada em primeira pessoa. Tendo em vista que aprendi na minha trajetória acadêmica, principalmente nos estudos do mestrado com o grande mestre e, agora, centenário, Edgar Morin, que “escrever é inscrever-se”. Fazer

pesquisa é nos investir de autoridade pelo que estamos dizendo. Escrever em primeira pessoa nos faz assumir tudo que dizemos, nos tornando ainda mais rigorosos com o que apresentamos em nossos trabalhos acadêmicos. Não é uma pretensão moral de superioridade ou soberba, mas sim um ato de desnudar-se perante a quem nos lê, bem como, uma maneira de nos colocarmos à prova de quaisquer esclarecimentos, contrapontos e questionamentos.

Outro fator que necessito destacar é sobre o gênero que irei abordar em praticamente todo o texto, sempre que falar no masculino (o outro, o leitor etc.) tomarei por base o ser humano e não o gênero masculino propriamente dito. Compreendo que vivemos em uma sociedade extremamente machista e sexista, por isso, julgo fundamental tal informação, para pontuar que em nenhum momento de minha escrita tive qualquer intenção de praticar tal conduta, a qual cotidianamente luto para execrar de minhas práticas e de nossa sociedade.

Dito os pontos acima, creio que seja necessário compartilhar com você leitor qual foi o ponto de partida que me levou a pensar em iniciar os estudos de Doutorado, particularmente em Educação Ambiental. Sou formado em Biblioteconomia e mestre em Educação, atuo há mais de 20 anos de maneira informal com Educação Ambiental, começando desde os tempos de escola com projetos de feira de ciências, intervenções a respeito da coleta seletiva na escola, conhecimento e respeito às plantas, dentre outras atividades. Até que ingressei no Coletivo Jovem de Meio Ambiente, oriundo dos processos de Conferência Nacional Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente (processo que será detalhado a posteriori nesse trabalho), passando por algumas formações em Educação Ambiental junto ao Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Educação. Assim sendo, nunca havia tido um processo de Educação Ambiental formal, em universidade ou em cursos. Para tanto, tinha como um plano a ser alcançado, o ingresso e a titulação de maneira mais profunda com a academia.

É imprescindível aqui expor minha maior inquietação em relação a Educação Ambiental (EA) e a realidade que vivenciamos no tocante às questões socioambientais, o que me trouxe até aqui, na escrita desta tese doutoral. Sei que todo projeto de pesquisa perpassa por um problema/pergunta gerador/a; neste sentido, o grande dilema que evidencio nesta pesquisa é que

com o passar dos anos, ao observar o noticiário, ver publicações em redes e mídias sociais e, principalmente com minha trajetória junto a projetos de EA é que: o tempo vem passando e estamos sentindo, ouvindo, vendo os mais diversos efeitos nocivos oriundos de nossa relação de dominação e extermínio da condição do nosso Planeta. Mas parece que a sociedade global não compreendeu ainda dimensão real da crise civilizatória que vivemos desde o final do século 20, acentuando-se ainda mais no século 21. Por mais que saibamos das consequências de questões socioambientais como, por exemplo, a poluição do ar e mudanças climáticas, a degradação do solo, o desmatamento, a poluição das águas, a fome, que envolvem diretamente a saúde e a qualidade da vida do Planeta. Sinto que não é suficiente para começarmos a cuidar do Planeta Terra como devemos, ou seja, em sua totalidade. E trago em destaque a palavra devemos, para caracterizar a emergência ecológica na qual estamos inseridos, inclusive o próprio Papa Francisco, na Carta Encíclica *Laudato'si*, retrata que cuidar da nossa Casa Comum é um dever moral, uma responsabilidade que todos os católicos e não católicos precisam assumir. Papa Francisco diz que

o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. [...] Precisamos de nova solidariedade universal. (2015, p. 5)

Para mim é ilógico vermos a cada ano muitos acontecimentos catastróficos e por que não dizer, criminosos, provenientes da relação predatória que nós estabelecemos com a Terra. Como dito acima, são tantos exemplos que temos, dos quais chamo a atenção para o aquecimento global, escassez de recursos naturais, pessoas vivendo em situação de miséria, genocídios por questões de raça e gênero, a crise migratória, a guerra da Ucrânia pela disputa de matriz energética. E, inclusive, uma pandemia proveniente de um vírus, cujo impacto afeta diretamente ao ser humano. Nem assim somos capazes de parar para refletir e pensarmos numa mudança de via, ou seja, um outro modelo de civilização. Basta ver os grandes capitalistas, a verdadeira classe dominante, os donos dos meios de produção, se

preocupam apenas em salvar a economia, e não no essencial que é garantir a VIDA das pessoas!

É impactante o fato de que, acima de qualquer discussão não antropocêntrica da educação ambiental, banalizamos o número gigantesco de pessoas morrendo todos os dias. Pelo que tenho visto ultimamente, nem mais antropocêntrico está a nossa civilização. Como diz Ailton Krenak (2022), vivemos o *capitaloceno*, no qual não há nenhum lugar do Planeta que não seja consumido. Pelo que vejo, de fato nem a vida do ser humano importa mais. O capital e a economia são, evidentemente, o centro de tudo. A naturalização da morte, da perda, e tudo que está interligado, é um fator que me assusta sobremaneira. Quando uma pessoa morre, vai-se com ela seus hábitos, sua cultura, seu conhecimento, suas narrativas, as relações interpessoais que ela construiu, seu papel social, entre outros. Não podemos aceitar vivermos em um mundo em que se considere apenas os bens de consumo, ou seja, as coisas materiais, tangíveis. Nós, seres humanos, somos feitos de muitas dimensões, inclusive as intangíveis. Nesse mesmo sentido, Leonardo Boff nos faz refletir que “importa resgatar a consciência ancestral de que o visível é parte do invisível” (2022, p.233).

São, portanto, esses aspectos que me despertaram o interesse pela investigação desta pesquisa doutoral. Busco elucidações por meio de leituras em educação ambiental e da complexidade. Para tanto utilizo dos conhecimentos de grandes mestres e mestras, como fontes de inspiração, tais como Mauro Guimarães, Michèle Sato, José Matarezi, Ceíça Almeida, Chico Lucas, Carlos Loureiro, Byung-Chul Han, Sidarta Ribeiro, Moema Viezzer, Alberto Acosta e outros. Neles encontro evidências, perspectivas, ideias e caminhos para uma nova compreensão da latência da vida, com base na educação ambiental complexa. Assim, utilizo como tripé para esta pesquisa, principalmente, os pensamentos de Edgar Morin, Ailton Krenak e Leonardo Boff, para subsidiar minhas teorizações e estabelecer a metodologia de leitura e síntese como forma de fundamentar minhas ideias aqui apresentadas.

Espero que ao final da leitura dessa produção literária, o leitor possa olhar tudo à sua volta de uma maneira diferente, com um novo olhar sobre as coisas e, principalmente sobre si. Tenho como objetivo principal nessa pesquisa, mostrar que a educação ambiental precisa ser compreendida de

maneira espiritualizada, ou seja, sob a ótica do sensível, do intangível, da valorização da ancestralidade, da importância da contemplação da natureza. Que nos religue à nossa essência *Homo Sapiens Demens*², aquele ser que sabe (razão), mas também aquele que sente (emoção), como sugere Edgar Morin em seus diversos escritos. Que nos faça observar nosso papel no mundo de maneira responsabilizada.

Para que seja possível alcançarmos o objetivo supracitado, trago como objetivos específicos, um breve apanhado histórico conceitual acerca da ciência humana, no intuito de identificar em que momento a dimensão emocional se desprende do ser humano no conhecimento científico, para que possamos entender e retomar essa essência do humano em nosso fazer científico. Trago a contextualização da educação ambiental, fundamentada nas ideias de alguns autores como Edgar Morin e o Papa Francisco, que inclusive nos diz que Francisco de Assis

em seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exactas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. (2015, p.4)

Para mostrar o ? a abrangência da Educação Ambiental, evidenciando seu caráter complexo. Por fim, tenho como objetivo mostrar que não estamos perdidos, pois existem sim as ilhas de resistência, que nomeio nesse trabalho como lugares de vivências e experiências atreladas à educação ambiental espiritualizada que defendo ao longo dessa tese doutoral.

Como requisito prático e normativo para a escrita de uma tese, necessito aqui apresentar o processo metodológico desenvolvido. Para tanto, utilizo neste trabalho o levantamento bibliográfico, pesquisa documental, consulta em bases de dados de artigos científicos e de vídeos, leitura analítica e síntese dos materiais estudados, para criar um texto original com minhas

² Edgar Morin traz em suas obras a explicação de que o ser humano além de ser da família dos *hominidae*s e espécie *sapiens*, é um ser subjetivo, dotado de incertezas e erros, que produz desordem. por isso, carrega em si um lado de ilusão, confusão e loucura. Esse lado ele nomeia de *demens*. Pois afirma que a expressão *homo sapiens*, que representa o homem racional, deve ser aplicada com restrições, porque o *homo* é também *demens*. Entre *sapiens* e *demens* não existe fronteira. Os sentimentos e as emoções também são necessários à racionalidade e ao conhecimento. Tanto que ele diz que "A ideia que se possa definir *homo*, dando-lhe a qualidade de *sapiens*, isto é, de um ser razoável e sábio, é uma ideia pouco razoável e pouco sábia". (EDGAR MORIN, 1997, p.9)

ideias a respeito do que acredito e qual nosso papel frente ao exposto. E, assim como aprendi e fiz na dissertação de mestrado, escolhi a metáfora como operador cognitivo metodológico, ao compreender, em paralelo com as ideias de Chico Lucas (2007), que tudo que a ciência (ser humano) um dia descobre, já fora dito pela natureza, basta sabermos observá-la. Já Morin nos diz que a escrita por meio da criação de metáforas nos “permite religar homem e mundo; sujeito e objeto; natureza e cultura; mitos e logos; objetividade e subjetividade; ciência, arte e filosofia; vida e ideias” (MORIN apud ALMEIDA, 2002, p. 26). A meu ver esta metodologia torna o texto mais agradável para a leitura e mais conectado ao interlocutor, busco com isso trazer o leitor para dentro dessa trajetória literária.

Convidando-os à uma viagem sensível pelas águas que me constituem. Esta é uma viagem que pode desaguar em vários caminhos, cabe deixar margens para o pensamento, reflexão, contestação, encantamento e mais possibilidades. Meu intuito é te levar pelo balançar das águas nas quais fui perpassando ao longo de minha existência e que me levaram a acreditar, estudar e lutar por uma existência planetária mais conectada à nossa mãe-Terra. Ailton Krenak diz que “sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios” (2022, p.13). Posso afirmar que sempre tive um olhar e uma escuta muito atenta ao fluxo das águas por onde passei. Creio que à minha maneira, sempre tentei me conectar e aprender com os ensinamentos que Krenak nos diz que podemos ter com a natureza dos rios, não obstante que o batismo em diversas religiões são realizados no rio.

Dessa maneira, inundado pelos ensinamentos de Krenak, e com o enorme risco, ousei em trazer a metáfora da água para dialogar com você leitor. A água por ser o princípio de todas as formas de vida nesse Planeta. Pelo fato de ser a maior parte que nos constitui, sejamos seres humanos, ou mesmo a constituição do nosso Planeta.

“As águas dos rios são as do céu, e as
águas do céu são as do rio”

“Rios da memória, rios voadores, que
mergulham, que transpiram e fazem
chuva”

(Ailton Krenak).

Vos convido à uma viagem longa, que comece em alguma nascente que se possa imaginar, partindo por um rio e chegando a um oceano. Com a fluidez da água em seu estado líquido que nos faz instáveis, sensíveis e sensitivos, com o balanço das águas e sua maleabilidade, fazendo-nos lembrar a todo instante das incertezas e possibilidades que giram em torno das ciências e da vida.

Para iniciarmos esta viagem, considero importante conhecermos um pouco da embarcação e do sujeito que vos guiará no balanço das águas pelas linhas deste trabalho. Com isso, no primeiro momento trago uma breve abordagem sobre **O viajante e sua embarcação: estaleiros de formação**. Importante para que saibam o contexto social e histórico de quem vos escreve. Aprendi com Edgar Morin que o sujeito está devidamente imbricado com seu objeto. Na compreensão da complexidade, o recurso dialógico sujeito/objeto não nos deixa separarmos um do outro, pois são indissociáveis. Pois acredito que o conhecimento científico em educação se faz, principalmente, a partir da experiência, pois é aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002).

Começando a viagem propriamente dita, navegamos nas **Primeiras milhas náuticas: da educação ambiental ao olhar da complexidade**, momento no qual trabalho com a perspectiva da fundamentação teórica da educação ambiental em suas tendências, unificando-as com os ensinamentos de Edgar Morin, Ceiza Almeida e Ailton Krenak. São visões e teorias que nos possibilitam a percepção de que a educação ambiental é, na verdade, uma educação complexa, tendo em vista envolver diversos fatores, sejam naturais, socioambientais, ecológicos, econômicos, geográficos, dentre outros, porque vivemos no Cosmos e, portanto, fazemos partes de um todo complexo.

Mais adiante nossa viagem começa a ficar cada vez mais distante do continente o qual consideramos como porto seguro e nos percebemos em **Águas profundas**, parte crucial desta pesquisa quando abordarei a tese de que precisamos considerar os aspectos intangíveis na fundamentação, na aprendizagem, na formação, no ensino da educação ambiental, para que possamos essencialmente adotar uma nova prática em nossa relação de

pertencimento à nossa Casa Comum (Planeta Terra). Faço a reflexão de que é necessário repensarmos um pouco a história desde a era dos mitos, passando pela Idade Média, pelo Iluminismo, chegando na Pós-modernidade, onde nos situamos, para podermos entender em que lugar da história nossa conexão com as questões imateriais ficaram relegada em segundo plano, talvez terceiro ou quarto. Trago neste capítulo minhas inquietações e busco a teorização com ensinamentos de Leonardo Boff, Ailton Krenak, Edgar Morin, Ceiça Almeida, Humberto Caloni, Sidarta Ribeiro, Carlos Loureiro, Duarte Júnior, Clóvis Nunes, Chico Lucas, dentre outros, os quais me inspiram há anos e outros que conheci a pouco tempo. E, melhor ainda, alguns destes, tive a boa sorte de conhecê-los pessoalmente com os quais pude dialogar sobre ideias e possibilidades para a educação ambiental.

Os mantimentos na embarcação estão limitados e estamos nauseados do tanto que o mar balança. É preciso parar um pouco em terra firme para podermos nos reorganizar, abastecer um pouco mais nossa embarcação, estabelecermos contato com os povos originários para aprendermos novos saberes e, assim, podemos seguir viagem. Eis que chegamos às **Ilhas de resistência: experiências nutritivas**. Ali iremos aprender um pouco mais sobre o que Edgar Morin chama de zonas desmundializadas, e Juliano Bezerra (2015) chama de ilhas de resistência. Além da reflexão, trago neste capítulo algumas ilhas que pude conhecer ao longo de minha trajetória na educação ambiental no Brasil. Estas últimas são de fundamental importância, e necessárias, para que possamos evidenciar novas formas de ensinar, aprender, ver e sentir o mundo, ou seja, capazes de nos guiar para uma maneira mais apropriada do ser e estar no mundo. As ilhas de resistência em que iremos ancorar e adentrar um pouco mais são a Conferência Nacional Infante Juvenil pelo Meio Ambiente, bem como os Coletivos Jovens de Meio Ambiente, e as Representações Institucionais.

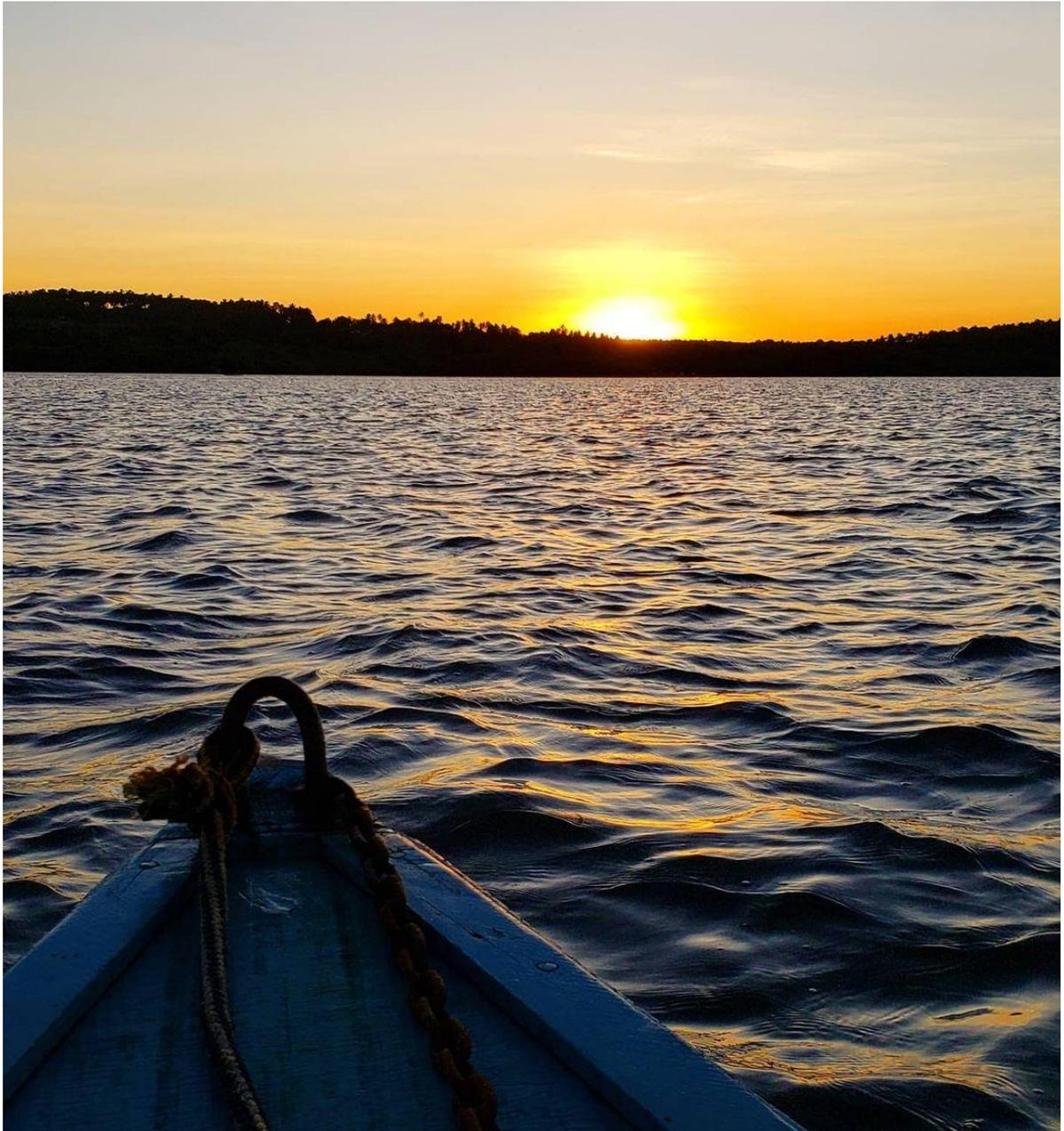
Para termos companhias e não nos sentirmos sozinhos, trago também alguns **Relatos de companheiros de bordo**, para comentar, contextualizar, ilustrar e dialogar comigo sobre suas vivências e experiências pelas ilhas de resistências visitadas nesta pesquisa.

Por conseguinte, teremos algumas considerações e retratos de uma viagem que chegará ao fim, mas um fim temporário. Afinal, é uma longa

jornada, por uma imensidão. Todo final de uma viagem é o começo de uma nova empreitada. Como diz Edgar Morin (2020) viver é uma navegação por um oceano de incertezas, com ilhas de pequenas certezas das quais nos reabastecemos para poder continuar a viagem, que assim se sucede.

Então caro leitor, desejo que se acomode bem, beba bastante água, abra sua mente e seu coração e seja bem vindo a bordo, curta e faça uma boa viagem. Anotem tudo que acharem necessário. Aproveitem!

O VIAJANTE E SUA EMBARCAÇÃO: ESTALEIROS DE FORMAÇÃO



Fonte: Fotografia do próprio autor

2 O VIAJANTE E SUA EMBARCAÇÃO: ESTALEIROS DE FORMAÇÃO

Caminante

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Antonio Machado

Seria um pouco indelicado de minha parte fazer o convite e os colocar diante de uma viagem sem que possam conhecer um pouco da embarcação e do guia que irá conduzi-los durante o percurso das minhas palavras ao longo deste trabalho.

Cursar o doutorado em educação ambiental é um sonho de muito tempo que está sendo realizado. Desde meus primeiros momentos nas ações de EA eu conheci pessoas que tinham uma formação acadêmica na área, já fluía em mim o desejo de um dia estar aqui neste programa. Em momentos diversos ao longo de minha trajetória com a Educação Ambiental, tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas ligadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG), tanto professores como estudantes. Em meados de 2013 durante o VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental cheguei a conhecer uma aluna do mestrado em EA do PPGEA/FURG que também era bacharel em biblioteconomia, mostrando-me que eu também poderia fazer a seleção, uma vez que o programa já aceitara outros colegas de profissão.

A partir de então busquei o tão sonhado ingresso nesse curso, fosse mestrado ou mesmo o doutorado. Pois sempre senti a necessidade de um ensino formal em educação ambiental, para poder conhecer novos autores, intelectuais, visões e correlações diferentes. Para me possibilitar sair um pouco do ativismo e passar a pensar mais sobre os fundamentos da educação ambiental, tanto que escolhi tal linha de pesquisa, porque, acredito ser

essencial uma reforma do pensamento. E, estar na academia, no único Programa de Pós-Graduação do país específico da área, seria uma possibilidade ímpar para ampliar meus conhecimentos em EA. Julgo que o meu sonho está perto de ser alcançado, pois o propósito que tinha de conhecer a realidade acadêmica da educação ambiental e todas as suas características já fora atingido. Conheci, neste espaço de formação, novas teorias, novas visões, novos lugares, novos intelectuais, novas experiências de vida, novos assuntos e áreas do conhecimento, e pude estabelecer uma real conexão entre tudo isso. É notório o novo eu, que está se formando a partir de então.

Voltando um pouco no tempo, me apresentei nos escritos da minha dissertação de mestrado como um pesquisador bifásico. Formado na academia em Biblioteconomia, um curso mais rígido, de caráter tecnicista, composto por catálogos, manuais, métricas, definições lógicas, repleta de padrões e normas. Bem como, por outro lado, me constituí por meio de minhas vivências nos projetos e atividades de educação ambiental das quais participei ao longo de toda a minha vida, desde criança inclusive. Ações essas que me fizeram compreender a necessidade da poética, do amor ao próximo, do afeto, permeando a lógica do sensível defendida por Lévi-Strauss. Lógica que tem como práticas o ato de cheirar, degustar, observar, tocar, ouvir, examinar, sentir em integração com o ambiente natural, ou seja, a necessidade de que tenhamos uma “escuta perto da natureza” (LÉVI-STRAUSS, 2012).

Dessa maneira, não tenho como deixar de descrever um pouco mais dessa minha formação sensível, pois nestas atividades de educação ambiental sempre tive

momentos em que me limitava a sentar para contemplar o mar, o sol, o canto dos pássaros. Aprendizados por meio de músicas e poesia. Troca de experiências como forma de conhecer o novo, o outro, e identificar um novo real. Uma vivência em ambientes que me formaram mais humano, romântico e poético. Situações que me permitem “injetar a poesia na prosa da vida”. (SOUSA, 2021, p. 34)

Sempre me questionava sobre a impessoalidade na pesquisa durante o curso de Biblioteconomia, quando aprendi que não se podia escrever em primeira pessoa, pois o pesquisador não deve aparecer no trabalho. Ora, a

ciência é feita por seres humanos, que existem e trazem implicações culturais e histórica no fazer científico, não separa o sujeito do objeto. E então esta era uma situação que muito me inquietava até conhecer as ideias da complexidade. Foram ensinamentos que me motivaram sobremaneira, pois, a meu ver, não haveria outra forma de escrever senão nos colocando como sujeito do que se escreve. Não podemos ser neutros no fazer científico, pois, segundo Ceiza Almeida (2012), a impessoalidade na pesquisa amesquinha a singularidade das narrativas e pode criar um discurso que desautorize uma concepção adversa. Contudo, hoje busco sempre escrever de maneira mais leve e suave, faço pesquisa científica permeada das coisas que acredito, sou sujeito e objeto ao mesmo tempo, “sou eu mesmo a matéria do meu livro” (MONTAIGNE apud ALMEIDA, 2012, p. 22-23). Jamais conseguiria pesquisar e escrever sobre algo que não tenha uma ligação direta com minha vida e minha realidade. A pesquisa nos desnuda, mostrando um pouco do que nós acreditamos. Escrever é um ato simbólico de se mostrar, de se expor. E assim precisa ser. Devemos aprender a nos colocar diante das situações do mundo. Ser alheio ao mundo, ser neutro, se abster de decisões, anular seus direitos, são todas atitudes prejudiciais ao envolvimento humano.

Por conseguinte, saibam que me proponho a levá-los para uma viagem sensível, numa discussão teórica que fundamenta a minha tese de doutorado, por meio do diálogo com os autores estudados, bem como dos aprendizados obtidos por meio de minhas vivências.

Agora que já conhecem um pouco da pessoa que irá guiá-los nesta viagem pelas letras aqui grafadas, se faz necessário conhecermos um pouco da nossa embarcação, que é a metáfora da água como operador cognitivo.

Desde meus primeiros momentos nas aulas do doutorado na cidade de Rio Grande/RS, distante cerca de 4.500 km de Natal/RN, literalmente do Norte ao Sul, me sentia sozinho numa cidade tão longe da minha. Por vários dias tentei me conectar ao meu mundo, busquei em todos os cantos da cidade de Rio Grande algo que me ligasse aos meus, que me fizesse sentir mais seguro e mais forte. Não é simples sair de um extremo ao outro do País, sem conhecer absolutamente ninguém, nem mesmo o lugar em que iria morar.

Foi a partir disso que surge um componente vital deste trabalho, a água, na sua forma de oceano, mais precisamente o que denominamos de Oceano

Atlântico. Morei no Cassino, balneário muito conhecido e famoso, por ser dono da maior praia em extensão do mundo, aproximadamente 200 quilômetros. Logo, seria inevitável me interessar pela praia do Cassino. E foi justamente ali, diante daquele cenário, ao contemplar e ao me conectar com as águas da praia do Cassino, que consegui me re-energizar e sentir a tranquilidade necessária para me sentir seguro, amparado. Percebi, então, que as águas do Cassino me conectavam com meu mundo aqui de cima, do Nordeste, de Natal.

Justo, a água é fluida, carrega energia.

Então, passei a visitar constantemente a praia de lá, no intuito de me sentir perto de cá. Águas que me (se) conectam, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte. São partes bem mais geladas, de um mesmo oceano. Mesmo com quilômetros de distância, levavam e traziam todos os meus sentimentos, sejam negativos, mas principalmente os positivos.

Água é vida. É a fonte da vida. E ali naquele outro lugar, ela serviu de fonte de inspiração para muitos momentos em minha estadia no Sul.

A água é única. As propriedades físicas e químicas da água diferem muito das de qualquer outra substância, o que a caracteriza como constituinte fundamental da matéria viva. A água permite a condutividade, fator que conduzia meus anseios e pensamentos até minha terra e as pessoas que tinha deixado lá. Assim como os oceanos controlam o aquecimento ou o arrefecimento do Planeta e proporcionam todas as condições fundamentais para tornar possível à vida na Terra, a praia do Cassino me proporcionou uma estadia tranquila, prazerosa e produtiva durante o período em que lá fiz minha morada.

A água é tão importante que era considerada, pelos gregos antigos, um dos elementos fundamentais da matéria. Inclusive Aristóteles tinha a água como um dos quatro elementos fundamentais. Ideia que perdurou por cerca de dois mil anos, até que no século XVIII experimentos evidenciaram que a água era um composto, formado por hidrogênio e oxigênio, e não um elemento químico.

A partir disso, em meus caminhos do doutorado, procurei sempre me conectar por meio das águas. Até que, ao me deparar com escrita dessa tese, decidi criar no estaleiro de formação, uma embarcação chamada Metáfora, que

servirá para nos conduzir durante a navegação pelas águas desse imenso oceano que são as ideias e fundamentos da educação ambiental.

Iremos navegar na Metáfora para conseguirmos repassar as ideias com mais leveza, o que permite um melhor entendimento.

ÁGUAS PROFUNDAS



Fonte: Fotografia do próprio autor

3 ÁGUAS PROFUNDAS

O excesso de sabedoria pode transformar-se em loucura, mas a sabedoria só a impede, misturando-se à loucura da poesia e do amor. (MORIN, 2014, p.10)

Após navegarmos as primeiras milhas náuticas, adentramos na profundidade do oceano. Chegamos em um lugar onde as águas parecem até mais serenas e tranquilas, mas carregam grandes segredos e sentidos.

Precisamos aqui entender de maneira sucinta um pouco da evolução da ciência moderna que conhecemos a fim de que seja possível compreender a tese da educação ambiental espiritualizada que defendo mais adiante. Para isso, na próxima seção irei trabalhar principalmente com ideias de Humberto Calloni (2006), Edgar Morin (2003; 2007; 2011), Carlos Aldemir Farias (2012) e José Queiroz (2012), para dialogarmos sobre o papel dos mitos e da razão na ciência clássica e o que isso interfere na educação ambiental. Gostaria de deixar claro que a intenção a seguir não é fazer uma análise crítica filosófica acerca dos mitos, mas sim identificarmos onde foi que nos perdemos no que se refere à dimensão emocional do ser humano na pesquisa científica.

3.1 DOS MITOS AO MITO CIENTÍFICO

“A própria ideia da razão tornou-se um mito quando um formidável animismo deu-lhe vida e poder, fazendo dela uma entidade onisciente e providencial”

Edgar Morin

Começo este trecho do trabalho pelo fim, evidenciando a afirmação de Morin (2003, p.42) na epígrafe acima, que mostra exatamente o diálogo que pretendo ter ao apresentar o que chamo de virada epistemológica da razão.

Ao olharmos para a cronologia da história, vemos que na antiguidade a presença dos mitos são como reguladores do pensamento humano, desde a Grécia antiga e os Romanos, cada povo com seus mitos e crenças. Isto posto, a Igreja aproveitou-se dessa experiência mitológica (deuses gregos) para a

criação de seus dogmas e costumes, no intuito de constituir o poder e, assim passar a dominar o povo. Tal fato, caracteriza, por assim dizer, o poder gigantesco obtido pela igreja, principalmente no período da Idade Média.

Com o passar dos tempos, surge o Iluminismo, ou século das luzes, ou mesmo a idade da razão, que foi um “movimento cultural e intelectual do séc. XVIII, que tinha por característica a emancipação do homem das concepções medievais predominantes nas práticas religiosas” (CALLONI, 2006, p.18). Isto é, os pensadores romperam com a visão religiosa, na busca pela liberdade, pela forma autônoma e livre de pensar. A era de que a filosofia não era mais serva da religião, permitindo assim o desenvolvimento da ciência sobre bases empírico-rationais com Galileu, Descartes, Bacon, Newton, Kepler e outros. Ou seja, houve muitos avanços científicos nessa época, tanto que surgiram pesquisadores de grande destaque como os acima mencionados.

Morin nos ensina que os conhecimentos não devem ser substituídos e passados por cima um dos outros como se fosse uma borracha num papel escrito à lápis. Mas sim são consequentes, se acumulam e dialogam entre si. Como certa vez ouvi numa estória de que não devemos jamais entrar em um prédio construído por uma ciência não cartesiana, tendo em vista o iminente risco deste cair sobre nossas cabeças. Por sua vez, não há como trabalharmos o ser humano sem levarmos em consideração os fatores emocionais que o tangem; como diz erroneamente o ditado, “problema de casa não se leva ao trabalho”. Ora, como que o indivíduo vai deixar em casa uma aflição que o está incomodando em sua mente? Não temos gavetinhas para separar problemas de casa ou de trabalho. Reitero assim o que preconiza Morin, ao ensinar que o conhecimento é consecutivo, ou seja, hermenêutico.

Porém, a época da razão criticava os mitos e as religiões, tinham a ideia de que tudo poderia ser explicado apenas pela lógica da razão. A razão passou a ser considerada soberana e única forma de prever e provar os fenômenos do mundo, ao passo de que a “razão guia a humanidade para o progresso, e o progresso se torna, assim, a lei inelutável da história” (MORIN, 2011, p.35).

Ceiça Almeida (2000, p.33) afirma que o paradoxo do conhecimento científico “produziu uma ciência fragmentada dos fenômenos que estuda” bem como “se distanciou de uma ‘lógica do sensível’, da prática social e de outros

saberes sobre o mundo, como a arte e a espiritualidade”. Mais uma vez fica evidenciado a ruptura que o Iluminismo causou às dimensões do humano.

Momento em que cresceu a força do humanismo, passando a considerar o ser humano como o sujeito do Universo e, assim sendo, deveria dominá-lo. Ou seja, a noção de domínio da natureza pelo homem surge exatamente dentro da ciência, com as ideias iluministas. Bem como, lembra Morin (2011, p.39) que a “ciência também concebeu a arma nuclear, Hiroshima e Nagasaki. Ela criou a capacidade de produzir a morte em massa da humanidade”. Um museu de Nova Iorque guarda uma carta enviada por físicos cientistas japoneses à cientistas americanos de congratulações pela eficiência e eficácia das duas bombas de Hiroshima e Nagasaki, que dizimaram suas populações. É isso que queremos com a ciência? É para isso que pesquisamos? Esse é o método científico que precisamos? Creio que não.

Reitero que não podemos esquecer que o Iluminismo foi crucial para a história da humanidade, ao proporcionar avanços na engenharia, na tecnologia, na saúde dentre outras. Mas a ciência revela suas ambivalências, seu perfil de bem e mal, isto se dá principalmente pelo desejo dela em ser a única resposta para os questionamentos e problemas humanos, o que gera uma “soberba científica” desnecessária à qualidade de vida no Universo. Tanto que Humberto Calloni argumenta que “a filosofia do século XVII inaugura o racionalismo enquanto método de abordagem do real”, uma vez que o racionalismo passa a ser considerada uma doutrina que “atribui à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade” (2006, p.14) ou ainda, que a ciência “enaltecia a razão humana como a única capaz de compreender o mundo” (CALLONI, 2006, p.18).

O que chamo de soberba da ciência fica ainda mais evidenciada quando percebemos que no Século das Luzes, um conhecimento só merecia ser considerado como tal e assim ser chamado, se for logicamente necessário e universalmente válido. Ademais, fica muito claro o quão renegados eram os mitos nessa virada histórica, pois “a verdade do mito tem sua base na crença ou na fé do receptor, ao passo que a verdade da ciência tem fundamento na lógica ou na consistência da demonstração” (QUEIROZ, 2012, p.67).

Outro aspecto que surge com as ideias iluministas foi a separação do sujeito e objeto, pois o paradigma cartesiano da disjunção segmentou e operou

para o interesse da própria ciência e da filosofia, fator altamente difundido no século XVIII. Diante disto, a classe burguesa se aproveita para a “apropriação do método cartesiano com o seu dualismo” (CALLONI, 2006, p.22), como forma de poder sobre os sujeitos.

Nesse mesmo sentido Edgar Morin diz que

a ciência é certamente elucidativa, mas ao mesmo tempo provoca cegueira, na medida em que ainda não conseguiu fazer sua revolução, que consiste em ultrapassar o reducionismo e a fragmentação do real imposta pelas disciplinas fechadas. Ela é incapaz de restituir as visões de conjunto. (2011, p.40)

E ainda:

[...] precisamos de uma racionalidade complexa que enfrente as contradições e a incerteza sem asfixiá-las ou desintegrá-las. Isso implica uma revolução epistemológica, uma revolução no conhecimento. Precisamos tentar repudiar a inteligência cega que nada vê além de fragmentos separados e que é incapaz de ligar as partes e o todo, o elemento e seu contexto; que é incapaz de conceber a era planetária e de aprender o problema ecológico. (MORIN, 2011, p.43)

Assim sendo, com a soberania da razão, mesmo que traga em seus fundamentos o sentido da liberdade do indivíduo, emerge o anúncio de um certo desencantamento do mundo.

O Iluminismo, que era entendido como uma proposta para “livrar o mundo do feitiço”, não conseguiu responder “às questões mais elementares da nossa condição humana”. Seguindo, temos que “a dessacralização do sobrenatural e o império da liberdade”, levou o indivíduo ao “individualismo e a triste descoberta de sua finitude retaliada. Sentindo-se exilado em seu próprio mundo”, passará a “rever as fontes de seu desencantamento diante de um mundo pleno de cientificismo/tecnicismo e vazio de paz (CALLONI, 2006, p.24). Nesta mesma linha de pensamento, corroboro com a ideia de que a “grande ilusão do positivismo foi pensar que só havia luz na razão, o que fazia com que se relegasse ao obscurantismo tudo que é mito, imaginação, fábula, saber empírico e intuição” (FARIAS, 2012, p.52).

Foi um período de nossa história que os valores essenciais da existência humana foram renegados, marginalizados, tanto que “a imaginação,

a iluminação, a criação, sem as quais o progresso das ciências não teria sido possível, só entravam na ciência secretamente” pois elas não eram “logicamente identificáveis e epistemologicamente eram sempre condenáveis” (MORIN, 2007, p.55).

Não poderíamos ter deixado de lado as ideias míticas e de fé que nos fundamentam até os dias atuais como seres humanos. Afinal, “o mito nasce de alguma coisa muito profunda no espírito humano e é inflamado pelo mistério da existência e pelo abismo da morte” (MORIN, 2003, p.43). Temos que ter a consciência de que os mitos nos ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana externa à razão, trazendo à tona a função simbolizadora da nossa imaginação.

Reforçando com o que fora dito anteriormente, compactuo com a ideia de que os conhecimentos não podem ser substituídos. Entendo que todos os conhecimentos são cumulativos e se “ultrapassam”, no sentido hegeliano da palavra *aufheben* trazida por Morin (2011, p. 42), que significa a elevação de um conhecimento que foi ultrapassado, acrescido. Ou seja, uma perspectiva hermenêutica da fusão de horizontes, em que pese que cada conhecimento é apenas um ponto de partida para um novo conhecimento. Não podemos simplesmente negar certos tipos de saberes só porque não foram desenvolvidos em um laboratório controlado. Os saberes são diversos, e os mestres estão por todos os lugares. Temos os cientistas da tradição por exemplo, que aprendem com a escuta da natureza, no processo de tentativa e erro, nas experiências ao longo da vida, na observação cósmica, no fluxo das marés e assim por diante.

Diante desse ‘apagamento’ da emoção na perspectiva humana, reacende-se a chama do mito e da fé, mesmo que de forma mais velada, presentes principalmente nas manifestações culturais e sociais, como maneira de resistência ao totalitarismo da razão. Tanto que até hoje algumas ainda são vistas como manifestações marginalizadas. Edgar Morin nos alerta que

em nossa cultura ocidental, tanto a poesia quanto a cultura humanista foram relegadas. Relegadas no lazer e no divertimento, relegadas por adolescentes e por mulheres, transformaram-se, de algum modo, num elemento inferiorizado em relação à prosa da vida. (2014, p.38)

Não precisamos ir muito longe para identificar essa ruptura ocasionada pelo Iluminismo, basta vermos o caso de um jovem quando diz que pensa em fazer seu vestibular para música, teatro, ou algo ligado às artes. Terá sempre um familiar que o questiona por que ele não busca fazer um curso, que dê dinheiro, que seja ciência de verdade. Quando se pensa em ser artista, logo se imagina que será um profissional mal sucedido, que viverá de pedir favores. Outro exemplo são os poetas, geralmente marginalizados no mundo da literatura de *best-seller*, autoajuda, ou os famosos primo rico, 10 passos para a riqueza, isso ou aquilo. Recitais poéticos são cada vez mais escassos. Desaprendemos a valorizar o que vem do íntimo do ser humano. Edgar Morin diz que

houve duas rupturas. A primeira ocorreu a partir da Renascença, quando se desenvolveu uma poesia cada vez mais profana. Ocorreu, igualmente, a partir do século XVII, uma outra dissociação entre uma cultura dita científica e técnica e uma cultura humanista, literária, incluindo a poesia. Foi a partir dessas duas dissociações que a poesia auto nominou-se e tornou-se estritamente poesia. Separou-se da ciência, da técnica e, evidentemente, separou-se da prosa. (MORIN, 2014, p.37)

Ora, não consigo conceber uma forma única de fazermos ciência, isto é, apenas com a razão pura e simples. A poesia transcende a sabedoria e a loucura, é imperativo sim, precisamos viver também o estado poético e assim evitar que o estado prosaico nos engula, como tem acontecido, nossa vida é composta de prosa, mas também de muita poesia (MORIN, 2014).

Portanto, os mitos são de suma importância para nossa evolução histórica, são “narrativas recebidas como verdadeiras que comportam metamorfoses” (MORIN, 2003, p. 42). Vemos ainda que o mito é uma “narrativa de ações de seres sobrenaturais, divinos ou divinizados, que dão sentido ao mundo e aos humanos” (QUEIROZ, 2012, p. 68). Não há como desconsiderarmos que o mito traz ao mundo a ideia do imaginário, do pensamento criativo, nos permitindo sonhar, observar. José Queiroz (2012, p.75) argumenta que os mitos são feitos “não pelas leis”, mas sim pelo “singular, não pelo abstrato; pelo vivo”, não por “explicações materialistas”. Edgar Morin (2003, p. 104) argumenta também que o mito “apela aos espíritos,

gênios, heróis sobre-humanos para explicar o mundo, o que a ciência faz através de leis e de um determinismo universal”. Os mitos são baseados na contemplação e observação dos fenômenos naturais, criados na tentativa de elucidação das perguntas existenciais da humanidade.

Por fim, voltando ao sentido hegeliano de *aufheben*, sinto necessidade de reafirmar que os conhecimentos, progressos ou evolução da humanidade, como queiramos chamar, é consequência exatamente dessa ‘elevação’ (*aufheben*), da ultrapassagem, acúmulo, dos conhecimentos históricos, dada a complexidade do mundo. Tanto que Morin (2003, p.216) reitera que “o mito e a religião, infiltrados na razão e na ciência, transformaram-na em entidades providenciais, garantindo o progresso da humanidade, o qual também se tornou providencial”.

Leonardo Boff (2013b) nos alerta que temos sim uma inteligência intelectual, a emocional, mas que também possuímos inteligência espiritual, que está presente não só no ser humano, mas é uma dimensão presente no universo. Ele argumenta que “o espírito tem o seu lugar dentro do processo cosmogênico. Ele está primeiro no universo e depois na Terra e no ser humano” (BOFF, 2013b, p.90). Portanto, o Século das Luzes não poderia “apagar” e negar os conhecimentos sobre cosmologia como o fez. O que vejo é que ainda hoje existem correntes científicas que continuam (re)negando esses saberes, marginalizando a inteligência espiritual. Pois “a distinção entre o espírito da Terra, do universo e da montanha e o nosso espírito não é de princípio, mas de grau” (BOFF, 2013b, p.91), assim, não podemos negar que eles existem, mas apenas dialogar sobre os graus em que estão, isso é dado pela natureza.

Existe uma frase do Nobel de Química e escritor Ilya Prigogine (1917-2003) que me deixa muito reflexivo a qual trago aqui para que possam pensar a respeito também:

Todos sabem que se Shakespeare, Beethoven ou Van Gogh tivessem morrido prematuramente, ninguém jamais teria realizado suas obras. Que dizer a este respeito dos cientistas? Se não tivesse havido um Newton, alguma outra pessoa não teria descoberto as leis clássicas do movimento?

(Ilya Prigogine)³

Será? Deixo a reflexão para pensarmos sobre a originalidade, importância e capacidade do *Homo Sapiens Demens*, fazendo-nos dialogar sabedoria e loucura, ousadia e prudência, economia e gasto, apego e desprendimento, poesia e prosa, pois a vida é una e diversa, só assim conseguiremos compreender nosso processo de evolução.

³ Prigogine, I. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

3.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESPIRITUALIZADA

Nosso cotidiano vive sempre em busca do sentido. Mas o sentido não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres. Emerge da participação, da fraternização, do amor. (MORIN, 2014, p.10)

A explanação anterior sobre a virada histórica dos mitos ao mito científico com a passagem do pensamento mitológico para o pensamento racional é fundamental para entendermos as ideias a seguir. Pois partiremos agora do contexto histórico da ciência moderna de negação de tudo que não pode ser logicamente comprovado ou epistemologicamente explicado. Essa é uma forte herança deixada pelo Iluminismo para a ciência atual. Ainda hoje percebemos o forte caráter tecnicista, disjuntivo, de separabilidade do conhecimento e das coisas, como consequência principalmente do paradigma cartesiano⁴.

A ciência que chegou até nós tem suas raízes fincadas na exclusão da essência do ser humano. Tanto que vemos muitas pesquisas que abordam a humanização da ciência, programas de governos que preconizam a humanização. Ora, vivemos uma situação tão delicada no modelo de vida atual, que precisamos humanizar o que é da ordem do humano?

Escrevendo essas palavras acabo de me lembrar de uma música chamada “O anti-herói” de uma banda de rock aqui de Natal, da qual gosto muito, que diz:

Senhoras e senhores
mendigos e doutores
sejam bem vindos ao festival do desconcerto
onde branco ama preto
homem manda e macaco desmanda
pois no fundo no fundo
o ser humano é o ser mais desumano do mundo.
(Lipe Tavares)

⁴ Para Rene Descartes a palavra Espírito significa “alma racional ou intelecto”, significado é predominante na filosofia moderna e contemporânea, inclusive na linguagem comum. Disse que “a rigor, não sou mais que uma que pensa, um espírito, um intelecto, uma substância pensante, consciência ou mesmo razão. (ABBAGNANO, 1998, p.354)

Continuemos nossa viagem pelas profundezas desse oceano, onde, por hora, navegamos. Considero este ponto o cerne desta pesquisa doutoral, assim, trago um fundamento importante para pensarmos a Educação Ambiental daqui para frente. As ideias que exponho no texto são fruto de muitas leituras dos mais diversos autores, dos mais variados estilos de vida, formação acadêmica, e até sem nenhuma formação acadêmica. São leituras de autores consagrados como Edgar Morin e Leonardo Boff, ou mesmo os mais próximos como Juliano Petrovich e Carlos Aldemir e, também, pensadores indígenas como Ailton Krenak, Daniel Munduruku. Enfim, são influências das mais diversas áreas do conhecimento e setores da sociedade. Não menos valorosas para mim foram as conversas nos corredores das universidades por onde passei, nas mesas de bar com amigos, ou durante as refeições em família, momentos que aproveitamos para realizar longas conversas. Ou simplesmente pela observação dos cotidianos e fenômenos da vida que me saltam aos olhos.

Faço um, quase impossível, paralelo de tudo que absorvi nessa longa trajetória. Neste percurso consegui perceber que nos falta “algo” individualmente, e conseqüentemente na humanidade. Como dissera lá no início dessa viagem, isto é, sobre o questionamento que me motivou a escrever esse texto, acerca do porquê sabemos de tudo, e ainda fazemos pouco no sentido de alcançar a concreta sustentabilidade do Planeta, não falo daquele discurso vago esverdeado pela lógica capitalista (economia verde). Então, minha pesquisa baseou-se em tentar encontrar esse “algo” e sintetizá-lo em um nome, para poder ficar de fácil entendimento para todas as pessoas que se interessem pela leitura desse trabalho.

Trago aqui o que aprendi, em especial, com o Papa Francisco, Edgar Morin, Leonardo Boff e Ailton Krenak, em suas leituras, encontros pela internet e palestras gravadas. Pude constatar a sintonia entre eles sobre a necessidade de uma percepção acerca da cosmologia, ancestralidade, irmandade, estética sensibilidade, afetividade, amorosidade e espiritualidade, todas essenciais e que devem estar interligadas e inseridas em nossa prática diária de relação com a natureza.

Diante disso, a partir daqui, chamarei essa síntese de **espiritualidade**. Falta-nos a compreensão da espiritualidade, uma das dimensões de nossa

existência, essência do ser humano. Nós, seres humanos somos apenas “adubo para as plantas. Elas são milenares, nós só temos algumas centenas de anos” (SILVA, 2008, p.22).

De início foi bem complicado para mim escolher abordar um tema tão alheio ao escopo da ciência tradicional, considerado controverso. Mesmo em cursos de ciências humanas é muito comum se deparar com pessoas retorcendo o nariz quando anuncio o tema da minha pesquisa. O preconceito ao tema espiritualidade é latente, considerado que deve estar fora da academia, pois é algo privado e de cunho religioso, por isso tem que ser tratado dentro das igrejas e não nos muros das universidades.

Tiago Nepomuceno em sua tese doutoral ressalta uma realidade vivenciada por ele mesmo na academia e ressalta que

para muitos a universidade ainda é o espaço exclusivo de uma certa produção intelectual celebrada como objetiva, imparcial, mensurável, quantificável, verificável, portanto, incapaz de acolher sem provocar contradições internas certas ideias que estariam de antemão fora do lugar justamente por não servirem à manutenção da ilusória estabilidade das certezas temporárias. (NEPOMUCENO, 2015, p.47)

A meu ver, não podemos nos render a este perfil de ciência mensurável, em que tudo a matemática ou indicadores podem explicar. Precisamos de mentes mais abertas ao novo e ao diferente. E não poderia deixar de fazer diferente, como disse acima, todas as leituras que fiz ao longo do doutorado me trouxeram até aqui, a discussão da relação entre a educação ambiental e a espiritualidade.

Dito isto, para iniciar sinto que é imprescindível tecer alguns breves apontamentos acerca dos termos religião e espírito.

Conceituar religião não é uma tarefa fácil, mas tentarei aqui trazer de maneira simplificada um pouco de seu entendimento etimológico e filosófico. Partindo do latim *Religio*, significa louvor e reverência aos deuses, temos que a religião é a crença na garantia de uma salvação que venha do sobrenatural (que está além dos poderes do ser humano), e técnicas (que também podem ser entendidas como dogmas) destinadas a obter e conservar essa garantia. Etimologicamente temos que religião é “obrigação” de “religar”, que oriunda do

grego *religare*, da junção de *re* + *ligare* (atar, unir), ou seja, religar o humano com o divino, o sobrenatural. Essa religação como forma de culto prestado à divindade; é considerado um dever sagrado (ABBAGNANO, 1998).

Se partirmos do pressuposto filosófico, vemos que a religião é “revelação”, Hegel narrava que o conceito verdadeiro de religião é aquele no qual está contido o Espírito absoluto, colocando que a religião é revelada por Deus, logo é a experiência do divino. Hobbes advogava que a religião nasce do estado de temor e conseqüente esperança de se garantir os bens e as respostas que necessitamos. Já Voltaire dizia que o ser humano assustado ao observar os fenômenos naturais tais quais trovões, fortes chuvas com perdas de suas plantações, vítimas de disputas com civilizações vizinhas, pelas suas fraquezas e limitações e sentiam que as coisas vinham de um poder invisível; assim acreditavam que algum ser superior controlava o que os acontecia, seja de bem ou de mal. Freud acreditava que a religião consiste na crença da existência de um pai sobrenatural que nos protege dos perigos, nos punindo ou recompensando; daí a ideia do pecado e da graça alcançada (ABBAGNANO, 1998).

Diante do exposto, fica explícito nas definições de diversas perspectivas histórico conceituais, que na religião está evidente de maneira clara e objetiva a presença de Deus, do divino, desse ser sobrenatural, supremo, o que abençoa, mas também o que pune os seus. A partir desse ponto fundamental partimos para a distinção do que é espírito e consecutivamente espiritualidade.

Na origem do latim *spiritus* dado que *us* significa sopro, ar, alma. Me debruço novamente na filosofia para tentar compreender e demonstrar a concepção de espírito, que significa “sopro animador” (definição dada pela física). Pode ser compreendido como aquilo que vivifica, um corpo após o óbito é acreditado que está sem espírito, ou seja, sem vida. Um outro sentido nessa mesma direção é de que o espírito é como matéria impalpável que é a força animadora do ser vivo (ABBAGNANO, 1998).

Logo, temos que a concepção de espírito é força vital existente no eu, no si mesmo, a energia que nos dá a vida, independentemente da existência ou não de um ser superior, sobrenatural, ou seja, o Deus. Tanto que Leonardo Boff ratifica que

o espírito em nós é aquele momento da consciência em que ela sabe de si mesma, sente-se parte de um todo maior e percebe que um Elo misterioso liga e re-liga todos os seres, fazendo que haja um cosmos e não um caos. Esta compreensão desperta em nós um sentimento de pertença a este Todo, de parentesco com os demais seres da criação, de apreço por seu valor intrínseco pelo simples fato de existirem e de, ao existir, revelarem algo daquela Energia de Fundo que neles se manifesta. (2013b, p.91)

A partir de então, quando abordar aqui o termo espiritualidade, estou caracterizando a qualidade de quem tem espírito. Não busco nesse trabalho discutir a fé, Deus ou religião, bem como não busco entrar em questão dogmática. Reconheço a existência de múltiplas formas de manifestações religiosas e jamais faria juízo de valor em detrimento de uma ou de outra. O intuito é dialogarmos a respeito da espiritualidade como essa energia que nos impulsiona, que nos dá a latência, que nos faz sentir e viver.

Para tanto, compreender a dimensão espiritual é entender que não somos só matéria, somos energia, parte de um todo cósmico. Nos dias atuais já podemos inferir que “o espírito possui a mesma ancestralidade que as energias e a matéria originária. Ele estava presente já no primeiro momento em que o universo surgiu” (BOFF, 2013a, p.186). Assim, podemos acreditar ainda mais após a descoberta de que “a matéria não possui apenas massa e energia, mas também uma terceira dimensão, sendo portadora de informação” (BOFF, 2013a, p.186). Ou seja, que dimensão é essa? A espiritualidade, “aquele momento da consciência em que ele se dá conta de si mesmo, sente-se inserido num todo maior e se abre ao Infinito. O espírito é o ápice da autoconsciência” (BOFF, 2013a, p.187). Logo, espírito

é a capacidade presente no universo de criar sínteses das relações e unidades sistêmicas a partir dessas relações. O espírito é um princípio cosmológico, quer dizer, pertence à estrutura e à dinâmica do universo e que permite entendê-lo assim como é, pois esta é a sua função enquanto princípio. Por isso, diz-se que o universo é espiritual, pensante, consciente, porque ele é reativo, panrelacional e auto organizativo. Em seu devido grau, todos os seres participam do espírito. (BOFF, 2013a, p. 188)

Já ouvi muito dizer que nem só de pão vive o ser humano. Leonardo Boff (2013b, p.144) lembra que temos “fome de sentido, de acolhida, de serenidade, de paz social, de amizade, de amar e ser amado”. Precisamos entender que espírito tem o seu lugar dentro do processo cosmogênico; é bem maior que nossa existência, pois ele está primeiro no universo, depois na Terra e só assim no ser humano (BOFF, 2013b), logo, não podemos negá-lo como temos feito atualmente. Podemos então afirmar que só conseguiremos alcançar a sustentabilidade que tanto almejamos se nesse projeto incluirmos o “capital espiritual” (BOFF, 2013b). A compreensão da importância desse capital para nós será essencial para nos humanizarmos, já que as riquezas mais profundas que temos só são perceptíveis aos olhos da espiritualidade, de lá saem a criatividade, inteligência, solidariedade, compaixão, estética, biofilia e o amor incondicional para com todos os seres (BOFF, 2013b). Desta maneira, poderemos compreender que

o nível mais alto de consciência, o espiritual, convencer-nos-á a amar mais a vida do que o capital material, a evitar todo tipo de dano à biosfera e a tirar da Terra somente aquilo que realmente precisamos para viver com suficiência e decência. Esse é um dos propósitos básicos da sustentabilidade. (BOFF, 2013b, p.166).

É certo que dada toda a incerteza e incompletude do conhecimento humano, tentarei neste tópico explicar, defender e elucidar o meu pensamento acerca da espiritualidade e educação ambiental, fundamentando minha tese. Para isso, utilizo alguns autores que dialogam sobre maneira com minhas ideias e ideais. Vou expor seus pensamentos e fazendo o paralelo entre eles e consecutivamente, com os meus próprios pensamentos, no intuito de demonstrar a necessidade de trazermos a dimensão espiritual para dentro da educação ambiental. São autores a quem sou muito grato, que me motivaram muito a continuar tanto no doutorado, quanto a acreditar que um novo mundo ainda é possível e mais, necessário. Pois não podemos desacreditar na mudança real, tendo em vista que é exatamente nessa nossa desistência que o dito sistema capitalista dominante mais atua, cada vez mais para nos desmotivarmos e nos fazer acreditar que as coisas são como são, que tudo está perdido e que a culpa é sempre do sistema, e assim nada pode mudar.

Inclusive Daniel Munduruku, prefaciando o livro novo do Leonardo Boff⁵ nos alerta que precisamos sempre fazer boas leituras, e tecer nossas próprias narrativas, como forma de resistência à essa corrente de dominação que está sempre tentando nos calar e nos fazer acreditar que são invencíveis. É fundamental continuar traçando essa luta contra hegemônica, para que não calem as demais vozes da diversidade. Como afirma o Krenak, “não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais” (2022, p.37).

Sim, nós precisamos, podemos e devemos sim mudar essa ordem e fluxo das relações humanas baseadas na força de consumo e nas relações de poder. Munduruku ressalta que leituras como essas são “necessárias não apenas como informação, mas como formação, como alimento, como bálsamo, como esperança” (BOFF, 2022, p.12).

Assim, os principais autores que utilizo são Edgar Morin, intelectual que tive a felicidade em ouvi-lo palestrar pessoalmente aqui em Natal, Rio Grande do Norte, durante o ano de 2010, num seminário organizado pela Ceíça Almeida, que em 2013 viria a ser minha orientadora de mestrado. Dele virei um admirador de suas ideias e não tenho nem como saber quantas de suas referências utilizei, pois já assisti a diversas palestras pela internet, li entrevistas, trechos e muitos de seus livros. Claramente ele é meu guia, quase que espiritual, mas com toda certeza, meu guia na ecologia das ideias.

Utilizo também Leonardo Boff (2013a, 2013b, 2014) para fundamentar minha ideia de espiritualidade, uma vez que, ele por ser teólogo consegue caracterizar de maneira bem clara a diferença existente entre espiritualidade e religião. O que julgo essencial para tratarmos dessa questão, pois como fora dito anteriormente, este é um trabalho que não visa a discussão de credos nem religiões, mas sim a compreensão dessa dimensão humana. Nesse sentido o próprio Leonardo Boff (2013a, p.197) diz que “precisamos libertar a espiritualidade de seu enquadramento na religião. Não existe, por certo, religião sem espiritualidade; ela nasce de uma profunda experiência espiritual. Mas pode existir espiritualidade sem religião”.

⁵ O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil, publicado no final de 2022.

A própria ciência que lutou tanto para conseguir esconder as dimensões intangíveis do humano, ultimamente já afirma, por meio dos neurocientistas que o ser humano também é portador de um outro tipo de inteligência, a espiritual, “que obedece à outra lógica”, e

está ligada a dimensões profundamente humanas, como a busca de um sentido de vida, experiências de veneração e respeito face ao *grandes* universo e ao encontro com aquela Energia poderosa e amorosa que subjaz a todo o universo. (MORIN, 2014, p.144).

Desta forma, vemos que “alimentar essa inteligência espiritual torna o ser humano mais sensível aos valores do amor, da solidariedade, da compaixão e do cuidado para com todas as coisas” (ZOHAR apud MORIN, 2014, p.145).

E continua abordando a importância do cuidado, haja vista ser defensor da ética do cuidado, dentre as quais ressalta que

cuidar da espiritualidade é cultivar a permanente atitude de abertura face a qualquer realidade. É estar disponível ao nó de relações que a própria pessoa é. É viver concretamente a transcendência, quer dizer, não se deixar prender por nenhuma das realidades determinadas, o que não significa não se engajar e assumir com seriedade as responsabilidades. Mas saber estar para além delas; nem afundar-se com elas quando fracassam, nem apegar-se a elas quando triunfam. (BOFF, 2013a, p.197)

Desaprendemos no estilo de vida atual que existe a dimensão espiritual em nosso ser e que esta precisa ser cuidada, tratada com carinho. Como Leonardo Boff diz, somos um ser de transcendência. A sociedade da produção e consumo nos ensinou a agir como robôs, que não pensam, não refletem e, sobretudo, não sentem. Ailton Krenak (2019, p.26) diz que “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”.

Sentir... preciso destinar um espaço especial nesse trabalho para falar da Estesia, palavra que conheci no doutorado e considero desde então, fundamental para compreendermos a espiritualidade e a educação ambiental. Embora não seja muito adepto de definições, pois acabo limitando o significado

das coisas, procurei algumas delas para contextualizar melhor a discussão aqui apresentada.

Eis que a estesia é uma palavra oriunda do grego *aisthesis*, que significa a capacidade humana de sentir o mundo, o que nos permite recheá-lo de sentido. Trazendo para mais próximo de nosso entendimento, temos que **estesia** é o contrário da **anestesia**. Agora creio que ficou mais fácil de entender. Tal qual se a anestesia tomamos quando precisamos deixar de sentir nosso corpo num determinado procedimento cirúrgico, por exemplo. A estesia é exatamente a capacidade de sentirmos. A partir disso, deu-se origem à outra palavra que conhecemos bem, a estética. Hoje essa palavra está muito relacionada à arte. Kant chama de estética a “doutrina das formas *a priori* do conhecimento sensível” (ABBAGNANO, 1998, p.367), já Platão relacionava a estética com a arte, e por sua vez, definira como a aparência sensível, impossível de ser medida por cálculo (ABBAGNANO, 1998). Baumgarten dizia que o objetivo da estética é a perfeição do conhecimento sensível enquanto tal (ABBAGNANO, 1998). Assim, a estética guarda o “sentido geral de uma apreensão humana da harmonia e da beleza das coisas do mundo, que os nossos órgãos dos sentidos permitem” sentir (DUARTE JR., 2010, p.25).

Tenho amigos que algumas vezes me perguntam como eu consigo ficar ouvindo uma música clássica se ela não diz nada, apenas um monte de sons que ninguém entende. Esse é um exemplo claro de que não estamos acostumados a sentir, “estamos nos tornando mais e mais insensíveis” (DUARTE JR., 2010, p.25). Respondo a esses amigos que uma música clássica na maioria das vezes não precisa ser entendida, apenas sentida; posso passar horas ouvindo e isso chamo de alimento da alma, ou seja, a lógica do sentir, que permeia a nossa existência de uma vez por todas, pois

a lógica do sentir, da percepção, do bem estar nos conduz à interdependência e relação harmônica com os outros seres e nos revela o verdadeiro sentido do que é o ser humano e de quais são suas funções dentro do cosmos. [...] deve dar passagem à auto-organização, à energia cósmica, à celebração da vida, ao espírito criador e à convivência planetária. (GUTIÉRREZ, PRADO, 2013, p.87)

Queremos sempre entender tudo, uma explicação clara, lógica e objetiva para todos os fenômenos. Desaprendemos a simplesmente admirar,

observar, entrar em contato com as coisas, contemplar, trocar energias. Trocas simbióticas são essenciais para a arte de sentir. Praticar o Ócio Criativo de Domenico De Masi. Volto ao Iluminismo para afirmar junto com Duarte Jr. (2010, p.25) que o mundo moderno “primou pela valorização do conhecimento intelectual, abstrato e científico, em detrimento do saber sensível, estésico, particular e individualizado”, causando o que o autor mesmo chama de “regressão da sensibilidade”, somos deseducados no que tange ao saber sensível.

Se olharmos então para as crianças de hoje, poucas são as que comem sem estarem diante de uma tela de celular ou televisão. Os pais, ou cuidadores, enfiam na boca colher adentro, com comidas que a criança nem sabe o que é, pois o olho está vidrado na tela. Não conseguem sentir o sabor, não percebem o cheiro, tampouco a textura e a cor daquele alimento. Matam a fome, mas nada aprendem sobre os alimentos, seus sabores e propriedades. No futuro irão crescer e provavelmente não terão uma alimentação saudável. E assim se sucede com os adultos, pois o ato de comer que sempre carregou um sentido ritualístico, de encontros, comemorações, atualmente se assemelha à um *pitstop* de um carro num posto de gasolina, servindo apenas para repor uma energia necessária para que não morramos de fome. Hoje não podemos nem mesmo “perder tempo” enquanto nos alimentamos, para isso foram criados os *fast foods*. Duarte Jr. (2010, p. 26) diz que

estamos, portanto, descuidando-nos de nosso corpo e de sua educação, na acepção mais ampla de estesia, deixando de lado o desenvolvimento da sensibilidade mais básica de que somos dotados: aquela proveniente de nossos sentidos – o tato, o paladar, o olfato, a visão e a audição.

Não é difícil percebermos que a fala do autor faz todo o sentido, as cidades “foram velozmente se desumanizando, adaptando-se às máquinas e perdendo seus espaços sensoriais e afetivos” (DUARTE JR. 2010, p.27), difícil numa cidade termos contato com a terra, de pés descalços, pois tudo está cimentado ou asfaltado; a terra é considerada sujeira. As obras de mobilidade urbana de uma cidade hoje não levam mais em consideração o pedestre ou o ciclista, mas sim os carros. Trocaram parques naturais por projetos de paisagismo, muitas vezes com plantas artificiais, de plástico. Projetos

urbanísticos não criam mais praças, bosques, centros públicos de lazer. Mas sim cada vez avenidas mais largas, viadutos, prédios e shopping centers.

Como de costume, não poderia deixar de citar Edgar Morin que também argumenta sobre a estética, com uma visão ampla da mesma, que acolhe em sua caracterização a emoção, sensação de beleza, de admiração, de verdade, de sublime, e aparece não só nos espetáculos e obras de arte clássica, mas em qualquer manifestação cultural como a música, a dança, os cantos; assim como nos odores, perfumes, paladar dos alimentos e bebidas, na apreciação da natureza, no encantamento diante do oceano, da montanha, do pôr do sol (MORIN, 2003). Ele fala da poesia como recanto de sentimentos, “o amor, emergência suprema da poesia, vive de símbolos, cria o seu mito e sua magia” (MORIN, 2003, p.140).

Precisamos pensar na força da arte como fonte de uma educação estética, para que possamos articular a arte como manifestação política, como uma prática sensível, capaz de manifestar-se por diversas linguagens e seu poder de mobilização. Assim, Loureiro (2019, p. 67) defende que “não há como negar o aspecto estético e comunicativo e sua grande importância para o processo educativo, facilitando-o e ampliando seu alcance, até mesmo pelo prazer gerado, o gozo pela satisfação estética e corporal”. A arte é única, é uma importante estratégia contra a homogeneização imposta ao mundo, faz despertar as potencialidades do espírito, pois religa mente e corpo. Vale lembrar que não é à toa que governos totalitários, fascistas e ditadores tentam prontamente aniquilar as manifestações artísticas de uma sociedade, pois conhecem o potencial criativo que elas despertam nas pessoas. Fazer arte é um ato de resistência.

Outros que sofrem com governos totalitários são os povos originários, indígenas, que tem uma forma de vida na Terra completamente diferenciada, pautada nos valores ancestrais e do cuidado com a Mãe-Terra. Ailton Krenak fala que

cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma

por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (2019, p.32-33)

Não poderia falar de espiritualidade e estesia sem dedicar uma parte especial dessa nossa viagem aos queridos indígenas. Somos todos diferentes e precisamos viver nossa diversidade. Aprender a respeitar as subjetividades e a relação estética que possuem as suas vivências, estas são lições que devemos aprender com os povos indígenas. Neste sentido, como precisamos lutar junto ao Estado para que este resguarde e garanta que suas culturas ancestrais sobrevivam ao tempo.

Temos muito, mas muito mesmo, a aprender com os povos indígenas, que sofrem com apagamento de suas narrativas e histórias, embranquecimento de suas culturas, abandono, que resistem há mais de 500 anos de extermínio. Apesar disso tudo não perderam sua conexão com a Mãe Terra.

Leonardo Boff deixa bem claro que “nossos indígenas não são primitivos, apenas diferentes. Não são incultos, mas civilizados. Não são ultrapassados, senão contemporâneos”. São civilizações que apenas se expressam de maneira diferente da nossa, não-indígena. Mas tem uma forma surpreendente de diálogo que perpassa pela “observação atenta das coisas da vida e da natureza” (2022, p.7) assim, acumulam enorme sabedoria.

Em seu novo livro, Boff narra que o Casamento do céu com a Terra é a caracterização maior de que os indígenas sabem fazer dialogar as coisas da terra com as do “céu” (cosmologia). Ou seja, é um hábito que significa “manter juntos Deus e a natureza, o homem e a mulher, os velhos e os jovens, o trabalho e a diversão, a vida e a morte. Assim tudo fica em harmonia. E somos felizes” (BOFF, 2022, p.8).

Este casamento do céu com a Terra nos demonstra que a relação dos indígenas com a natureza é completamente diferente do que vemos hoje em dia, de modo geral, acontecer na sociedade. Como disse anteriormente, estamos tão anestesiados que nem percebemos a despersonalização dos rios, montanhas e florestas, extraindo o sentido que esses lugares têm para as populações, dessa maneira deixamos tudo à mercê do capital, tudo vira

mercadoria. Viramos exterminadores de formas de vida e não percebemos. Deixamos nossas florestas serem devastadas, em favor do garimpo em território indígena, para a criação de gado, para o plantio de milho e soja transgênicas para exportação, cana ou mesmo qualquer outra monocultura. Nossos solos ficam pobres, sem nutrientes, sem potência de vidas. Somos o lixo do mundo dos agrotóxicos, produtos rejeitados pelo mundo afora, aceitamos aqui dentro de nosso país, e fazemos chover veneno, jogado pelos pequenos aviões nas lavouras de monocultura. Conseguimos criar imensos desertos verdes. Deixamos nossos rios terem seus fluxos desviados para instalação de usinas hidrelétricas ou construção de portos de escoamento da agroindústria. O agro não é pop, ele é sujo, é poluente, o agro é morte. Como Krenak afirma, “nós liberarmos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista” (2019, p.49). Já os povos indígenas praticam ritos de desculpa à mãe Terra quando precisam derrubar uma árvore ou fazer caçadas maiores que as normais, que objetivam “não violar a aliança de amizade entre todos os seres” (BOFF, 2022, p. 232). E por quê bato tanto nessa tecla, de aprendermos com as culturas dos povos indígenas? Respondo com a afirmação de Leonardo Boff que

caso não resgatarmos essa atitude sinfônica com a natureza, perpassada de encantamento e de reverência, de solidariedade e cooperação, atitude vivida pelas culturas indígenas, dificilmente garantiremos o futuro comum da vida e da espécie humana. (2022, p.233)

Sem sentirmos... Estamos consumindo a Terra.

Ainda na percepção da estética, no significado mais puro do sentir, o filósofo sul coreano Byung-Chul Han traz vários questionamentos importantes em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2017), um livro minúsculo, mas com gigantes reflexões. O autor coloca que estamos numa era da sociedade do desempenho, assim como o *homo faber* de Morin. Aquele em que sua preocupação de vida consiste na produção e quanto mais e maior o desempenho melhor. Tal qual no filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, somos treinados a apertar parafusos sem parar, sem pensar.

Han defende que essa sociedade na verdade produz seres depressivos e fracassados, gerando inúmeros distúrbios à humanidade, o principal deles é

o doping; que nos faz deixarmos de sentir. Somos a sociedade do cansaço. Que com o excesso da constante necessidade de desempenho, nos leva ao “infarto da alma” (HAN, 2017, p.71). É um cansaço que nos impede de ver e sentir, passamos de seres ‘estésicos’ (nossa essência), para seres dopados, anestesiados, incapacitados de ver, questionar e sentir; cansaço que rouba nossa alma. Han (2017, p.29) afirma que o “sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo”. Ora, se não sentimos nem mesmo nossas vidas, nossas dores, nossos anseios, nossa fadiga da alma, como vamos nos preocupar com o outro, com o meio? É necessário, é urgente, é vital, voltarmos para dentro de nós mesmos e começar a nos questionar acerca do ser e estar no mundo.

Nessa lógica, Han propõe a reflexão acerca da emergência do repouso, do descanso onírico que possibilita o descanso espiritual (HAN, 2017). Nos alerta para a necessidade de pararmos para contemplar. O autor exemplifica que

só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade. Paul Cézanne, esse mestre da atenção profunda, contemplativa, observou certa vez que podia ver inclusive o perfume das coisas. Essa visualização do perfume exige uma atenção profunda. No estado contemplativo, de certo modo, saímos de nós mesmos, mergulhando nas coisas. Merleau-Ponty descreve a consideração contemplativa da paisagem como uma alienação ou desinteriorização. [...] É só a atenção profunda que interliga a "instabilidade dos olhos" gerando o recolhimento, que está em condições de "delimitar as mãos errantes da natureza. Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar. Mas a arte é uma "ação expressiva". O próprio Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: "Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo". (HAN, 2017, p.36-37)

Todo esse modelo de vida da sociedade do cansaço traz à tona a sensação de transitoriedade da vida. Tendo em vista que tudo passa rápido, que somos seres produtores apenas, que estamos sempre na correria

cotidiana, que os anos se passam sem nem percebermos, que estamos diante de uma paisagem ou fenômeno natural e nem paramos para contemplá-lo. Han diz que atualmente a vida e o mundo está radicalmente transitório, como nunca visto em outras épocas.

A meu ver, tal transitoriedade só nos afasta de nossa espiritualidade, tanto que Han (2017) diz que a hiperatividade e o aceleração da vida está diretamente relacionada com a carência do ser. Não temos estímulos para reagir, não impomos resistência, não temos impulso, pois não descansamos, não dormimos, não refletimos, não nos permitimos ao ócio, tudo isso segundo Han (2017) está ligado a falta de espírito, como sintoma de esgotamento mental pelo qual vivemos. Loureiro pelo mesmo caminho diz que

naturalizamos a organização da vida em torno do relógio e desaprendemos a ter outros tempos saudáveis: o tempo dos ciclos naturais, o tempo de amadurecimento das ideias e argumentos, o tempo para contemplar a natureza e o que é belo, o tempo do corpo, o tempo da relação com o outro. (2019, p.83)

E isso acarreta exatamente o grande dilema de nossa sociedade atual, que me trouxe até essa pesquisa de doutorado. O avanço da destruição do eu, da degradação socioambiental continua cada vez mais acelerado, mesmo com tudo o que conhecemos sobre consequências dessa realidade e suas alternativas viáveis. E por que não fazemos diferentes?

Vejo dois motivos, o primeiro porque conhecemos, mas não compreendemos⁶ em essência a relação existente entre a educação ambiental e a espiritualidade. Não nos basta conhecer, essa é apenas uma etapa para uma mudança de postura e atitude diante da realidade. Partimos do pressuposto de um fenômeno X, a partir daí tomamos conhecimento da existência dele (primeiro passo), na sequência vamos observá-lo, estudá-lo, para podermos entendê-lo (segundo passo). Por fim, estabelecer suas relações, sejam quantas necessárias possíveis, traçar projeções e possibilidades (terceiro passo), a partir disso, podemos dizer que

⁶ Pela definição do dicionário, o termo 'compreender' é aprender intelectualmente algo com vistas ao entendimento e percepção. Ter perfeito domínio intelectual sobre tal assunto. Ter espírito de complacência para com as dificuldades de uma pessoa para assim estender sua ação a alguém. Conter em si em sua natureza, estar incluído. Portanto, essas definições que detalho aqui contemplam o sentido de compreensão que utilizo ao longo do texto.

compreendemos o fenômeno X, e estamos aptos a agir e tomar decisões a respeito dele. Em outras palavras, conhecer para entender e depois compreender, para daí sim se sentir pertencido e inserir-se no processo de mudança, não como uma escolha, mas sim como imperativo categórico, como dever, como responsabilidade ética e moral.

Contudo, no caso específico da situação real em que narrava no parágrafo anterior, essa tomada de decisão não pode ser uma vontade individual apenas do sujeito, cabendo a si decidir se faz algo ou não. É dever, como disse o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si* de 2015, é obrigação moral⁷ do católico ou não católico. Dada a emergência em que se encontra a Casa comum.

O segundo motivo, e que não fazemos porque não nos preocupamos com o depois, com o amanhã, com os outros seres, com o equilíbrio do Planeta, com a energia cósmica, com nossos antepassados, com os povos originários, com as gerações futuras, com o direito das coisas serem e existirem independente da ação ou sobrevivência humana.

Tudo isso evidencia nosso sentimento transitório, que mina a importância do que vem depois. Ora, a certeza iminente da morte nos faz absolutista num egocentrismo exacerbado, se vou morrer amanhã, hoje posso fazer tudo que eu quiser, não estou nem aí para ninguém. Esse sentimento transitório e não espiritualizado em nossa existência nos faz renegar nossa ancestralidade.

O aprendizado com os ensinamentos dos mais velhos é essencial. Nossa sociedade é tão cruel nesse sentido que os idosos, em muitos casos, são vistos não como uma fonte de saberes e conhecimento, mas sim como pessoas que carregam um peso por precisarem de mais atenção, carinho, cuidado e dedicação. Os povos indígenas tecem outra relação com seus anciãos, caciques e seus mestres, são como oráculos.

No ano de 2022, visitei o Museu das Culturas Indígenas em São Paulo e lá pude conversar com um indígena, da família Popygua, da Terra Indígena

⁷ “Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas ‘nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades’. O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e ‘ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado” (PAPA FRANCISCO, 2015, p.2)

Jaraguá, situada em São Paulo, que é do povo *Guarani Mbya*, passei quase uma hora só o ouvindo contar coisas sobre a vida de seu povo, e fiquei ali maravilhado, tentando absorver o máximo de aprendizado possível, mesmo que em pouco tempo. Lá pelo meio de sua fala, conta que seu avô é o líder espiritual dele e o ensinou a importância de agradecer aos seus antepassados antes das refeições e em outros rituais. Não é agradecer a Deus, como os não-indígenas costumam fazer, ou até mesmo agradecer pelo emprego que temos, pela nossa saúde, sempre voltando os olhares para o eu (egocêntrico), mas sim agradecer à ancestralidade.

Nesse sentido do cuidado com nossos idosos, Moema Viezzer, em seu livro autobiográfico de depoimentos, ao ser perguntada sobre qual sua orientação às gerações futuras, ela responde que a convivência intergeracional é um legado importante uma vez que

esta convivência se perdeu muito nas últimas décadas, como dá pra ver na forma de viver em sociedade, que tem segmentado em demasia crianças-jovens-adultos-idosos. A aprendizagem que resulta da vivência entre gerações é fundamental, não só a partir do que se diz e faz, mas, também, pelo que acontece com cada geração. (VIEZZER, 2017, p.34)

Ou seja, essa fala da Moema me põe a refletir sobre o que fazemos com nossos idosos. Fico tranquilizado, diferente de outrora, quando não estabelecia muitas trocas com pessoas idosas. Sou um ouvinte assíduo e paciente das longas, antigas, divertidas histórias e estórias que os idosos tem a me contar. Posso afirmar que amo essa troca intergeracional, nada como um belo café com bolo em um fim de tarde, ao pôr do sol, para uma divertida conversa. São coisas assim que proponho a você leitor, que possa se permitir a fazer, pois são experiências enriquecedoras e que nos leva a nos afastarmos desse sentimento de transitoriedade que nos desconectam da ancestralidade que é real e fonte inesgotável de aprendizagem espiritual.

Precisamos aprender que

o apreço pela vida é o legado essencial. Nos dias de hoje, somos tão marcados pelo imediatismo e achacados pelo culto do *self-made* (autoformação), que acabamos ignorando o acúmulo de energia que existe em nós e nos foi transmitida por 'N' gerações. (VIEZZER, 2017, p.33)

Não podemos mais continuar nesse caminho de não nos importamos com as consequências de nossos atos porque vamos morrer com 70 ou 90 anos, e acharmos que não vamos sentir nenhum efeito disso tudo que causamos ao Planeta, pelo simples fato de estarmos mortos. Não conseguimos entender que somos apenas uma parte no cosmos. Se sou é porque alguém foi antes de mim e, portanto, alguém será depois de mim. Nossa visão cosmológica e espiritual é quase nula. Tanto que quando falo de espiritualidade logo pensam que sou louco, quando não, pensam logo em igreja, Deus ou religião, pois somos acometidos com o hábito da visão mais rápida e simplista das coisas, pois é mais fácil, não dá o trabalho de pensar. Não sabemos compreender a complexidade do mundo. Que todas as coisas são e estão interligadas, por meio de uma rede una e diversa.

Assim como não ligamos as coisas, não nos desligamos também. Não conseguimos parar para descansar, o simples ato de dormir bem é tido como fraqueza ou mera preguiça. Até mesmo nossas horas de sono diárias, que deveriam ser asseguradas estão sendo roubadas de nós pelo modelo de vida capitalista, cuja produção é o único fim de nossa existência Terrena. Não conseguimos mais dormir. Não sabemos mais sonhar. Lembro que antigamente fui ensinado a pensar na e sobre a vida antes de dormir, fui ensinado a rezar, a descansar a mente antes de dormir, propriamente dito. Mas hoje não, estamos a todo momento conectados nas telas móveis, quase extensão de nosso corpo. A tecnologia proveniente da era digital está nos consumindo pouco a pouco sem nem percebermos. Nosso primeiro bom dia ou o último boa noite é pelo aplicativo, não mais pessoalmente.

Vivemos na era da super valorização daqueles que não dormem, como forma de sucesso, quando dizemos: - olha, fulano só dorme três horas por noite e amanhece super bem no outro dia, pronto para mais um dia de trabalho. É um exemplo típico do que nossa cultura passou a valorizar. A usurpação até mesmo de nosso sono, em prol da produtividade laboral do prometeu capitalista.

Carecemos reaprender a viajar no tempo e espaço utilizando nossa imaginação. A importância do sonho, de dormir bem, de descansar verdadeiramente, não só o corpo, mas a mente e a alma.

Sidarta Ribeiro, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, diz que "o sonho é uma mistura da ativação de memórias de eventos passados que podem ter uma relevância futura" e são um aprendizado "lento e gradual que provavelmente começa no útero materno, com a formação das primeiras representações sensoriais na fronteira do corpo com o mundo exterior" (RIBEIRO, 2020). Nossas memórias do passado aplicadas no futuro são experiências positivas ao longo da evolução da humanidade, pois a arte de sonhar está documentada ao longo da história humana.

Sidarta Ribeiro (2020) afirma que desde os primeiros escritos dos povos da Suméria, da Babilônia e do Egito já se falavam dos sonhos como possíveis oráculos, que serviam de previsões do futuro, ou seja, daí surgiu a ideia do Oráculo Probabilístico. Também devemos observar que os sonhos faziam parte dos fatos sociais desta época, pois, mesmo na Idade Média, um sonho revelador era considerado um fato muito importante, ditavam inclusive ações a serem tomadas pelas pessoas.

Temos por exemplo algumas criações muito conhecidas por toda a humanidade que são oriundas de sonhos, como a tabela periódica, fruto do sonho de Dimitri Mendeleev, que ao levantar-se em uma manhã de 1869, se lembrou de um sonho que solucionou o grande mistério dos químicos de sua época, que era criar um modelo universal com todos os elementos químicos existentes no Planeta. Dimitri declarava que "Em um sonho eu vi uma tabela em que todos os elementos se encaixavam. Ao acordar, imediatamente escrevi aquilo em um pedaço de papel" (GALILEU, 2015). Outro exemplo é a criação da máquina de costura por Elias Howe após um sonho bem inusitado de que estava em um país cujo Rei ordenou que ele deveria construir uma máquina de costura em 24 horas, senão ele seria executado. Tal sonho serviu de inspiração para a sua futura invenção que é amplamente utilizada até hoje. Se formos mais adiante, vamos encontrar vários outros exemplos como Niels Bohr e o modelo atômico; Albert Einstein e as teorias da velocidade da luz; as obras de Salvador Dali; todos oriundos de sonhos enquanto estavam no ápice do relaxamento.

Embora os sonhos ainda funcionem como fonte de criatividade, de simulação de futuros possíveis. Mais uma vez, o Iluminismo como a idade da razão, do crescimento da ciência como conhecemos hoje já explicados

anteriormente, assim como o início da globalização e principalmente com o fortalecimento do capitalismo como modelo único, os sonhos foram perdendo seu lugar de destaque na sociedade moderna. O modelo único proposto pelo cartesianismo com o cientificismo deixaram de reconhecer a validade dos sonhos como ferramenta de motivação de ideias e ações no mundo atual. Tanto que numa empresa ou mesmo dentro das universidades, se propormos algo baseado em algum sonho que tivemos, vamos ser logo considerados loucos, ridicularizados ou mesmo inocentes e vazios de razão. Pois como dito anteriormente, os sonhos perderam seu lugar na sociedade, e atualmente é motivo de descrédito, o sonho foi jogado na lata do lixo, deixando de ser um assunto comum entre as pessoas, muitas inclusive nem se lembram de seus sonhos, e mais, existem pessoas que acham que nem sonham.

Neste sentido, O professor Sidarta Ribeiro (2020) enfatiza que trocamos uma máquina de prescrutar o futuro que eram os sonhos, por uma outra máquina de prescrutar o futuro que é a ciência. Essa troca pode até ser considerada muito eficaz para o desenvolvimento da ciência e para o acúmulo de capital. Mas é um cenário altamente destrutivo para a nossa relação com os nossos semelhantes, e com as outras espécies de seres vivos e não vivos.

Portanto, assim como Morin, Krenak, Boff cada um à sua maneira e utilizando suas realidades, bem como tantos outros intelectuais nos falam em seus escritos e em seus diálogos; Sidarta pontua que estamos diante de um grande dilema da humanidade, que consiste entre a nossa imensa capacidade de transformação do Planeta, devido ao avanço da ciência e tecnologia e do acúmulo de capital, que possibilita grandes investimentos em pontos cruciais para a humanidade, como saúde e alimentação. Entretanto, o que vemos é exatamente a inércia de muitos, e a devastação do Planeta pela ganância oriunda do capitalismo.

Precisamos então resgatar a arte de sonhar. Comunidades indígenas brasileira conservam a arte de sonhar. E tem em suas culturas os hábitos de se reunirem pela manhã em rodas de conversas para compartilharem seus sonhos. E como defende Ribeiro (2020), essa narrativa de nossas experiências dos sonhos nos permitiu um afastamento do mundo duro e competitivo (da vigília, dos predadores) e nos aproximou em um mundo mais suave e delicado da cultura humana e da ética do cuidado.

De um lado muita agressividade, violência, competição com os que são fora de nosso círculo de confiança. Por outro lado, uma capacidade de profundo cuidado e amor para os que são do lado de dentro, nosso clã, nossa família, nosso grupo. Nesta lógica, precisamos superar esse grande dilema, e aprender a ampliar nosso círculo de dentro, para assim podermos praticar uma relação de fraternidade entre as pessoas. Uma vez que a globalização nos possibilita essa inclusão de todos os seres humanos nesse clã de dentro, afinal estamos todos habitando e convivendo em uma mesma casa, o Planeta Terra. Precisamos ser capazes de dividir ao invés de acumular, de valorizar as ações afetivas com as outridades, de compartilhar a riqueza e os saberes acumulados durante milênios em prol de todas as espécies. Essa é uma condição indispensável para a continuidade da espécie humana na terra.

Tendo em vista que o próprio Sidarta Ribeiro afirma que

foi através das narrativas sobre o passado e o futuro que acumulamos e disseminamos a cultura humana, essa maravilha monstruosa em franca evolução, imensa força do saber que nos tirou das cavernas em poucos milhares de anos e ameaça nos levar a Marte sem que tenhamos ainda aprendido a habitar nosso próprio Planeta em paz. E entre todas essas narrativas, as mais valiosas, ansiadas e respeitadas foram os sonhos com ancestrais, divindades e animais totêmicos. (RIBEIRO, 2019, p.318)

Inclusive Ailton Krenak (2020, p.26) ressalta que “se uma parte de nós acha que podemos colonizar outro Planeta, significa que ainda não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra”. Nossa, realmente concordo plenamente com Krenak, pois ainda não aprendemos a cuidar da nossa casa, e queremos nos mudar e povoar outro lugar. Vejo que é apenas mais uma intenção capitalista de vender falsas vontades criadas, bem como de procurar em outro lugar o que estamos extinguindo da Terra. Pois aqui temos o suficiente para todas as necessidades humanas, “mas se você quiser uma casa na praia, um apartamento na cidade e um Mercedes-Benz, não tem para todo mundo” (KRENAK, 2020, p. 65).

Já Sidarta Ribeiro (2020) defende que a sociedade está extremamente doente. Lembra que já possuímos capital humano, cultura, capital financeiro, conhecimento técnico de produção e armazenamento, ainda não conseguimos

alimentar todas as pessoas, mesmo que tenhamos há pelo menos 70 anos, produção suficiente para alimentarmos todo o mundo. Não honramos nossos ancestrais, muito menos nossos descendentes. Ou seja, existe uma lógica nociva para a humanidade, a de acumulação demasiada (vamos ao mercado e enchamos o carrinho de coisas que nem vamos precisar, mesmo assim compramos). Que nos coloca frente à uma calamidade planetária, ao passo em que a grande maioria da população mundial está sucumbindo devido à uma mínima minoria (sim, com pleonasma), que detém a esmagadora maioria do capital financeiro existente. E, com isso, detém todos os meios de produção, comunicação e comercialização necessários à vida dos seres humanos. É extremamente grave, é uma "situação limite" (RIBEIRO, 2020).

Diante deste cenário Sidarta Ribeiro (2020) nos propõe que devemos "recobrar a arte de sonhar e criar maior introspecção", para que seja possível estabelecer o diálogo fraterno com os povos e saberes tradicionais, o contato com nossos ancestrais, a escuta atenta dos povos originários e dos mestres e mestras do saber popular. Assim, se conseguirmos incorporar e sintetizar todo esse conhecimento que até então vem sendo cada vez mais marginalizado, vamos estabelecer uma conjunção de fatores que irão convergir para suplantarmos a crise planetária em que vivemos.

Na avaliação de Morin (2019a), o mundo perdeu o rumo diante da vida pautada pelos valores econômicos,

quando os interesses financeiros sobrepujam os interesses comunitários, põe-se em marcha a ruína das sociedades. A ganância imediatista faz com que nos esqueçamos de cuidar uns dos outros e de preservar o Planeta para o usufruto de nossos descendentes. É nesse terreno que suas crenças servem a uma fruição artística passível de ser democratizada. (2019a, sem paginação)⁸

Precisamos viver a estética que é a vida. A estesia que nos possibilita sentir. Que nos dá a compreensão da espiritualidade, aquela que nos agita, nos anima, nos dá a latência do viver. Só assim iremos conseguir propagar a

⁸ Esta citação direta e as demais desta obra e autor estão sem número de página por se tratar de uma obra em meio eletrônico não paginado.

ideia da educação ambiental espiritualizada, tese que defendo ao longo dessa pesquisa.

Dedico este parágrafo em especial para justificar minha tese, a educação ambiental espiritualizada, a qual acredito ser não a única solução, mas sim uma alternativa possível e viável para que possamos praticar e educar com o olhar da complexidade que é a vida. Pela definição da palavra espiritualizada no dicionário, temos que é um adjetivo próprio de quem se espiritualizou, que tem qualidades superiores, algo elevado ou sublime. Relativo a quem se interessa pelas coisas do espírito. Dar sentido ou extrair a essência, até mesmo despir-se dos apetites carnis e afeições mundanas. Próprio de quem deseja aspirar ao que é espiritual. Algo que recebeu um espírito ou uma alma. Estas são definições que caminham no sentido que busco com a tese proposta.

Esta perspectiva que proponho para a educação ambiental consiste na perspectiva de religar a dimensão espiritual ao humano. Ou seja, compreendermos que somos carne e osso, mas também somos espírito, fonte maior de energia vital. Nós somos seres pensantes, mas também sensíveis, que acumulam saberes de nossos ancestrais, somos seres capazes de contemplar, de amar ao outro além de si mesmo. Pois “a educação ambiental é uma dimensão indispensável do tornar-se humano” (LOUREIRO, 2019, p.21). A partir do momento em que o ser humano entender que a transitoriedade dele é relativa (seremos ancestrais e somos descendentes), é uma transitoriedade de matéria, física, não de energia e significado, não de espírito e saberes. Compreender a espiritualidade tal qual os indígenas que

atinaram com a vocação fundamental de nossa efêmera passagem por este mundo que é captar a majestade do universo, saborear a beleza da Terra, celebrar a vitalidade de todas as coisas e tirar do anonimato a Fonte originária de todo ser, chamando-a por mil nomes, como Palop, Tupã, Ñamandu e outros. (BOFF, 2022, p.231)

Isto é, aprendamos com as culturas dos povos indígenas. Sejamos pensadores, porque “o pensador reconhece a arte, em suas diferentes formas de expressão, como uma fonte pulsante de vida, como uma escolha humana de abrir-se a uma existência poética”, analisa Morin (2019a). É uma produção

artística que compreende a reflexão sobre os dilemas reais do ser humano, com todas as mazelas e tristezas que fazem parte de nossa aventura na Terra continua Morin (2019a). Levando em consideração nossa incompletude e o mar das incertezas, os percalços são inerentes à condição humana, e olhar a vida com uma perspectiva poética nos trará uma condição mais humanizadora e leve de lidarmos com as dificuldades, e daí em diante estabelecermos uma educação ambiental mais do que crítica e emancipadora do sujeito; uma educação ambiental espiritualizada.

Para Morin (2019a), a arte é o que move o espírito, “sentir é necessário à alma, é onde todos são iguais, independentemente de posição ou privilégio” A proposta de Morin, tão necessária em tempos de individualismo e intolerância, é desvincular o deleite estético das obras de arte classificadas como tais, ampliando a vivência para tudo o que nos cerca. De certa forma, é como se recomendasse inverter o sentido, valorizando, então, como fruição estética, a apreciação do que nos move o espírito. Se damos ou não a isso o nome de arte é questão de menor importância. O segredo está em se deixar encantar (MORIN, 2019a).

É gratificante poder ler tais palavras e ver que sigo numa direção semelhante, por acreditar sempre no humano, no amor, na espiritualidade, devemos ser “gulosos, que dizer, façamos o uso das potencialidades criadores do *sapiens-demens*, esse animal que sonha acordado, projeta utopias, cria mundos e culturas. O que temos hoje é produto de sonhos e projeções humanas” (ALMEIDA, 2012, p.54-55).

Não poderia finalizar esta etapa da nossa viagem pelas águas profundas sem fazer uso de algumas palavras de exaltação e que nos coloque no prumo do esperar freireano, palavras alegres deixadas por Edgar Morin, um dos fatores que me motivam a sua leitura, são exatamente esses caminhos que ele sempre nos aponta. Ele acredita na necessidade de dizer que:

Sejamos irmãos porque estamos perdidos num Planeta suburbano, de um sol suburbano, de uma galáxia periférica, de um mundo desprovido de centro. Mesmo assim, possuímos plantas, pássaros, flores, assim como a diversidade de vida, as possibilidades do **espírito humano**. (MORIN, 2014, p.41)

Sejamos então, a partir de agora e por onde formos, educadores ambientais espiritualizados. Vamos beber das fontes dos mestres citados ao longo deste capítulo, para nos fundamentarmos em nossa compreensão de mundo e nossa essência.

Tenho a esperança, no sentido freireano, verbal, de esperar, de que a sociedade ao se atentar aos fundamentos expostos diante das páginas desse longo capítulo, será uma “humanidade melhor, mais sensível, mais participativa, mais servicial, mais integrada, mais ecológica e mais espiritual” (BOFF, 2022, p.236).

Para isso que esta pesquisa foi desenvolvida. É nesse sentido que irei lutar a partir do término dessa etapa. Por isso fiz questão de escrever o texto de maneira simples, de fácil compreensão a quem o lê. Para que tais ideias possam flutuar por aí afora. Fazendo despertar em muitas pessoas a Fonte originária de todo o ser, a espiritualidade.

ILHAS DE RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS NUTRITIVAS



Fonte: Fotografia do próprio autor

4 ILHAS DE RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS NUTRITIVAS

Na vida precisamos sempre nos reabastecer, seja de energia, de alimentos, de água ou de sentimentos, é algo primordial para que o fluxo seja seguido. Nesse sentido, conheci pessoalmente em um dos projetos de educação ambiental que participei, uma pessoa muito iluminada e espirituosa, quem me falou pela primeira vez das ilhas de resistência. Um cara que ama poesia, viajar, escrever, contar histórias, por acaso ele também foi orientando de mestrado na mesma base que a minha e com a mesma orientadora. Oportunizando-me algumas trocas de ideias com ele, trata-se de Juliano Petrovich, de quem aqui falarei bastante, mas devido a linguagem da ABNT, chamando-o de Bezerra (2015), em referência ao seu livro publicado a partir do texto de sua dissertação de mestrado.

Aproveito das ideias de Bezerra (2015, p.27) para contextualizar as Ilhas de Resistência, que são

além dos movimentos sociais que reivindicam melhorias para a população, que é o que mais estamos acostumados a ver; são lugares, pessoas, ilhas que mantêm costumes e saberes antigos, formas particulares de sentir o mundo ao seu redor, os homens, os animais, as plantas, as rochas, até seres não viventes, mestres ou encantados, guias espirituais; são, ainda, espaços onde se preze pelo Amor, pelo Respeito, pelo Carinho, pela Hospitalidade, pela Simplicidade, dentre outros valores tão fragilizados na atualidade.

Ele conta que pensou a primeira vez nessa definição ao olhar para o mar e pensar nas coisas da vida. E então observou que vivemos em um oceano de hegemonização e padronização cultural, muito disso consequência da globalização. Vale destacar que Edgar Morin defende que a globalização não se deu apenas com o avanço das tecnologias de comunicação e informação. Na verdade é um processo de dominação europeia desde as grandes navegações em meados do século XVI. A partir daquela época, os europeus destruíram territórios, seus povos e costumes implantando opressivamente sua cultura. Basta olhar para a história e identificar a quantidade de colônias que existem ainda nos dias atuais.

A globalização, também chamada por Edgar Morin como mundialização implantou no mundo a ideia da existência de um padrão único, europeu, esbranquiçado, machista, patriarcal e consumista. Ao ponto de terem difundido a imagem de Jesus Cristo como um homem branco de traços europeus. Ora, o pastor, teólogo, deputado federal e historiador Henrique Vieira argumenta essa contradição em várias de suas palestras e, defende categoricamente que Jesus é negro.

Jesus foi um resistente! Afirmar que Jesus é negro não significa criar um discurso contra os brancos, mas quer dizer que Jesus assume esse lugar, essa luta, essa resistência dos oprimidos contra os privilégios e as injustiças, até que finalmente sejamos todos e todas iguais em nossos direitos, respeitados e respeitadas em nossas diferenças. (VIEIRA, 2017)⁹

Jesus Cristo nasceu na palestina e foi levado em fuga para o Egito, fugindo do rei Herodes, para não ser percebido. Como que um menino branco de olhos claros seria escondido justamente no Egito, país africano? Essa mudança étnica feita na pele de Jesus se deu com a expansão das navegações marítimas europeias, com a colonização e a escravidão, pois ter a imagem de um Jesus branco era mais conveniente para tentar justificar todo o discurso da inferioridade dos negros e indígenas. Jesus com a imagem de um afro-asiático (como de fato ele era) seria no mínimo um incômodo, um constrangimento para o branco europeu colonizador e para os escravocratas americanos, ditos cristãos. Jesus negro seria uma ameaça ao poder, principalmente da igreja na Europa.

Nesta mesma linha de raciocínio Loureiro (2019, p.39) diz que a Europa, com seu eurocentrismo colonial, tinha a intenção da

materialização de um projeto civilizatório que, para ocorrer, exigiu obrigatoriamente a negação do outro em qualquer lugar, uma vez que as relações sociais fundadas na produção de mercadorias, na apropriação privada, na exploração do trabalho e na expropriação de meios de vida – territórios, técnicas, saberes, culturas etc. – exigem a universalização de um padrão único de sociabilidade, seus valores e culturas.

⁹ Esta citação direta e as demais desta obra e autor estão sem número de página por se tratar de uma obra em meio eletrônico não paginada.

Nesse mesmo sentido, Leonardo Boff argumenta que com os povos indígenas não foi diferente:

Pelo contrário, a história hegemônica foi ganhando ares cada vez mais de verdade absoluta e as populações originárias – suas histórias, suas sabedorias, suas metafísicas, suas pedagogias – apresentadas como atraso, selvageria e apego ao passado. Tal discurso ainda está presente e continua fazendo eco nas instituições escolares e culturais. (BOFF, 2022, p.11)

Portanto, podemos observar que os efeitos da globalização vêm de centenas de anos, diferente do que muitos acreditam que são algumas décadas com a internet. Como argumenta Morin (2020), é que observamos atualmente um perfil de globalização quase que exclusivamente econômico e tecnológico e o pior, sem solidariedade. Tanto que com a chegada da pandemia do novo coronavírus, se observou que cada nação se fechou em si mesma. Uma coisa que devemos estar atentos hoje em dia, é que existem perigos comuns para todos os humanos de todos os continentes, são eles: os perigos ecológicos frutos da degradação da natureza, o perigo do desenvolvimento cada vez maior das armas de destruição em massa, os perigos nucleares, os perigos das ideologias fanáticas e autoritárias, de uma crise global da democracia, e o grande perigo do poder do dinheiro (capital) sobre o mundo e a política. Ou seja, temos problemas vitais para todos, e isso deve ser discutido nas redes de conhecimento, de comunicação, sob uma visão mais humana, mais espiritualizada, mais aberta, logo, mais complexa em sua definição mais fiel. Essa é uma estratégia primordial para o bem viver numa globalização que está instaurada no mundo de hoje.

Desde o final de 2019 e início de 2020, vivemos um fenômeno mundial de saúde global, mas a pandemia é apenas a ponta do Iceberg. Devemos observar que não é apenas uma crise sanitária, mas sim o esgotamento das esferas da política, economia, da convivência social, do bem viver, da ética. São fatores múltiplos que comprometem o equilíbrio psíquico, físico e mental da humanidade como um todo (MORIN apud ALMEIDA, 2021).

A mundialização repetida muitas vezes por Morin em várias de suas obras, é uma aventura em uma nave desgovernada devido à desarticulação da técnica, ciência, economia e política. Caracterizando a disjunção que ele tanto criticou. Temos conhecimento suficiente, mas não se tem a consciência, ou até

mesmo a vontade da religação dessas áreas para que seja possível suplantarmos o patamar mundial que vivemos.

Tivemos uma grande chance com essa terrível pandemia que nos trancafiou em nossos lares, mas pelo visto não aproveitamos. Edgar Morin também orienta que o confinamento físico e social necessário durante a pandemia, deveria promover nas pessoas o confinamento espiritual, que alimenta um olhar do sujeito em para si mesmo, um acesso ao seu próprio 'eu', bem como deveríamos nos proporcionar uma reflexão individual, fundamental para a melhor convivência entre as pessoas.

Mas pelo contrário, já vivíamos na era das telas, e a pandemia serviu para acentuarmos a do online, devido ao distanciamento social imposto por ela. Isso tem gerado uma overdose de consumo, comunicações e conexões virtuais, deixando assim, pouco tempo para a introspecção tão necessária e vital para uma ética do bem viver. Ceiza Almeida (2021) diz que "a convivência consigo mesmo se torna cada vez mais uma aptidão humana em desuso". Tudo isso tem como consequência a escassez do ensinamento de valores como compaixão e solidariedade. Leonardo Boff diz que "não há limites para a cooperação, a generosidade, a criatividade, a arte e o amor" (2013b, p.144). Cada vez mais estamos nos adentrando em uma individualização doentia e problemática.

Gosto de ler e estudar as ideias de Edgar Morin porque ele sempre nos deixa esperançoso, mostra o panorama, mas deixa caminhos e possibilidades para tentarmos superar a crise instaurada. Nessa perspectiva ele defende que uma das vias de saída para a regeneração das sociedades pode ser a ultrapassagem da mundialização como modelo único no qual estamos inseridos e cada vez mais assolados pela força do capital e da efemeridade das coisas.

Para isso ele sugere as Zonas de desmundialização, que se regem de maneira mais lenta, mas não de como forma de retardar os processos da vida, pelo contrário, respeitando os ciclos naturais da vida, para salvaguardar as autonomias fundamentais das culturas. Em outras palavras, zonas que respeitem modos de vida em compasso e em simbiose com a natureza estendida. São zonas que permitem os modos de viver plurais, em que a diversidade não é respeitada por decreto, mas sim pelo simples entendimento

da importância desta como valor fundamental numa sociedade. São lugares que mantem vivo o sentimento de parentesco entre nossa espécie e as outras espécies do Planeta, haja vista que nós seres humanos somos natureza e temos múltiplas relações de interdependência com os demais seres vivos e não vivos. E mais, as zonas desmundializadas alimentam o espírito xamânico, os saberes dos povos originários, o êxtase criativo, o diálogo consigo mesmo.

A meu ver e em concordância com Edgar Morin e Ceiza Almeida, essa mudança deve ser urgente e ser concebidas como inegociável obrigação a ser praticada pelos que sustentam a hegemonia de uma cultura mundial obcecada pelo lucro, pela pressa, pela substituição e pela supressão de parte de nossa memória ancestral.

Como salienta também Loureiro (2019) o assolamento e extermínio das populações tradicionais, suas ancestralidades e seus modos de ser e estar no mundo, comprometem a memória da espécie, da humanidade como um todo. Parece que estamos construindo uma civilização planetária da amnésia, da anestesia, das monoculturas, do valor duo do poder e do capital, que tem nos empurrado para o fim do mundo, citado por Krenak (2019) ao propor as ideias para adiá-lo. Temos todos o direito de viver nossa diversidade cultural. Não podemos ser obrigados pela globalização, a fazermos tudo por uma só linguagem.

Contudo, julgo necessário, na verdade vital para a existência humana na Terra, que reivindicemos as zonas de desmundialização em toda sua complementaridade e complexidade, ou teremos o extermínio físico e simbólico das culturas e povos tradicionais, que são em grande parte as reservas antropológicas da humanidade. É preciso urgente sobretudo num mundo globalizado, fazer a religação dos saberes da cultura científica e humanística letrada, com os saberes ancestrais, das comunidades originárias que nos antecederam no tempo e que não estão ultrapassadas.

Essa é uma escolha, que mesmo marcada pela incerteza, foi a que escolhi, como forma de sonhar, de esperar, de buscar ideias para adiar o fim do mundo, na luta por um mundo melhor, na salvaguarda e multiplicação dos oásis (MORIN, 2019), das ilhas de resistência (BEZERRA, 2015), das zonas desmundializadas (MORIN, 2012) e das reservas antropológicas da

condição humana (ALMEIDA, 2021), como forma de afeto pelas outridades regados de gratidão, amizade e ecologia das ideias.

Assim, tenho a convicção de que esta é minha contribuição estética na constituição de uma sociedade planetária pautada na educação ambiental espiritualizada. Embora entenda como equivalentes os oásis, as zonas desmundializadas e as reservas antropológicas, escolhi as **ilhas de resistência** para nutrir-nos durante essa viagem que fazemos ao longo das águas que me conectam. Pois como aprendi com Tereza Vergani busco fazer da pesquisa uma ternura afetiva, um ato afetivo.

4.1 CONFERÊNCIA NACIONAL INFANTOJUVENIL PELO MEIO AMBIENTE

Este é um arquipélago no qual encontrei a primeira ilha em 2003, quando estava numa tarde pós almoço em casa, sem muita perspectiva do que fazer, até que minha mãe me convida a participar de uma reunião em que um grupo de jovens estavam debatendo o tema meio ambiente em uma tal conferência. Assim cheguei até a denominada Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA). Iremos aqui destacar um pouco da metodologia no processo de formação de jovens por meio dessas Conferências, política pública desenvolvida pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo Ministério da Educação.

A ideia inicial foi inspirada nas Conferências Nacionais, que se constituíram numa proposta de participação e controle social implementada em meados de 2003 pelo Governo Federal, como instrumento de formulação de políticas públicas. A versão infantojuvenil surgiu juntamente com a primeira Conferência Nacional de Meio Ambiente, como um desejo da ministra Marina Silva, em responder a uma pergunta de sua filha se era possível realizar uma conferência para crianças. Diante disso, a Ministra levou a ideia para sua equipe do Ministério e tomou corpo como uma grande ação de educação ambiental capaz de contribuir para a formação de jovens ambientalistas aptos a intervirem nas políticas públicas de Meio Ambiente e Educação, dando respostas ao cenário de grave crise ambiental global.

Aqui neste arquipélago iremos encontrar cinco ilhas, cada uma representa uma edição da Conferência já realizada, a primeira ilha descoberta em 2003 e a última deste arquipélago descoberta em 2018.

Em cada edição as conferências foram realizadas em várias etapas, iniciando com o processo de formação da equipe metodológica e de gestão, a qual ficou à frente de todo o processo, inclusive com jovens em sua composição. Após este primeiro momento de encontro dos jovens na conferência da escola, há a etapa regional e estadual, concluindo com a Conferência Nacional. Desta forma, a CNIJMA se consolida como um processo de aprendizagem complexo, uma vez que se desenvolve de maneira participativa e interligada com a escola e a comunidade na qual está inserida.

As conferências têm como valores, sobretudo, a cidadania, o afeto, a educação ambiental, a responsabilidade, o contato entre as pessoas, a sustentabilidade, os direitos humanos, o amor e a paz, os quais serão detalhados a seguir e evidenciados também nos relatos de participantes que trago no próximo capítulo.

Posso afirmar que já estive nessas ilhas, onde vivenciei o ciclo de conferências, desde sua primeira edição em 2003 até a última, em junho de 2018, nas quais desempenhei vários papéis ao longo deste percurso, desde jovem formador, passando pela representação da juventude, até chegar à condição de membro da organização técnica, em sua última edição.

Dessa forma, o que me motiva pesquisar a CNIJMA e entendê-la como uma ilha de resistência é acreditar neste método de aprendizagem complexo, recheado de afeto, de conhecimentos, de amizades e, acima de tudo, de responsabilidade, ou seja, um projeto que trabalha a educação ambiental espiritualizada, tal qual fora apresentada e defendida anteriormente. Por tudo isso, tenho a convicção que o jovem delegado ou delegada, participante deste modelo de aprendizado, torna-se um cidadão mais consciente de seu papel junto à sociedade, ou seja, um protetor do meio ambiente em sua totalidade.

Posso afirmar que, devido aos meus conhecimentos atuais, provenientes das leituras desenvolvidas desde o mestrado até então, consigo observar que a partir de seu primeiro momento, a Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente foi um processo complexo de formação do indivíduo, vez que, sua metodologia sempre priorizou o ensino das temáticas abordadas com a lógica do sensível, permeada, como disse anteriormente, pela cidadania e o respeito, trabalhando com a importância da representatividade e o aprendizado intergeracional, em que fora preservado o afeto, o lúdico, o contato direto com as diversas formas da natureza, o entendimento do ser humano sua constituinte, a importância dos povos originários, dos saberes tradicionais, da qualidade alimentar. Enfim, é uma aprendizagem complexa, que inclui e conecta saberes, ao invés de propor a disjunção. Diante disto, defendo que este é um processo que possibilita aos jovens participantes, uma formação complementar que poderá resultar em um fazer cidadão, permitindo a reflexão acerca de sua educação ao longo da vida.

Para conhecermos mais deste arquipélago, falarei um pouco sobre ele: seu nome completo e composição é Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA), uma iniciativa do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), constituído pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Foi idealizada no ano de 2003, pelo Ministério do Meio Ambiente, e difundida junto aos demais órgãos envolvidos. É uma estratégia de mobilização de estudantes, adolescentes e jovens de todo o país, visando promover a reflexão, o desenvolvimento de estudos e pesquisas, a inserção do jovem nas tomadas de decisão, além de estimular o protagonismo por meio da elaboração de ações e projetos no contexto da temática socioambiental, considerando, sempre, seus desafios e alternativas.

Como dito, começa pela escola e abrange seu entorno. O público participante direto é compreendido por crianças de 11 a 14 anos, inseridos nos anos finais do ensino fundamental, que serão escolhidos como delegados ou delegadas, para representarem suas escolas, projetos, ideias, cidade e estado, ao passo que avançam em cada uma das etapas, desde a conferência na escola, até a conferência nacional.

Um dos dispositivos legais que dão suporte à Conferência, são as orientações expressas na lei 9.795/99, cujo artigo 2º diz que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (BRASIL, 1999). E ainda em seu artigo 3º

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo:

I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

II - às instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem;

III - aos órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - Sisnama, promover ações de educação ambiental integradas aos programas de conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente. (BRASIL, 1999)

Fica, portanto, evidenciado que a Conferência é um dever incumbido ao poder público e às instituições educativas, para que fomentem em seus programas a educação ambiental de maneira ampla e complexa. A participação na CNIJMA se dá por meio de adesão espontânea das escolas do segundo segmento do ensino fundamental, ou seja, do 6º ao 9º ano. Um caráter muito importante é a participação dos jovens de ações afirmativas, que estiveram presentes por meio das escolas indígenas e quilombolas, como forma de garantir a participação de diferentes grupos culturais e étnicos, em geral excluídos de processos majoritários. Outros fatores considerados também foram o devido equilíbrio de gênero e a representação de escolas do meio rural e urbano.

Isto posto, digo com convicção que a conferência é um processo pedagógico, dinâmico, de diálogos e encontros, voltado para a valorização da cidadania nas escolas e comunidades a partir da educação ambiental crítica, participativa, democrática, afetiva, e transformadora, ou seja, uma educação ambiental espiritualizada. Ela se caracteriza como um processo dinâmico de encontros e diálogos, para debater temas propostos, deliberar coletivamente e escolher os representantes que levarão as ideias consensuadas para as etapas sucessivas. Podemos considerar que todo esse processo de conferência, representa um marco histórico na política de Educação Ambiental do país, principalmente por envolver crianças, jovens e adultos, todos num mesmo processo de aprendizagem e de educação ambiental.

De 2003 a 2018 foram realizadas cinco edições da Conferência Nacional. Vale destacar que, no âmbito dessa tese apresentarei as metodologias utilizadas, especificamente, na realização das Conferências Nacionais, e que serviram de esteio para as demais, a dizer, as escolares, regionais e estaduais. A seguir observaremos alguns dados dessas edições¹⁰.

¹⁰ Os dados de todas as edições das CNIJMA foram extraídos do Relatório Final de cada edição, elaborado pela equipe organizadora nacional e disponibilizado na página digital do Ministério do Meio Ambiente, cujas referências estão devidamente organizadas ao final deste trabalho, conforme normatiza a ABNT. Exceto os dados da quinta edição, que não tem relatório final publicado, cujos dados foram retirados de documentos internos e informações pessoais do autor, haja vista que participei da equipe organizadora nacional.

4.1.1 Primeira CNIJMA - 2003

Primeiramente apresento os dados quantitativos, que demonstram a amplitude desta sua primeira edição, que envolveu exatas 15.452 escolas, mobilizando aproximadamente 5.658.877 pessoas em 3.461 municípios em todo o Brasil. Por se tratar de uma proposta inicial, sem nenhum projeto dessa abrangência já realizado, foram, a meu ver, números expressivos alcançados. A Conferência Nacional contou com a participação de 11 observadores internacionais, provenientes de países africanos (Angola, São Tomé, Cabo Verde, África do Sul e Guiné Bissau) além da presença de convidados do México e da Índia.

A temática abordada foi 'Vamos Cuidar do Brasil' cuidando de nossa água, dos seres vivos, do nosso alimento, da escola e da nossa comunidade. Pode-se observar que a temática contempla muito do que preconiza a educação ambiental retratada nesta tese, em que se pese que o ano era o de 2003, muito do que hoje conhecemos, ainda não conhecíamos até então.

Na programação da conferência evidencio os momentos: trilha da vida, sarau e ritual das sementes, teatro, jogos de base, momento criativo, apresentações culturais, e plantio de árvores (agrofloresta, a prática de promover a vida). Observo que por essa programação é possível identificarmos o caráter lúdico por meio dos jogos criativos, momentos em que se preserva a importância da poesia e da arte, discussão da ancestralidade com a dinâmica das sementes e apresentações culturais. Ou seja, são fatores que caracterizam a abordagem da educação ambiental espiritualizada. A metodologia que foi trabalhada englobava a participação das crianças em parceria com os jovens, como forma do aprendizado intergeracional, além de conter momentos de troca de experiências e amizade. Lembro inclusive que existiu um momento de conversa das crianças com a Ministra do Ministério do Meio Ambiente.

A conferência culminou na elaboração da carta das responsabilidades intitulada "Jovens cuidando do Brasil", entregue ao Governo Federal, na qual os delegados se comprometiam a adotar medidas a serem cumpridas ao voltarem para as suas escolas e comunidades.

4.1.2 Segunda CNIJMA – 2005/2006

Em relação aos dados quantitativos, temos que a segunda edição foi realizada em 11.475 escolas, abrangendo 2.865 municípios e mobilizando cerca de 3.801.055 pessoas. Os temas abordados tiveram por base os quatro acordos internacionais dos quais o Brasil estava como signatário: Protocolo de Quioto, Convenção sobre a Diversidade Biológica, Declaração de Roma sobre a Segurança Alimentar Mundial e Declaração de Durban contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, desdobrando-se nas quatro temáticas que foram mudanças climáticas, biodiversidade, segurança alimentar e nutricional e diversidade étnico-racial. Desta forma, demonstrava a preocupação com o meio ambiente em um país composto por vasta diversidade, com um dos maiores patrimônios sociais, culturais e naturais da Terra.

Foi uma conferência com processo inovador, que coloca em prática o papel dos jovens como sujeitos sociais que atuam e intervêm na realidade, e que o processo de aprendizagem e político são construídos a partir das experiências dos próprios adolescentes de forma criativa.

O eixo central da programação foi a possibilidade de diálogo e construção de compromissos coletivos entre adolescentes de todas as regiões e realidades do país, valorizando toda diversidade existente – regional, social, cultural, étnico-racial. Foi um momento ímpar de trocas de olhares e experiências. Foi composta pelos seguintes momentos: almoço com histórias, testemunhos, recreação, oficina de instrumentos, atividades musicais, momentos de socialização, apresentação cultural dos estados, cultura, vivência musical e teatro. Posso dizer que acredito nessa proposta de formação, proporcionando um ambiente leve, jovem, e diversificado, possibilitando o surgimento de grandes ideias inovadoras, capazes de transformar a realidade rumo à sustentabilidade.

Um momento crucial que considero desta edição foi o almoço com histórias, no qual os indígenas, quilombolas, assentados rurais, caiçaras, ribeirinhos e meninos e meninas em situação de rua compartilharam as suas histórias e experiências de vida. Esse encontro proporcionou uma troca rica de vivências, convergindo no fortalecimento da identidade étnico-racial, cultural e

regional e de reconhecimento nacional do grupo, por parte dos demais participantes.

Mais uma vez, destaco que também nessa segunda edição, foram dedicados momentos para relaxamento, diversão e integração com muitas opções de atividades recreativas e educativas de caráter colaborativo, como os jogos cooperativos e a oficina “Brincando com a Natureza”. Tamanha era a ludicidade da segunda conferência que até mesmo o controle do tempo se dava de maneira leve, tranquila e divertida, pois tínhamos os guardiões do tempo, um grupo composto por arte educadores que convidava os participantes a se direcionarem para suas atividades após os intervalos, utilizando as técnicas da arte-educação, com muita música e ciranda.

Particularmente, participei desta conferência em todas suas etapas, incluindo a nacional, vivi e senti de perto as emoções, energias, afetos e aprendizados. Posso até parecer repetitivo, mas não consigo perceber esta conferência de outra forma, senão uma prática de educação ambiental espiritualizada.

O evento final teve como resultado a “Carta das Responsabilidades – Vamos Cuidar do Brasil” que foi lida e entregue pelos estudantes ao Presidente da República, ao Ministro da Educação e à Ministra do Meio Ambiente, após uma Caminhada pela Esplanada dos Ministérios em Brasília. Mais uma vez, jovens de todo o Brasil se comprometeram a cuidar do meio ambiente. Além de escrita, a carta foi apresentada em linguagem de rádio, hip-hop, jornal e publicidade, por meio do processo de educomunicação, ensinado aos jovens durante a conferência. Nessa carta, mais do que cobrar ou exigir medidas do Governo, os adolescentes apresentaram seu compromisso com a construção de uma sociedade justa, feliz e sustentável e com "responsabilidades e ações cheias de sonhos e necessidades.

Esta edição teve como continuidade a criação e fortalecimento da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (COM-VIDAS), responsável por acompanhar a educação ambiental nas escolas e promover o intercâmbio de saberes e experiências entre as comunidades escolares.

4.1.3 Terceira CNIJMA – 2008/2009

A realização da terceira conferência foi fruto de um amplo processo de mobilização, tendo em vista as dificuldades da época. Mesmo assim, foram respeitados e vivenciados todos os princípios orientadores do processo desde a primeira edição. como a abordagem conceitual da temática, a construção das responsabilidades, o respeito ao papel dos jovens como sujeitos que atuam e intervêm na realidade e a continuidade do processo por meio da formação de Com-Vidas.

Foi uma conferência que aconteceu em meio ao enfrentamento de dois grandes desafios: um global, diante dos dados alarmantes da emergência climática, a necessidade de debatermos as mudanças ambientais globais; o outro, um local, buscar a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem e a permanência do aluno na escola, com base nos resultados do Índice da Educação Básica (IDEB) divulgados à época, além de incentivar a inclusão das questões socioambientais e da sustentabilidade no Plano Político-Pedagógico das escolas. Para tanto, foi uma conferência que visava fortalecer o papel da escola na construção de políticas públicas de educação e de meio ambiente; melhorar o desempenho das escolas participantes com base nos resultados do IDEB; e contribuir para que as escolas se tornem comunidades interpretativas de aprendizagem.

A terceira edição, contou com a participação de 11.631 escolas, envolvendo mais de 3,7 milhões de pessoas em 2.828 municípios, debatendo o tema das Mudanças Ambientais Globais. Composta dos subtemas: água, fogo, terra e ar, abrangendo a situação da atmosfera e as mudanças climáticas; da biodiversidade e a questão da homogeneização, das queimadas e desmatamento; da água e o problema da escassez, da poluição e da desertificação; da energia e mobilidade, com a questão do modelo energético atual e dos transportes.

A metodologia foi baseada na discussão sob duas perspectivas: a primeira das ciências e dos saberes tradicionais, como bases de sustentação da vida das sociedades humanas no planeta; e a outra mostra como se deu a intervenção tecnológica, intensificada após a II Guerra Mundial, e executada

de forma desvinculada de uma ética voltada para a sustentabilidade, causando impactos profundos sobre as condições de qualidade de vida da Terra.

Considero que esta conferência foi uma das mais densas de conteúdos teóricos. Porém, sua programação foi pensada numa forma de deixar as atividades leves, lúdicas e divertidas, como é característico desse processo formativo. A começar pelo diálogo conceitual, no qual os delegados e delegadas foram provocados a refletir e aprofundar conhecimentos sobre os quatro subtemas da conferência, partindo de suas próprias questões, curiosidades e interesses, como preconiza Paulo Freire. As ideias debatidas nos Grupos de Trabalho foram expressas de forma criativa em forma de produtos de educomunicação, de TeatrAção Ambiental e a Trilha da Vida.

Um diferencial dessa edição foi a criação da comunidade virtual, oficina que impulsionou a divulgação das atividades trabalhadas na etapa nacional por meio da internet, o que permitiu o acompanhamento e a interação das pessoas que não participaram do evento nacional. As oficinas de publicidade e fanzine capacitou os jovens a utilizarem uma linguagem informal e criativa, capaz de fortalecer e multiplicar ideias transformadoras que ajudem a estabelecer novos valores para as relações socioambientais. Bem como as oficinas de rádio, vídeo, teatro, que despertaram nos jovens o potencial criativo para a expressão das responsabilidades por meio de símbolos, marcas, técnicas de comunicação e outras formas de linguagem. Foi uma oportunidade para conhecer elementos da produção cultural, jogos e técnicas teatrais para a mobilização social.

Também realizaram um plantio simbólico de árvores em Luziânia/GO, com o intuito de aliviar o impacto ambiental causado pela conferência. Esta foi uma estratégia para inserir o debate sobre a redução da chamada “pegada ecológica”, mediado pelo professor Genebaldo Freire, que fez uma reflexão sobre a importância de rever nossas posturas e valores frente ao mundo.

Como de praxe, as noites eram preenchidas por muita apresentação cultural, música e dança. Na noite dos Brasis os indígenas, quilombolas e assentados rurais puderam compartilhar suas histórias e experiências de vida com os demais participantes. Houve também apresentação cultural de cada delegação, mostrando a cultura, saberes e costumes do seu Estado. No

encerramento foi realizada uma grande festa com a Ciranda dos Quatro Elementos, para celebrar os aprendizados e as conquistas.

Como resultado, a produção de materiais de educomunicação e elaboração da “Carta das Responsabilidades para o Enfrentamento das Mudanças Ambientais Globais”, a qual apresenta os compromissos e propostas dos estudantes. O diferencial desta edição foi a distribuição da carta para todas as escolas que realizaram conferências no país, comunicando para a sociedade brasileira os compromissos dos jovens com o meio ambiente, além de ter sido entregue às autoridades do Governo Federal e representantes do Congresso Nacional em Brasília.

Mais uma vez, preciso dizer que não consigo compreender todo esse processo de outra maneira, senão, um processo de educação ambiental espiritualizada.

4.1.4 Quarta CNIJMA – 2013

Realizada em 2013, obteve a participação de 16.538 escolas envolvendo 5.193.881 participantes em 3.519 municípios. Teve como tema central ‘Vamos cuidar do Brasil com as escolas sustentáveis’, colocando em evidência o papel das escolas na mudança da realidade local, no envolvimento com a comunidade escolar. Como o tema central era promover escolas sustentáveis, a equipe nacional não mediu esforços para alcançar o maior número possível de escolas participantes, envolvendo o universo das escolas, públicas e privadas, urbanas e rurais, da rede estadual ou municipal, incluindo escolas de comunidades indígenas, quilombolas e assentamentos da reforma agrária. No intuito de fortalecer o engajamento de todo o segmento escolar em processos reflexivos sobre temas socioambientais contemporâneos.

Esta edição teve como proposta a elaboração, por parte dos alunos, de projetos de intervenção local que propunham uma transição da sua escola rumo à sustentabilidade ambiental. Assim, por meio de projetos de intervenção articulados com os três eixos: gestão, currículo e espaço físico as escolas se constituíram como espaços educadores sustentáveis.

A metodologia escolhida para essa etapa visava dialogar e pactuar com todos, os valores necessários para condução do jogo proposto, como

amabilidade, cooperação, respeito, segurança, responsabilidade, diversão, alegria, firmeza e coerência. Os pilares desse jogo eram a cooperação (atenção e cuidado uns com outros) e o trabalho conjunto (abertura para o novo e capacidade de responder a imprevistos, diálogo, conectividade, autonomia/interdependência, gestão colaborativa, comunicação horizontal e fluida), para que todos pudessem por meio desse jogo “VenSER Juntos”. Em todos os momentos das atividades oferecidas foi propiciada inclusão, dentro de um processo cooperativo, prazeroso, efetivo e transformador.

A proposta do jogo baseava-se na Pedagogia da Cooperação¹¹ que propõe um caminho de “ensinagem”¹² compartilhada, em que cada um é considerado mestre-aprendiz, *com-vivendo* a descoberta de si mesmo e do mundo, por meio do encontro com outras pessoas e diante de situações-problema, que desafiam a encontrar soluções cooperativas para o sucesso de todos e para o bem-estar *como-um*.

As três principais atividades foram os Jogos Cooperativos (ajuda a reconhecer a importância de aprender a fazer com o outro e a valorizar os processos de construção coletiva); as Danças Circulares (ressaltam a importância da diversidade entre os povos despertando o sentido de unidade Planetária); e o diálogo (aprendermos que não estamos jogando uns contra os outros, mas todos com todos). São perspectivas que tornam possível o fluxo de sentidos e significados, fazendo surgir uma compreensão nova criativa e coletiva. Processos que permitem sustentar e promover um ser-estar cooperativo, como uma nova linguagem pedagógica, combinando sabedoria ancestral com recursos da modernidade.

Diferente das edições anteriores, o produto entregue à Presidenta foi uma caixa contendo os 107 projetos selecionados nas 27 unidades federativas para a etapa nacional, representando as escolas participantes de todo o país que aderiram ao processo da IV CNIJMA. No ato da entrega, durante a solenidade, alguns delegados leram uma carta para contextualizar a proposta metodológica da conferência.

¹¹ Os escritos sobre a Pedagogia da Cooperação são baseados nos textos do mestre em Jogos Cooperativos e cofundador do Projeto Cooperação - Comunidade de Serviços, Fábio Otuzi Brotto.

¹² Conforme definição do Fábio Brotto, “ensinagem” é uma palavra síntese criada por Neyde Marques para referir-se àquilo que é essencial no processo de ensino-aprendizagem.

Posso dizer que esta quarta edição permitiu uma inovação ao promover a união entre Sustentabilidade e Cooperação. Fortaleceu os propósitos transformadores na formação dos jovens, já trabalhados historicamente nas outras edições conferência. Trouxe à tona, mais uma vez, o fundamento da educação ambiental defendido na tese anteriormente. Como estive presente em todo o processo, desde a escolha metodológica, os jogos cooperativos tornaram as atividades mais criativas, alegres, colaborativas e divertidas.

4.1.5 Quinta CNIJMA – 2018

A edição de 2018 foi a última e envolveu 9.695 escolas, que participaram ativamente na realização das conferências na escola, com 9.386 delegados eleitos para as etapas subsequentes, destes, 460 eleitos para participarem da etapa nacional. Foi a primeira conferência realizada sem o partido político criador do processo estar à frente do Governo Federal, o que dificultou muito o processo, e esteve na iminência de ser cancelada. Assim, foi a primeira não realizada em Brasília, mas sim em Sumaré/SP. Ainda não tem relatório final divulgado, por isso, não sabemos ao certo o número de pessoas e municípios envolvidos. Um dado negativo foi a não adesão do estado do Acre à Conferência, pela primeira vez um estado deixou de participar deste processo.

A temática trabalhada nessa edição foi “Vamos cuidar do Brasil cuidando das águas”. Traz a dimensão social e política sobre a questão da Água para os estudos e diálogos realizados nas escolas e comunidades, percebendo a água em suas múltiplas dimensões. Também foi trabalhada nas escolas com o formato de elaboração de projetos na escola, que foram trazidos para a etapa nacional e apresentados aos demais participantes.

Na metodologia, o tema água foi apresentado como uma profecia que dava início à um jogo cooperativo composto por vários desafios que deveriam ser cumpridos pelas crianças. No intuito de aprenderem brincando, puderam pensar nas etapas reais para que seu projeto de intervenção restaurativa no seu lugar (escola, bairro, cidade) possa ser executado, para isso foi ensinado aos delegados como detectar impactos e propor soluções viáveis.

Novamente com os jogos cooperativos como fio metodológico, os participantes puderam vivenciar uma experiência cooperativa de forma divertida e transformadora, assim como puderam despertar o sentimento de cuidado, ligação e pertencimento à comunidade de vida. Colocando em prática o seu melhor potencial para cuidar do Brasil, cuidando das águas.

A ludicidade, a diversão, a colaboração, o entendimento, a solidariedade mais uma vez estiveram presentes na programação. As atividades propostas foram: criação de músicas, elaboração de vídeo, sensibilização com a oficina mão na água, aprendizado sobre espécies nativas na oficina de quintais agroflorestais, diálogos sobre o consumo consciente da água, teatro do oprimido como força de expressão cultural, danças circulares e a ancestralidade e encontro com as águas interiores (momento de relaxamento e conexão interior).

São todas atividades que permitem aos participantes vivenciar valores e atitudes que apontem para a educação ambiental espiritualizada.

Findada as explanações sobre as ilhas que compõe o grande arquipélago das conferências, vemos que as temáticas das cinco edições da CNIJMA abordaram temas concretos e que pertencem ao universo dos estudantes, e são trabalhados de maneira transdisciplinar na agenda escolar, perpassando pelas variadas disciplinas ministradas em sala de aula, bem como no diálogo com a comunidade escolar. O que é amplamente defendido por Edgar Morin,

é importante ter o pensamento complexo, ecologizado, capaz de relacionar, contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida. A humanidade precisa de mentes mais abertas, escutas mais sensíveis, pessoas responsáveis e comprometidas com a transformação de si e do mundo. (MORIN, 2011, p.13)

Compactuo com as ideias de Morin, pois acredito que a EA deve ser trabalhada de forma igual entre todas as áreas do conhecimento, haja vista que os temas relacionados a ela são: ética, saúde, gênero, arte-educação, pluralidade cultural, música, etnias, mudanças climáticas, cidadania, afeto, dentre outros. Os projetos de educação ambiental desenvolvidos na Conferência são baseados na prática contextualizada entre as áreas do

conhecimento e na perspectiva da lógica do sensível, que pôde proporcionar aos participantes momentos lúdicos, porém responsáveis, de uma vivência que facilite a compreensão da educação ambiental espiritualizada. Pois é assim que acredito que as pessoas irão repensar no seu compromisso moral para com a sustentabilidade do Planeta, Casa Comum, Gaia, Mãe Terra, ou como queira chamar.

Nesse sentido, vejo que as conferências se conectam como imprescindíveis para o processo formativo em educação ambiental das crianças e jovens públicos prioritários desse projeto, pois

é dessa forma que a educação ambiental crítica, voltada para a formação da cidadania ativa e planetária, poderá ser um importante instrumento que contribua para a gestação de relações sustentáveis, em qualquer que seja o espaço, entre sociedades humanas e a natureza, já que é intrínseca, a essa concepção de educação ambiental, a conquista de espaços de participação e mobilização, nas diferentes escalas de gestão". (GUIMARÃES, 2004, p.80)

Portanto, é sobre esta perspectiva defendida por Mauro Guimarães que devemos entender a EA, como uma prática educativa complexa, para a transformação social, que necessita da ação conjunta das pessoas, das instituições e dos setores da sociedade. Como diz o Ailton Krenak, "temos que reflorestar o imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida, em vez de ficarmos repetindo os gregos e romanos" (2022, p.71).

Desta forma, acredito que os fundamentos da educação ambiental espiritualizada é um instrumento que permite ao jovem a sensibilização e posteriori conscientização, fornece o poder intelectual para acompanhar as políticas públicas ambientais e seus governantes, para cobrar a adoção de políticas humanas, ambientais e sociais justas, para agir de maneira adequada frente aos valores da sustentabilidade, do bem viver. Ou seja, a educação ambiental possibilita ao jovem uma transformação, se tornando um cidadão autônomo. Ao falar de autonomia, não há como deixar de fora o mestre Paulo Freire, que nos deixou uma das melhores definições de autonomia, ao dizer que

meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrência. Não sou apenas objeto da **História**, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, **constato** não para me **adaptar**, mas para **mudar**. [...] Ninguém pode estar no mundo, como o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luva nas mãos **constatando** apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a **inserção**, que implica **decisão, escolha, intervenção** na realidade. (FREIRE, 1996, p.77, grifo nosso)

Com isso, percebe-se que no processo de educação ambiental, o pensamento freireano está inteiramente atualizado, a educação ambiental é justamente um processo educacional que visa emancipar os cidadãos, para que eles tenham uma consciência crítica a respeito do meio ambiente como um todo, e com isso passem a agir em prol da sustentabilidade. Como prevê nossa constituição, o dever da **coletividade**, quero dizer, a Constituição é categórica, é dever nosso, de todos, promover, trabalhar em prol da qualidade de vida da Terra.

Particularmente identifico a magnitude que a Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente se tornou, isto é, uma importante ação da política pública do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Aproveito para dizer que, esta ilha de resistência foi apenas o primeiro passo dado em busca de novos espaços de formação em educação ambiental. O que culminou com o encontro de cada vez mais pessoas e dando surgimento à outras iniciativas, formação de grupos de juventude ambientalista e, inclusive, Conferências similares em outros países.

Com a experiência nos processos de Conferência, pude observar a cada ano, as ideias dos teóricos presentes nas metodologias utilizadas. Logo, são práticas pedagógicas complementares, como sugere Morin (2011, p.13),

são necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo-sociedade-natureza. Esta é a condição fundamental para a construção de um futuro viável para as gerações presentes e futuras.

Contudo, a Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente é uma prática pedagógica complexa, aborda a educação emancipadora de seus participantes, tornando-os autônomos na forma crítica de pensar, especialmente numa faixa etária de transição, compreendida entre os 11 e 14 anos de idade. Por meio de suas metodologias, proporciona aos jovens a potência do sentir, a conectar-se consigo mesmo, a se colocar no lugar do outro, a aflorar sua criatividade, contemplar a natureza, realizar trocas de energias. Permite o afeto, as múltiplas experimentações e vivências, a fusão de horizontes, a amizade, o carinho e o respeito aos diferentes.

Vale destacar, ainda, que foi a partir da CNIJMA que surgiram novas possibilidades, novas ilhas de resistência, tais como os Coletivos Jovens de Meio Ambiente e as Representatividades, conforme será destacado a seguir.

4.2 COLETIVO JOVEM

Essa certamente é a mais lúdica das ilhas de resistência que já vivenciei. Seria um oásis se estivéssemos num deserto. A alegria atinge em cheio quem desembarcar aqui para uma experiência, por mais breve que seja. Essa foi a ilha que habitei por mais tempo, exatamente toda a faixa da juventude (dos quinze aos vinte e nove anos). Uns que ali ainda se encontram, me chamam de coletivo velho, ou jovem a mais tempo, como estratégias de me manterem por perto e eu, esperto que sou, jamais me afastei desse paraíso da resistência ao mar de generalizações e padronização do mundo.

Falar de Coletivo Jovem (CJ) para mim, é falar sobre um período mágico em minha vida. Vivi e aprendi muito na fantástica troca de experiências, afetos, amizades, carinho, abraços coletivos e amores. Conheci nessa ilha alguns visitantes ilustres que nos foram ensinar um pouco de seus ideais, Michèle Sato, José Matarezi, Daniel Munduruku, Edgard Gouveia, José Vicente, Rachel Trajber, Marcos Sorrentino. Foram pessoas que nos proporcionaram momentos de grandes aprendizados. Alguns inclusive tive a honra de encontrar tempos depois, durante o doutorado.

E o que são os CJs? Como se formam? O que fazem? Como se organizam? Essas são perguntas que você, que está entrando em contato pela primeira vez com esta experiência deve estar se fazendo. Então vamos lá! A seguir irei caracterizar um pouco mais essa ilha de resistência tão cara a mim.

Foi um grupo criado a partir da necessidade de incluir os jovens no processo de construção da primeira edição da Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (I CNIJMA), em 2003, devido ao forte potencial de mobilização da juventude. No primeiro momento o nome pensado foi o de Conselho Jovem, porém logo se percebeu que tal nomenclatura suscitava a necessidade de regimentos, hierarquias que não eram o intuito para um grupo de jovens preocupados e atuantes na temática ambiental.

Diante disto, após a I CNIJMA optou-se pela troca do nome para Coletivos Jovens de Meio Ambiente, porque passava uma ideia melhor, mais leve, mais jovial, condizendo com seu público. Pois os Coletivos

tem um potencial de mobilização e articulação de pessoas, de desenvolvimento de atividades, de troca de experiências e informações, de relações de amizade, diálogo e parceria, e de muitas outras possibilidades. (BRASIL, 2005, p.15)

O primeiro chamado foi por meio de um amplo processo de articulação e diálogo com muitas organizações que trabalhavam com temáticas voltadas à juventude, mesmo que não atuassem diretamente com a educação ambiental. Um dos principais parceiros nesse primeiro momento foi o Grupo de Escoteiros. Outros convites surgiram por meio dos órgãos locais que atuavam com as temáticas ambientais, tais como o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), pelo qual surgiu o convite que recebi.

Posso dizer que a grande sacada desse grupo foi a constante preocupação em garantir a horizontalidade de todos os processos, sejam eles de formação, de escolha e posteriormente de representação. Para sustentar nossas práticas, tínhamos os **três princípios**, expostos a seguir:

✓ **Jovem Educa Jovem:** nesse primeiro a intenção era garantir o papel de protagonismo dos jovens, como sujeitos sociais que atuam e intervêm no momento presente e não num futuro próximo como muitos argumentam, porque os jovens querem fazer acontecer, no hoje e no agora, não querem esperar o amanhã, pois como alguns deles dizem, o amanhã pode nem chegar. O processo de formação deles deve ser construído a partir das experiências dos próprios jovens, por meio de Comunidades de Aprendizagem, algo bem ligado as ideias de Paulo Freire, que sempre defendeu que a educação precisa ser a partir da consciência de mundo do educando.

✓ **Jovem Escolhe Jovem:** princípio que coloca o jovem no lugar de tomador de decisão, conforme seus próprios meios de diálogo e escolha, sem a interferência de indivíduos e/ou organizações do chamado mundo adulto. A ideia maior com isso é colocar o jovem no centro da responsabilidade pelas suas escolhas, algo bastante inovador se levarmos em consideração que estávamos no ano de 2003, quase 20 anos atrás.

✓ **Uma Geração Aprende com a Outra:** o que traz à tona aqui é a importância do processo histórico de aprendizagem. Afinal toda jornada já existiram outros que nos antecederam. Estamos sempre dando continuidade a

um processo acumulado ao longo de anos por diversas outras pessoas. É um princípio que garante um equilíbrio entre novas ideias, conhecimentos, percepções, que inovam, enquanto os antigos possuem um acúmulo de experiências que é fundamental, especialmente para que os que chegam não precisem reinventar a roda. Logo, as diferentes gerações têm sempre algo a ensinar e a aprender, mutuamente.

Portanto esses princípios guiaram os CJs por todo o Brasil. Após o término da I CNIJMA, nossa situação era bastante animadora, pois conhecemos jovens de todos os estados que tinham os mesmos sonhos, desejos, práticas e expectativas, pois, até então estávamos isolados, cada um em seus estados e suas comunidades. A partir disso, foi possível estabelecer uma rede de conexão que nos integrava por todos os estados, fator que possibilitou capilarizar nossas ações Brasil afora.

Foram 10 anos seguidos de atuação em conjunto. Fomos “apadrinhados” pelos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente, os quais inclusive promoveram muitos momentos de formação para os coletivos. Realizamos muitos encontros estaduais de jovens ambientalistas, participamos ativamente das outras edições da CNIJMA, integramos comissões estaduais de meio ambiente, inclusive tivemos membros do CJ, no estado de Tocantins e no Acre, que foram nomeados secretários de meio ambiente. Foi um momento que de fato assumimos um protagonismo muito forte.

Momento importante de destacar o valor da Rede de Juventude pelo Meio Ambiente (REJUMA), que em muitos momentos se confundiu com o Coletivo Jovem. Porém a Rede era mais ampla, uma vez que era composta por pessoas que não haviam participado das Conferências e de nenhuma ação promovida pelos Ministérios “padrinhos”. Ao longo dos anos, tivemos muitas discussões acaloradas, epistemológicas, existenciais, sobre a diferenciação entre REJUMA e CJ. Confesso que nunca consegui separá-los. Sempre fui membro dos dois grupos, entendo-os como irmãos siameses não separáveis nem mesmo por via cirúrgica. Um necessita da energia vital do outro. Assim os enxergo e os encarei durante os 14 anos em que estive atuando em ambos.

Eis que em 2013, realizamos o primeiro e, até então, único Encontro Nacional dos Coletivos Jovens. Eram dois objetivos principais desse evento, que ocorreu em Pirenópolis/GO, o primeiro foi a celebração de uma década

desse grupo/movimento; aprendemos nessa caminhada a importância da celebração, da união, do afeto. O segundo foi o planejamento estratégico para caminharmos mais 10 anos rumo ao futuro. Nesse sentido, é notório que o cenário político e social brasileiro, principalmente a partir do golpe de 2016, se tornou dia após dia, menos favorável para as atividades dos Coletivos Jovens. Como reflexo desse descenso, o movimento da juventude ambientalista também teve seu declínio. Contudo, como parte desse planejamento, criamos um grupo de trabalho para elaborar a Carta de Princípios do Coletivo Jovem, na qual três novos princípios foram adicionados aos três já existentes, são eles:

✓ **Jovem Mobiliza Jovem:** cresceu muito com o advento das novas tecnologias de comunicação, passou a ser uma estratégia básica.

✓ **Jovem Cuida de Jovem e Uma geração cuida da outra:** evidenciando que o saber cuidar é essencial à condição humana. A ideia de ser no mundo, a partir da interação e intervenção na natureza, fundamenta a forma de cuidado dos Coletivos.

Atualmente, o CJ tem se tentado se manter vivo e atuante. Com a mudança do Governo Federal agora em 2023, uma nova chama se acende, no intuito de os movimentos de juventude ambientalista possam voltar a ser protagonista. No CJ, o elo de comunicação perpassa por um grupo de aplicativo de mensagens eletrônicas e por uma articulação nacional pela qual os jovens se relacionam e realizam as tomadas de decisão.

Espero, com tais informações ter respondido àquelas dúvidas lá de cima, quando comecei a falar sobre os Coletivos Jovens. Preciso agora enfatizar que no período que fiz parte desse grupo pude conquistar muitas amizades, que duram até hoje, contatos de trabalho e parcerias acadêmicas. Ou seja, a consciência que tenho hoje sobre o meu papel no meio onde vivo, sem dúvida alguma, é fruto de todas as vivências e conhecimentos adquiridos e sentidos nos anos que participei do CJ.

Posso afirmar que foram momentos da mais pura experiência estética, permeada pela lógica do sensível. Todos os momentos de encontro eram compostos pelo cuidado extremo às outridades, pela busca de uma nova via que vise o equilíbrio e a sustentabilidade planetária. Aprendi no CJ a dançar ciranda, a tomar banho de noite no mar, a mergulhar numa cachoeira gelada,

a andar descalço na terra e sentir a conexão da Mãe Terra. Conheci muitos indígenas e me permiti aprender com eles. Ouvi vários sotaques diferentes. Conheci santuários sagrados, bati tambor, virei noites tocando violão, cantando e celebrando a vida. Troquei muitas histórias e lembranças, fizemos feira de trocas de artesanatos. Vivenciei a Rio+20 e a Cúpula dos Povos. Fiquei hospedado em hotel 5 estrelas, peguei elevador com chefes de estados de outros países. Recebi convites da África e da Argentina para contar minhas experiências junto ao CJ e da REJUMA.

Ou seja, vivi e vivenciei momentos únicos, que me mostraram que ali, naquele grupo, estava sim em um lugar diferente. Amei, senti a vida como fruição, como argumenta Ailton Krenak em suas falas e escritos. É uma ilha de resistência em que hoje frequento não mais como membro ativo, mas sim como aqueles jovens a mais tempo, que servem de inspiração e orientação. Assim, seguimos o ciclo da vida.

4.3 REPRESENTATIVIDADES

Chegamos a uma ilha descoberta após as experiências dos jovens que participaram dos processos de Conferência, dos Coletivos Jovens ou mesmo da REJUMA. Aqui, sinto necessidade de dialogar sobre as representatividades pois são espaços conquistados com muita luta, argumentação, dificuldade e diálogo com e entre os mais velhos. Todas essas conquistas para que os jovens pudessem ter a inserção necessárias seja nos órgãos públicos promotores das políticas públicas, quanto em organizações da sociedade civil.

Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população compreendida entre 15 e 29 anos, consideradas jovens, representa um total aproximado de 23 % da população brasileira. Desta maneira, sentíamos a necessidade de buscarmos nossos espaços de representação, a fim de colocar em questão nossas pautas e demandas.

E por que considero as representatividades como Ilhas de Resistência? Pelo simples fato de serem espaços que dialogam com os princípios definidos por Bezerra (2015), já explicitados anteriormente. São espaços em que foi possibilitado aos jovens a sua inserção em toda sua plenitude. Respeitando a faixa etária e todas as características específicas da idade, em que a troca intergeracional sempre foi muito produtiva e enriquecedora.

As representações se deram em vários movimentos sociais e em várias organizações governamentais, tais como as duas principais delas, na minha opinião, a primeira a vaga (assento ou cadeira) que conseguimos conquistar junto ao Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), ligado diretamente à Secretaria da Presidência da República, por onde tramitam quase que todas as questões relativas à juventude brasileira. E a segunda, a vaga no Comitê Assessor do Órgão Gestor da Política Nacional do Meio Ambiente (CA/OGPNEA)¹³, instância criada dentro da estrutura do Ministério do Meio Ambiente em conjunto com o Ministério da Educação. Este OGPNEA era o responsável por pensar, criar, planejar, preparar e todas as ações de educação

¹³ Instituído pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Inserido no Art. 4º, responsável por criar o Comitê Assessor com o objetivo de assessorar o Órgão Gestor, integrado por um representante dos seguintes órgãos, entidades ou setores:

ambiental que partissem do Governo Federal e nós da juventude que tínhamos assento no Comitê Assessor (CA) fazíamos parte exatamente do assessoramento do OGPNEA quando necessário e devidamente convocados. Destaco, inclusive, que fui representante junto ao CA entre os anos de 2014 e 2018, e posso atestar que considero este espaço de representação uma ilha de resistência por ser um lugar dentro da estrutura rígida dos ministérios de governo em que prevaleciam o diálogo fraterno, a empatia, o saber ouvir, o respeito ao outro, o afeto, a fraternidade entre as pessoas. Também predominava a vontade incansável de alcançarmos uma outra lógica externa ao modelo de vida atual voltado, quase que unicamente, a valorização do capital e da acumulação. Não é demais afirmar que eram momentos de encontros recheados de abraços, de lembranças, de significados e valores intangíveis aos olhos do mundo mercantilizado.

É com imenso pesar que ao fazer esta pesquisa doutoral me dei conta de que nós, membros desses coletivos, perdemos um pouco o bonde da história ao deixarmos de registrar tantos caminhos e experiências vividas ao longo de tantos anos. Os tempos áureos de nossa democracia, pondero! Essa que sofreu tanto nos últimos anos, em especial, no (des)governo desastroso que vivemos entre 2019 e 2022.

Desta forma, não consegui encontrar nenhuma informação quantitativa fidedigna acerca destas representações junto ao Comitê Assessor. Puxando de minha memória e em conversas com outras pessoas que participaram desse período, conseguimos lembrar alguns dados. Foram cerca de 09 pessoas que representaram a juventude, no período aproximado de 2003 a 2018, o primeiro foi do estado da Bahia, seguido por São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro, Goiás e Rio Grande do Norte. Lembrando que são dados aproximados, pois nossas memórias são falhas, principalmente tomadas pela enxurrada de informações que consumimos a cada dia, mesmo que inconscientemente, devido a tantas telas que nos saltam aos olhos nos dias atuais. Considero inclusive as telas inimigas da memória, embora esteja sentado à frente de uma nesse exato momento que vos escrevo.

Outra representação conquistada pela juventude, em grande parte membros da REJUMA, foi a eleição para o Conselho Nacional de Juventude¹⁴, que tinha como atribuições, a formulação e proposição de diretrizes voltadas para as políticas públicas de juventude. Para isso também era responsável por “desenvolver estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica dos jovens e promover o intercâmbio entre as organizações juvenis nacionais e internacionais” (BRASIL, 2005). Neste espaço tivemos cerca de 04 pessoas eleitas da juventude ambientalista do país, todas oriundas dos processos de conferência e coletivo jovem. Nossa representação costumava ser compartilhada com a União dos Escoteiros do Brasil.

Neste caso em específico, por se tratar de um ambiente onde existia o conflito de interesses e foi uma representação conquistada por meio do voto entre representantes e não por indicação, foi um pouco mais delicada a participação dos jovens ambientalistas. Mas como aprendemos em nossos princípios desde os tempos de Coletivo Jovem, levávamos sempre que possível, tais valores para serem compartilhados entre os membros ali representados. Posso dizer que foi uma ilha de resistência construída pelos jovens oriundos dos processos de formação complexo advindos das metodologias de cooperação e sensibilização das conferências.

Temos ainda a representação junto à Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA); tenho em meu horizonte essa com uma grande ilha de resistência, pois suas atitudes reverberam por todos os cantos do País. Tem uma vasta quantidade de pessoas em sua malha. A grande maioria delas comprometidas com esse modelo de mundo que tanto buscamos, no qual os valores intangíveis são em suma prioritários. Vejo a REBEA como uma ilha capaz de mostrar ao “oceano de hegemonização e padronização cultural” novas formas de ser e estar no mundo, regidas pela ordem natural e sensível das coisas, fundamentos da educação ambiental espiritualizada. Estou na REBEA há alguns anos, não como representante da juventude, uma vez que não estou mais na faixa etária dos 15 aos 29 anos. Mas sim representando o meu estado de adoção, o Rio Grande do Norte, por meio da rede estadual.

¹⁴ Criado em 2005 pela Lei 11.129, que também instituiu a Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República (SNJ/SG/PR), e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem)

Outras representações estiveram no escopo de participação da juventude ambientalista, ora participantes das Conferências, ora membros dos Coletivos Jovens, ora participante da REJUMA, e em alguns casos, como o meu, inseridos nos três espaços. Posso citar também, sem muito me alongar, a representação junto ao Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (FBOMS), que tem como missão “a unificação entre as questões socioeconômicas e ambientais na busca de um desenvolvimento sustentável, com a finalidade de atingir uma sociedade mais justa, equitativa e ambientalmente correta” (FBOMS, 2018). Os registros de participação são ainda mais escassos, pois os jovens que participaram dessas indicações já não fazem mais parte da minha rede de relacionamentos, razão pela qual não consegui estabelecer contato com eles. Já tivemos também diversas representações na Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA) em muitos estados da nação.

Por fim, o que vejo primordial destacar mais uma vez é a inserção da juventude formada inicialmente pelas vivências no arquipélago das Conferências. Foram momentos que nos ensinaram a necessidade da juventude, com sua energia vital, sua vontade de mudar o mundo, sua coragem para o novo e sua alegria de viver, levar a todos os espaços que preenchemos, o desejo pela mudança da nossa realidade mercantilista que aprisiona nossos sonhos, acaba com nossa esperança e nos faz agir como um robô automatizado e alienado. Creio que conseguimos levar esta maneira estética de ser e estar em cada espaço que preenchíamos.

Sei que estou falando num tempo verbal passado. Entretanto, minha fala não poderia ser de outra forma devido ao momento político pelo qual estamos passando desde meados de 2016, isto é, ainda passamos pelas consequências de um golpe político que removeu um governo eleito legitimamente. Foi um golpe que não apenas desrespeitou a maioria dos votos do povo, mas também nos levou embora grande parte das atividades de educação ambiental e desmobilizou a nossa juventude sobremaneira. E o pior, lamentavelmente, fizeram de tudo para deixar a boiada passar!

Finalmente, um novo tempo chegou! Agora é momento de reorganização e reconstrução. Quero mostrar com essas experiências que existe sim a força da juventude à disposição para a descoberta de novas ilhas

de resistência. Sei que o momento atual é de uma crise planetária, mas não podemos deixar de lado a arte de sonhar, já defendida neste trabalho por mim e pelo professor Sidarta Ribeiro. Precisamos voltar a ocupar os espaços disponíveis, para caminharmos “rumo a religação, reintegração” destacar os “processos de interdependência, cooperação e comunhão na grande teia da vida, com base no amor, na inteireza, na fraternidade e na sabedoria” (Bezerra, 2015, p. 49).

Acredito sim na virada desta crise planetária. Acredito na força vital dos jovens. Acredito nos povos indígenas. Acredito naqueles que foram formados no arquipélago das Conferências e que ainda integram a faixa etária da juventude. Até porque os jovens delegados na edição de 2018 da CNIJMA tem entre 14 e 18 anos, estão na efervescência da juventude. Acredito também porque não haveria alegria de viver sem acreditar. Acredito porque sei que não estou nessa sozinho, pois Juliano Bezerra também acredita

porque é muito mais cômodo para quem impõe uma monocultura mental que a sociedade fique descrente de si e de seu futuro; descrente dos bons sentimentos e da ética do bem viver...como disse Mia Couto, ‘**o pessimismo é o luxo dos ricos**’. (BEZERRA, 2015, p.51) (grifo nosso)

Eu acredito e luto para encontrarmos mais ilhas de resistência que nos conectem formando um continente de novas possibilidades, na forma mais sensível de viver no mundo. Acredito sim na ética, na paz, na sustentabilidade. Por tudo isso, acredito que a educação ambiental espiritualizada é possível e necessária.

RELATOS DE COMPANHEIROS DE BORDO



Fonte: Fotografia do próprio autor

5 RELATOS DE COMPANHEIROS DE BORDO

Em uma viagem, não gosto de ficar sozinho, é sempre melhor, mais divertido e mais seguro viajarmos acompanhados. Nessa jornada posso afirmar que tive ao meu lado muitos companheiros de bordo. Esta parte será marcada por depoimentos de alguns desses companheiros que permearam as ilhas de resistência apresentadas anteriormente, em especial o arquipélago das conferências, desde 2003.

A escolha desses relatos se deu de maneira aleatória com depoimentos dados por diversas pessoas participantes dos processos de conferência. É imprescindível mencionar que todos os depoimentos aqui apresentados já estão todos publicados, seja no relatório final de cada edição da Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, e nos vídeos institucionais disponibilizados pela internet. Como forma de resguardar as identidades das pessoas responsáveis pelos depoimentos, irei apenas identificar com o estado ao qual está relacionado e sua idade à época do relato (quando houver registro).

Vale destacar que não se trata de um estudo quantitativo, pois como pressupõe Edgar Morin e Stéphane Hessel “a hegemonia do quantitativo sobre o qualitativo deve ser revertida” (2012, p.26). Não seguirá as técnicas estatísticas de amostragem e percentual. Porque considero que

os números e as séries estatísticas não dão conta da insatisfação civilizatória, da perplexidade e do mal-estar espiritual de homens, mulheres e crianças que não se constituem em consumidores ou estão à margem da mitologia do progresso. Não há como quantificar o sujeito humano. (ALMEIDA, 2012, p.50)

Diferente disso, a escolha desses relatos seguiu minha sensibilidade, por mais injusto que possa parecer, ou não metodológico, busquei trazer palavras de pessoas que mais me afetaram “tocaram meu coração” (BEZERRA, 2015, p.29). Já que, busco nesse ponto colocar relatos de outras pessoas que fizeram parte dessa viagem comigo.

Eis que pode surgir a pergunta do porquê escolhi colocar esses trechos de histórias de outras pessoas? Ora, quero com isso evidenciar que outros também viveram experiências semelhantes e trago aqui seus relatos, mostrando a efervescência da vida nas narrativas. Como afirma Edgar Morin, “pus minha vida nas ideias e as ideias na minha vida” (MORIN apud ALMEIDA, 2012, p. 29). Logo, o ato de contar uma história evidencia o fato de que as elas “expõem o lado vivo de uma ciência levada a efeito por pessoas de carne e osso, minadas por suas euforias, pessimismos, obsessões, emoções” (ALMEIDA, 2012, p.17). Afinal, na antiguidade e ainda hoje com os povos tradicionais, o aprendizado se dá por meio das narrativas intergeracionais.

Diante disso, trazer esses relatos me faz acreditar que as ciências são feitas por pessoas e suas experiências, é acreditar no discurso de autoridade, defendido por Isabelle Stengers no livro *A invenção das ciências modernas* (2002), ao dizer que “os autores no sentido medieval são aqueles cujos textos revestem autoridade”, seja pelo que leu, vivenciou, estudou e sentiu. Portanto, ao ler esses companheiros de bordo pude constatar que não estou perdido em minhas ideias. Identifiquei nas falas o quanto esse processo formativo interferiu na realidade vivida de cada um. Precisamos aprender a admitir a importância das experiências no cotidiano da pesquisa científica, pois, pesquisas são feitas por pessoas, que tem histórias, e não por máquinas. Neste sentido, o professor Carlos Aldemir Farias ressalta a importância disso ao dizer que

essas histórias são absolutamente atuais e necessárias, seja no teatro, seja na escola, na família, na igreja, na psicanálise, por abordar a condição humana. É por isso que, para a concretização de uma educação pautada em valores humanos e a construção de um mundo melhor, torna-se tão necessário absorver a sabedoria nelas contida. (FARIAS, 2012, p.56)

Mesmo que a citação acima esteja no contexto das vozes da ancestralidade, fiz questão de trazê-la no trabalho por acreditar que todas as narrativas contêm histórias de vida e nos servem de aprendizado.

Por fim, quis evidenciar que os participantes das Conferências e de outros grupos de formação em Educação Ambiental se tornaram indivíduos que foram tocados de alguma maneira pela energia cósmica da educação

ambiental espiritualizada praticada nas ilhas de resistência abordadas nessa pesquisa. São relatos não só dos jovens delegados e delegadas, mas também de jovens facilitadores, de oficinairos, de comissões organizadoras estadual e nacional. Busquei trazer olhares de diferentes ângulos, no intuito de mostrar relatos de maneira mais ampla, como uma forma de identificar como pensam os vários atores desse processo. Abaixo de cada depoimento identifiquei a função que aquela pessoa desempenhou.

A seguir irei expor os depoimentos selecionados e tecerei meus comentários a respeito das falas no intuito de contextualizá-las com a temática da pesquisa. Em alguns casos fiz a junção de uma ou mais falas para poder tecer o comentário em bloco, já em outros casos não fiz nenhum comentário a respeito. Nem todos os relatos senti a necessidade de fazer algum comentário a respeito, estão ali para que você, leitor, possa interpretá-lo à sua maneira e fazer suas próprias considerações e conclusões. Como dito, são falas que trago aqui neste trabalho para ilustrar um processo de educação ambiental no qual acredito.

Espero que as falas a seguir possam tocá-lo de alguma maneira.

5.1 DEPOIMENTOS

Os depoimentos transcritos dos vídeos foram escritos da mesma maneira como foram falados, na linguagem oral. Não fiz nenhuma correção gramatical pois quis preservar a originalidade das falas apresentadas. Cabe ao leitor ler como se estivesse ouvindo a pessoa falar. Particularmente, consigo ouvir a voz de cada um toda vez que eu leio seus depoimentos. Então, sugiro que se deixe levar pelos relatos.

Ao serem perguntados sobre qual tipo de escola querem para o Brasil, ao final da 4ª CNIJMA, em 2013, eles respondem que querem¹⁵:

Escola de tempo integral porque cada criança precisa de um tempo a mais para estudar e aprender mais.

(Delegada/AP)

Por uma escola sem preconceitos.

(Delegada/MS)

¹⁵ Depoimentos retirados do vídeo institucional. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4xl_1yOGVLI

- O respeito pelos indígenas. (Delegada/PE)
 A escola como um lugar de respeito à diversidade. (Delegada/MS)
 O ensino da paz, do amor e a irmandade. (Delegado/PE)

São depoimentos que demonstram que eles compreenderam a importância da diversidade, ao colocarem a escola sem preconceitos e o respeito aos povos indígenas, priorizando o ensino da paz. Aspectos amplamente difundidos nos processos de conferência.

A seguir alguns relatos maiores¹⁶ sobre o que acharam das conferências, em suas várias edições. Todas as partes grifadas em **negrito** são destaques meus, na intenção de chamar a atenção do leitor para os aspectos que considero mais relevantes nos depoimentos. Ao falar da metodologia da conferência, a delegada disse que

É legal porque descontraí um pouco daquela coisa de palestra, que sempre tem na escola. A gente **nunca tem um jogo** que nem estão sendo essas atividades. Eu acho legal, por ser uma maneira de **descontrair** mas mesmo estando ligado ao que está acontecendo com o projeto da conferência. (Delegada)

Destaco desse relato o fato do processo de aprendizagem baseado na dinâmica de jogos educativos e cooperativos, fugindo ao contexto de sala de aula, que muitas vezes se torna cansativo e enfadonho para os jovens, cuja energia está acumulada em grande quantidade. Então, trabalhar com essa dinâmica permite, a meu ver, uma melhor interação dos jovens com os conceitos abordados, propiciando assim uma melhor compreensão da temática.

Além da experiência de estar aqui **trocando aquelas ideias** científicas, expondo nossos trabalhos e **nos importando** com a água do Planeta, a gente também vai levar, quando voltar para nossos estados essa **experiência de amizade**. (Delegada)

¹⁶ Depoimentos retirados do vídeo institucional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTO6uHh-ZXU&t=1270s>

Esse é um momento que o **coração começa a ficar apertado**, porque começa a chegar a saudade de tantos momentos sensacionais que **passamos juntos**. A V CNIJMA a gente sabe dos problemas e dificuldades que enfrentamos, mas é **emocionante**, é **revigorante** você chegar em um dia como hoje, saber que a conferência está acabando e saber que muitas **sementes vão ser espalhadas** pelo Brasil afora. Isso é **motivação** para a juventude, professores e acompanhantes das delegações que estão aqui hoje.

(Acompanhante, facilitador em 2013, delegado em 2010)

Eu estou vivendo um **sonho** e o que estou levando, conhecimento e **esperança** de um mundo melhor, de um Brasil novo.

(Delegada)

Eu me sinto **realizada**, quero ser facilitadora para outros alunos também terem portas abertas, terem oportunidades maiores, e queiram lutar para o mundo ser melhor, um lugar que vise a educação, um lugar que exista pessoas preocupadas com recursos, e com outros talentos que sejam apresentados. Para mim isso é **mágico**, eu tenho muitos **sonhos** e tenho certeza de que eles serão realizados.

(Delegada)

Quando eu era delegada, eu via os outros facilitadores e falava: **eu quero fazer esse papel**, eu quero sensibilizar os outros, eu quero ter essa **animação**. E é isso que a gente faz, a gente vem pra motivá-los, para animar, **para encantar e para estar junto**, dizendo que somos um pouco mais velhos, mas ainda somos jovens e temos capacidade de passar e aprender com vocês. Pois é como a gente fala, uma geração aprende com a outra e trazemos isso para a conferência.

(Facilitadora em 2013 e 2018, delegada em 2010)

Nestes cinco relatos acima, destaquei palavras que evidenciam o processo de educação ambiental espiritualizada presente nas metodologias das conferências. Para mim, são palavras muito fortes, que demonstram a fruição de vida destes jovens durante a conferência. Trazem consigo muito do que defendo ao longo dessa tese, sobre a espiritualidade, a arte de sonhar com um mundo melhor, o valor dos laços de amizade, o fato de nos importarmos com o outro, a ludicidade, enfim, como um deles disse o “coração começa a ficar apertado”.

Essa conferência ela tem princípios de **inclusão**, então quando você inclui uma criança que é de uma comunidade pobre, que não tem perspectiva de futuro, que vem de uma realidade dura, ao se dar com uma conferência dessa que é **recebida com carinho, com afeto**; tem casos de crianças que infelizmente não tiveram muitas vezes esse afeto da família e quando chega aqui a gente tem esse papel de que **o mundo tem esperança**. E um dia mostraram para mim, eram os antigos amarelinhos, que foram os facilitadores da IV CNIJMA. E quando vemos um jovem se importando com o mundo, cria aquela **esperança**. Então quando eu vim em 2013 e pensava que eu teria que ser mais uma estatística ruim e eu vi aqui que eu **posso sim ser uma estatística boa no Brasil**, eu vi que esse era o meu maior **grito de resistência** na minha comunidade, na minha luta, na minha família e em todos os cantos. Quando a gente tem um exemplo bom, **servimos de exemplo para outras pessoas**.

(Facilitadora em 2018 e delegada em 2013)

Participar do processo de conferência como delegado ele abre seu olhar no processo de experiências. a conferência te coloca num espaço onde terás várias experiências, não só no lado profissional, como você se descobrir nas estações do conhecimento em algumas oficinas, bem como no termo de **militância**, você encontra delegados com os mesmos ideais, **pessoas com os mesmos ideais**, apesar das **diversidades de estado, cultura, língua e religião**; você vê pautas e conversas com pessoas que tem os mesmos ideais com os seus e então você acaba se juntando a elas e **construindo coletivo**, e aí a gente passa a se juntar em nossos estados e a trabalhar e **contribuir** nessas ações.

(Facilitador 2018 e delegado 2010)

O termo facilitador é porque a gente traz a ideia dos jovens que estão aqui eles são **protagonistas** do que estão fazendo. Então não vamos dizer para eles o que fazer, mas sim iremos facilitar o processo para que eles mesmos façam. Não é como uma escola em que a gente é professor e vai ensiná-los, a gente **facilita com o que eles já têm**.

(Facilitador 2018)

Que fala sensacional, a primeira deste bloco de relatos. Olha a importância que esse processo teve para a perspectiva de futuro dessa pessoa. A conferência de fato cumpre também seu papel social, de emancipação e autonomia do sujeito. Trabalhar com educação ambiental é sim fazer resistência nesse oceano hegemônico em que vivemos, onde os diferentes são excluídos, as minorias são invisibilizadas. Porém, na conferência, a diversidade é debatida em suas complexidades, mas vai muito além, é colocada em prática. Uma vez que indígenas, quilombolas, assentados,

brancos, meninos, meninas e outros, são todos participantes de um mesmo processo, com as mesmas condições. E mais, contam suas histórias uns para os outros. Fazendo permear a fusão de horizontes, permitindo que as juventudes se conheçam, se valorizem e se respeitem; que sejam protagonistas de seus processos.

É uma **troca gigante**. É uma troca quase que de igual para igual. A quantidade com que a gente aprende com eles, não são facilitadores dos delegados por acaso. São jovens muito dedicados, muito competentes, muito **apaixonados** por essa tarefa de serem **guardiões da natureza**. E é sobretudo uma recarga de **esperança**, que todo brasileiro merecia dar uma passadinha por aqui.

(Oficineira)

Foi a primeira vez que a gente teve uma **recepção tão maravilhosa** quanto essa. Por mais que as coisas sejam simples, mas elas são as melhores. Quando a gente chegou, fomos recebidos a **cantos e danças**. Além da gente estar aqui com esse aprendizado tão **bom** e tão **gostoso**, um clima diferente, um lugar melhor que até hotéis, fomos recepcionados muito bem.

(Delegado/RS)

É muito importante a gente estar aprendendo **novas maneiras de interagir com as crianças**, porque o processo de EA precisa ser constantemente **renovado e cativante**. E a maneira com a qual estamos aprendendo a lidar com as crianças, está deixando até os facilitadores que tem um pouco mais de idade, encantados com o processo e a metodologia utilizados. Está sendo **revolucionário**, porque ainda seguimos o padrão de escola. Aqui a gente está **aprendendo a jogar, e a brincar com o meio ambiente**.

(Facilitadora)

Uma coisa interessante que eu vi hoje foram os **adultos no espaço jogando**, aprendendo também através da **brincadeira**, estavam fazendo uma caça ao tesouro sobre os ODS. E você via os **adultos igual criança**, se divertindo, gostando, aprendendo. Então a gente percebeu que não é só pra criança que a gameficação funciona bem. os adultos também gostaram, além de ser um **resgate da nossa criança interior** para a gente aprender de uma outra forma, para que a gente possa também ensinar de uma outra forma.

(comissão organizadora)

O jovem vai carregar isso para sua vida profissional, certamente será **um profissional com olhar diferente em relação às questões ambientais**.

(Comissão Organizadora Estadual/RJ)

A CNIJMA vem trazer um **ânimo**, uma **potência de ação** para essas pessoas, se animarem e se vislumbrarem enquanto um agente possível de **transformação social**. Ao mesmo tempo ela traz um aporte pedagógico, conceitual e metodológico.¹⁷

(Comissão Organizadora Nacional)

Nós estamos aqui formando **cidadãos**, uma formação para a **vida**. Uma formação comprometida em que o jovem ao voltar pra sua cidade e como temos 15 anos de história, ela volta como um grêmio estudantil, ele volta como uma **liderança**, ele volta para um **movimento social**; temos relatos de alguns que foram **vereadores, líderes**. Ou seja, eles tem uma formação para agregar outras pessoas nesse processo. Então é uma **semente vindoura** que dá bons frutos, raízes e galhos muito fortes.

(Comissão Organizadora Estadual/RJ)

Teve tudo a ver comigo, conheci os animais, aprendi muitas coisas legais em um **ambiente agradável**, aprendi umas coisas que eu não sabia, foi algo muito **divertido e diferente**. (BRASIL, 2013, p.55)

Muito legal, porque a gente mostra o nosso conhecimento para os outros colegas e, também aprende com eles. E, também podemos levar tudo o que aprendemos para a nossa escola, comunidade em geral. E, também a gente faz **amizades novas**, então estou muito **feliz** em estar aqui. (BRASIL, 2006, p.63)

Achei ótimo, foi uma oportunidade maravilhosa, porque **acreditaram no meu potencial**. Foi um momento de práticas e descobertas de trabalho que achei que não conseguiria fazer. Fiz muitas amizades e aprendi mais sobre a **cultura brasileira**. Para mim tudo foi maravilhoso, inclusive a minha participação – trabalhei bastante com a escrita, participação, **carinho, respeito, colaboração e união** de um grupo maravilhoso que são estes jovens. Agradeço a Deus e depois a todos aqueles que acreditaram em mim. (BRASIL, 2006, p.63)

Vou voltar para meu estado, município e comunidade com a cabeça erguida pois eu dei o melhor de mim em todas as atividades. E se eu deixei algo pendente, vou realizar em minha comunidade, escola, ou seja, tudo serviu como **experiência e aprendizagem** e agora eu posso dizer com todas e completas palavras: **Eu sou um jovem ambientalista**". (BRASIL, 2006, p.62)

Achei muito legal, pois pude **me expressar abertamente** e gostei muito dessa maneira de '**jovem educa jovem**'. Assim podemos mostrar para os adultos que temos responsabilidades e vamos ser capazes de cumprir. As atividades foram bem

¹⁷ Depoimentos retirados do vídeo institucional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n3eo6e74SUI&t=79s>

elaboradas e **dinâmicas** e tive participação em todas. (BRASIL, 2006, p.62)

(Delegada)

Eu achei muito interessante, pois mostra que nosso **trabalho foi reconhecido**, e eu fico muito **feliz** em representar várias **outras pessoas** que não puderam estar aqui, mas que com certeza têm o mesmo objetivo que a gente – preservar o meio ambiente. (BRASIL, 2006, p.62)

(Delegada/RJ)

Que arrumei vários **amigos** e tive **várias ideias** de como construir a Com-Vida em minha escola. (BRASIL, 2009, p.40)

(Delegado - 12 anos)

Que a III CNIJMA me fez perceber que o **Meio Ambiente faz parte de mim**. (BRASIL, 2009, p.40)

Ter vivenciado uma **experiência única em minha vida**; saber que aprendi bastante sobre Meio Ambiente e que poderei repassar tudo isso para minha comunidade, ajudando a **cuidar do Brasil**. (BRASIL, 2009, p.40)

(Delegado - 14 anos)

Olha só quantos palavras fortes de sentido que foram utilizadas, liderança, semente, criança interior, amigos, ideias, receptividade, dinâmica, ânimo, cantos e danças, trocas, carinho, união, respeito, transformação social, guardiões da natureza. Só me fazem perceber que de fato a prática da educação ambiental espiritualizada pode transformar as pessoas. Me emociono cada vez que leio essas narrativas. E agradeço por estar dentro desse processo tão rico de conteúdo, e tão cheio de vida. Como diz um dos relatos: “O meio ambiente faz parte de mim”, creio que esse jovem conseguiu compreender o que é educação ambiental.

As crianças são **protagonistas**, em 2013 eu fui protagonista, mas esse ano eu quero fazer deles protagonistas. É uma experiência tão **aconchegante** que eu **me sinto em casa** de novo.¹⁸

(Facilitadora)

Vejo mais uma vez presente a importância do diálogo intergeracional e o quanto isso é destacado ao longo das falas. Isso faz com que os mais velhos

¹⁸ Depoimentos retirados do vídeo institucional. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fof_W1lifpo

sejam espelho para os mais novos, ao perceberem que podem ser protagonistas de sua própria história.

Abaixo alguns relatos que extraí de um vídeo¹⁹ publicado na internet, da delegação do estado de Rondônia, gravado durante a quarta edição da conferência em 2013.

O que eu mais gostei nessa conferência foi a **amizade** que consegui, o **carinho que ganhei e retribui**, foi o que conhecimento que eu tive nas oficinas. Para mim tudo isso foi uma **experiência única**. Essa conferência me ajudou muito e **mudou a minha vida**. Aprendi também a não poluir. E o que vocês precisam fazer também é isso pessoal, cuidar do meio ambiente porque você vive nele.

(Delegado/RO)

Da conferência eu não levei só aprendizado sobre sustentabilidade. Essa conferência me trouxe **novos amigos, novas experiências**, aprendi coisas que não imaginava aprender. Foi maravilhosa essa conferência porque eu **aprendi me divertindo**, isso foi o melhor. Ganhei amigos aqui que não pretendo perder o contato. Aprendi a ter **confiança nas pessoas**, a ter **coletividade**. Eu tive muito mais aprendizado do que eu esperava. As pessoas me acolheram muito bem. Sabe o que é você ir para um canto achando que vai ser bom e você voltar sendo ótimo? Eu posso ter certeza que essa conferência foi um dos **melhores momentos da minha vida**.

(Delegada/RO)

Palavras que sempre aparecem nos relatos e evidenciam o poder cativante e transformador da educação ambiental nesse processo de conferência. Mais uma vez podemos ver em destaque: a confiança nas pessoas, a coletividade, a experiência, o carinho, a amizade.

Para que jovem no futuro? A gente quer provar que a gente consegue **fazer coisas boas** para o mundo enquanto jovem. **A gente não quer esperar o futuro**, negócio de ficar esperando o futuro, ele vai demorar demais.

(Delegado em 2006)

Um país que não acredita na força de seus jovens para no tempo. Então nós temos que **acreditar na força que nós temos**. Nós queremos mudar o Brasil.

(Delegada em 2006)

¹⁹ Depoimentos retirados de vídeo publicado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EU62_0vn_yk

Em 2005/2006, o Jornal Nacional²⁰ fez uma matéria sobre a conferência e exibiu alguns relatos de jovens participantes, dentre os quais destaquei os dois acima, que falam sobre a importância de agirmos no aqui e agora, destacando que a emergência ecológica nos coloca em uma posição de ação. E eles argumentam que a juventude tem sim a força e o protagonismo para agir.

Depoimento dado por uma participante do Coletivo Jovem do Ceará.

A conferência me possibilitou a conhecer várias lideranças ambientalistas e isso me inspirou a ter novas perspectivas e a **adotar um novo estilo de vida**. A partir de então eu comecei a pensar como eu poderia contribuir depois desse processo no meu município, no meu estado, e quais transformações eu poderia ajudar e quais pessoas eu poderia **impactar**, com a consciência mais crítica com as questões ambientais. E nos anos seguintes à conferência eu decidi **atuar** em ONGs e movimentos sociais, formei coletivo jovem no meu município, participei com outros delegados na criação da rede cearense de juventude pelo meio ambiente. Tendo a possibilidade de influenciar na formação de **novas lideranças ambientalistas**, inclusive com os jovens que foram fruto da IV CNIJMA.²¹

(Delegada e facilitadora/CE)

Por fim, escolhi um depoimento que sintetiza tudo que foi exposto ao longo de todas as páginas desse trabalho, fruto de uma ampla pesquisa doutoral. Caminhando para o fim dessa jornada, peço que leia carinhosamente o que diz nas palavras a seguir.

A gente tem gerações incríveis, que tem o poder de fazer as mudanças que a gente sempre **sonhou**. A gente precisa dar espaço pra eles, **acreditar neles** e ficar envolta acolhendo. Quando essas constelações se reúnem, as corretas MMA, MEC, CJs, REJUMA, tanta gente que ama o meio ambiente. Se a gente se encontrar num **lugar amistoso, de cuidado, de confiança e generosidade**, esse tipo de reação acontece. A gente pode juntar esses recursos todos e despejar esses recursos nas próximas gerações, eles vão fazer as mudanças que a gente quer ver. **A gente bateu cabeça, se a gente der o**

²⁰ Depoimentos retirados do vídeo institucional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3fpW6DS75ZE>

²¹ Depoimentos retirados de vídeo publicado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nbAaCiN7G_I

suficiente para eles, não vão bater cabeça não, vão bater coração.²²

(Oficineiro)

Este último depoimento quis deixar separado apenas para evidenciar essa última frase, que repito aqui: **“A gente bateu cabeça, se a gente der o suficiente para eles, não vão bater cabeça não, vão bater coração”**. Chegamos até aqui nessa crise civilizatória porque batemos muito a cabeça. Com a educação ambiental espiritualizada, o convido a bater o coração.

²² Depoimento retirado do vídeo institucional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTO6uHh-ZXU&t=1270s>

CONSIDERAÇÕES DE UMA VIAGEM INACABADA



Fonte: Fotografia do próprio autor

6 CONSIDERAÇÕES DE UMA VIAGEM INACABADA

Se não podemos dizer ao passado muito obrigado pelo que nos legou, podemos fazer com que o futuro nos agradeça pelo que fizemos hoje. (ALMEIDA, 2012, p.55)

Espero com este trabalho conseguir levar você pessoa leitora, a uma viagem sensível pelas águas que me permeiam desde minha trajetória nos projetos de educação ambiental até o momento atual nos estudos do doutorado. Foi um caminho sempre recheado de dificuldades, num mar de incertezas. Mas que a cada parada numa ilha de resistência, me reabasteceu para continuar este caminho que não termina aqui. Pois somos inacabados. Cada ponto final é um ponto inicial de uma nova jornada, a hermenêutica já nos ensina isso.

Pude evidenciar que o sujeito e os objetos estão completamente conectados ao longo de toda a pesquisa, já que nas ciências humanas, “nada é apenas objeto, porque sempre, de alguma forma, tem a ver intimamente com o sujeito que o está estudando” (RIBEIRO, R., 1999, p.193). Bem como mostrar a interferência das ilhas de resistência no processo de formação da vida de cada companheiro de bordo que trouxe para esse texto e que deixou registrado um pouco de sua história.

Fiz um breve encadeamento lógico a respeito dos mitos, para identificar em que momento da história nós perdemos a dimensão emocional e espiritual do ser humano, ou seja, quando a razão se desconectou da emoção. Edgar Morin ensinou que somos *Homo Sapiens Demens*, dotados de razão, mas também de emoção, sentimento, ludicidade. Nesse sentido, defendendo a tese da Educação Ambiental Espiritualizada, aquela fundamentada nos princípios da sensibilidade, da amorosidade, da ética, da responsabilidade, da ancestralidade, do respeito e aprendizado com os povos indígenas, dentre outros.

Defendo esse processo de educação ambiental porque, a meu ver, é uma alternativa viável para compreendermos a crise civilizatória planetária pela qual estamos vivendo e adotarmos uma postura diferente na maneira de

ser e estar no mundo. Cientes de nossa responsabilidade, como dever, imperativo ético de buscarmos ativamente a sustentabilidade da Casa Comum. E, assim, para que a pergunta inicial dessa pesquisa esteja devidamente respondida e solucionada. Pois identifico que só tecendo a religação de razão e emoção, iremos compreender nossa responsabilidade ética e as ações de educação ambiental espiritualizada irão tocar no indivíduo e, conseqüentemente, refletir na sociedade como um todo, o que irá proporcionar a mudança no modelo civilizatório que a muito tempo alertamos, mas que pouco foi mudado até então.

Descrevi também um pouco do aprendizado que obtive sobre a cultura dos povos indígenas e sua relação com a natureza. Disse que foi pouco aprendizado porque nunca tive a oportunidade de ter uma vivência de imersão em algum território. Foram aprendizados com as leituras de Leonardo Boff e Ailton Krenak, e algumas conversas com pessoas indígenas. Fica a intenção futura de um aprendizado antropológico com esses povos que tanto admiro e tenho muito a aprender.

Sendo assim, faço uso do artifício de Lévi-Strauss, ao descrever o pôr do sol como sendo a forma de compreender metaforicamente a sua estrutura do pensar. No seu livro *Tristes Trópicos* (1996), Claude Lévi-Strauss descreve em sete belas páginas o fenômeno do pôr do sol presenciado a bordo do navio que o trouxe pela primeira vez ao Brasil, em 1934. Interrogado por Boris Wiseman sobre o porquê de o autor ter feito essa descrição em *Tristes Trópicos* e, quinze anos depois, na última das *Mitológicas* – *O Homem Nu*, responde que parece haver uma constante em seu pensamento, tendo adotado esse fenômeno da natureza como modelo para pensar os problemas etnológicos. Então, nada mais natural que, com o passar dos anos, esse mesmo fenômeno continue servindo de modelo para “expor a repetição e o lado inapreensível da natureza humana” (ALMEIDA, 2012 p. 133).

Faço-me valer desse modelo de Lévi-Strauss como o modelo do meu pensamento. Semelhante ao que Sócrates afirma: “só sei que nada sei”, acredito na incompletude do aprendiz, e do conhecimento.

Diante da contextualização das conferências apresentadas e dos depoimentos relatados, considero que de fato são ilhas de resistência. Uma

vez que estão ao avesso das regras antropocêntricas e do *capitaloceno* que estão postas diante de nós.

Portanto, sei que o processo de Conferência tem suas incompletudes, mas me propus ao desafio de descrevê-la evidenciando em suas metodologias a prática da educação ambiental espiritualizada. Sendo que, a cada momento de compreensão de uma realidade, um novo real se depreende, e disso, uma nova compreensão de realidade passa a ser perseguida, é um movimento cíclico e incessante. Quando penso que assimilei o conhecimento sobre determinado assunto, o sol acaba e inicia-se tudo de novo. Isto é, um novo conhecimento está posto para que eu possa compreendê-lo. É esplendoroso admirar a beleza de um pôr do sol, porém é curto, é breve, é leve. Logo acaba e nasce tudo outra vez.

estamos diante de uma realidade extraordinariamente complexa, cujo desenrolar é imprevisível e que devemos, de todo modo, tentar descrever com precisão. E no final, uma vez encontrada uma organização, ou pelo menos tendo imaginado que poderia encontrá-la, eu a via inevitavelmente terminar como o espetáculo do sol poente. (LÉVI-STRAUSS apud ALMEIDA, 2012, p. 133)

Assim perambulando por essa viagem sensível, fizemos algumas paradas pelas ilhas de resistência identificadas ao longo desta pesquisa, no intuito de demonstrar que nessas ilhas vivenciamos uma realidade diferente, complexa e espiritualizada, e tem-se desenvolvido ao longo dos anos, como o pôr do sol, renovando-se a cada ciclo.

Por fim, para que tudo isso ocorra é preciso parar, desacelerar, sonhar, contemplar, dialogar, com o outro e consigo mesmo. Um pouco menos de tudo e um pouco mais de nada. Sei que parece confuso, mas muito importante. Se trata de um processo hermenêutico necessário para que a educação ambiental espiritualizada possa contribuir para que você leitor possa pensar de uma outra forma e, estabeleça uma nova forma de se relacionar na natureza, Casa Comum, Planeta Terra.

Faça sempre algo novo, permita-se criar, dê espaço ao diferente, dedique seu tempo para contemplar a paisagem ou simplesmente o comportamento humano. Desenhe, rabisque ou pinte algo. Coloque a mão na massa, pode ser a massa de um bolo ou de uma massinha de modelar infantil. Sente no chão com seus filhos, esqueça

um pouco o celular, faça-o comer sem precisar de nenhum vídeo, conquiste sua confiança pelo diálogo e atenção. Sinta a brisa do mar tocar sua pele, ou o atrito da areia nas suas pernas. Sente-se à sombra de uma árvore ao entardecer, ouça o som dos pássaros. Pare para respirar novos cheiros, sinta a diferença do cheiro das flores. Pise na terra com os pés descalços, permita-se sujar, depois valorize a água com a qual tu podes se lavar. Beba água sentindo o sabor inexistente que ela tem, ela é insípida, mas tem sabor de vida. Dê bom dia às pessoas desconhecidas na rua, seja no ônibus ou no trabalho. Dedique um dia na semana para conhecer algo novo que nunca teve contato, pode ser um livro, um lugar ou uma pessoa. Experimente novos sabores e a alquimia de temperos existentes na culinária mundial. Aprenda a elogiar, sem necessidade de troca. Pense um pouco fora da caixa, as caixas nos moldam de acordo com quem criou a caixa. Escreva alguma coisa, mesmo que amasse e jogue fora, ou então publique. Ame você mesmo e os outros, e demonstre quando quiser. Alimente sua alma, não esqueça que ela também necessita de nutrientes tal qual seu corpo. Durma, mas durma bem, e sonhe, os sonhos nos renovam. Viva! Porque a vida é fruição.

Não há como deixar de ser um sonhador e utópico quando ouço por exemplo músicas clássicas com harpas, violinos, pianos e belas vozes. Pelo canto dos pássaros que adentram a minha janela nesse momento em que escrevo, com o amanhecer de mais um dia. Pelas notas que ecoam pelo ar quando ouço o barulho do mar. Sobretudo transcende meu corpo, permitir-me sonhar com o novo mundo possível, com uma nova forma de ser e estar no mundo. É nisso que eu acredito e continuarei lutando. Lendo e aprendendo e, quem sabe, ensinando.

Agradeça sempre e não canse;
Não esqueça que somos muitos;
Somos tantos ancestrais;
Agradeço ao que não vejo;
Aqueles que nem sei quem são;
Agradeço à mãe Terra;
A você meu irmão.
Desejo a você um pouco menos;
Menos de tudo;
Pois com pouco vivemos;
Menos lutas;
Menos brigas;
Menos poderes;
Menos ganância;
Menos dinheiro.
Ofereço um pouco mais;
Pois te dou mais do que tenho;
Mais flautas;
Mais poesias;
Mais beira do mar;
Mais navegação;
Mais música;
Mais arte;
Mais cultura;
Mais família;
Mais amigos;
Mais tempo para sentirmos a plenitude da vida;
Mais sonhos;
Mais solidariedade;
Mais coletividade;
Mais espiritualidade;
Mais energia;
...
Mais vida.

CARTAS NÁUTICAS



Fonte: Fotografia do próprio autor

7 CARTAS NÁUTICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRRN, 2012, p.77-107.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade: do casulo à borboleta. In: CASTRO, Gustavo de et al. (Org.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002, p. 21-41.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Jornadas Edgar Morin: a vida em tempos de incertezas e a construção do futuro**. SESC/SP, 2021. Son., color. Série SESC IDEIAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WT8fYtySf28&t=2798s>. Acesso em: 30 out. 2021. (Palestra)

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura e pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BEZERRA, Juliano César Petrovich. **Ilhas de resistência: conversas entre mestre e aprendiz**. Natal: EDUFRRN, 2015.

BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética, na espiritualidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013a.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013b.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

BRASIL. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002**. Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BRASIL. **Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005**. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nº s 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11129.htm. Acesso em: 03 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **II Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente**: relatório final. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **III Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente**: relatório final. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **IV Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente**: relatório final. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente**: relatório final. Brasília: MMA, 2003.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Coletivos Jovens de Meio Ambiente**: manual orientador. Brasília: MMA, 2005.

CALLONI, Humberto. Ambientes desencantados: o século XVIII e o reino das racionalidades. **Ambiente & Educação**. Rio Grande/RS, vol.11, 2006.

DUARTE JR., João-Francisco. A Montanha e o videogame: escritos sobre educação. Campinas/SP: Papirus, 2010.

FARIAS, Carlos Aldemir. Mitos, fábulas e histórias da tradição: para além do tempo e do espaço. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (orgs.). **Estudos de complexidade 5**. São Paulo: Xamã, 2012.

FBOMS (Brasil). **Quem Somos**: missão. Missão. [2018]. Disponível em: <http://fboms.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: out.2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALILEU, Redação (ed.). É isso que acontece quando gênios lembram dos seus sonhos mais loucos: confira lista com as maiores descobertas científicas feitas por mentes geniais que estavam no ápice do relaxamento. **Galileu**, [Rio de Janeiro], 09 nov. 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/11/e-isso-que-acontece-quando-genios-lembram-dos-seus-sonhos-mais-loucos.html>. Acesso em: 30 out. 2021.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. 2. ed. Campinas/SP: Papirus, 2004.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas/SP: Papirus, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pôr do sol. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 58-67. Cap. 7.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

MORIN, Edgar. **A Educação gerando redes de transformação**. [Paris]: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xzIE2VhSQEM>. Acesso em: 10 nov. 2021. (Palestra)

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, Edgar. **Contemplar o voo dos pássaros é arte e ciência**. Jornal da Usp. São Paulo, p. 1-1. 05 jul. 2019a. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/contemplar-o-voo-dos-passaros-e-arte-e-ciencia/>. Acesso em: 30 set. 2021.

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019b.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?: Ensaio sobre o destino da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

NEPOMUCENO, T. C. **Educação Ambiental e Espiritualidade Laica: horizontes de um diálogo iniciático**. (Doutorado). 2015, 348 f. Faculdade de Educação, USP.

QUEIROZ, José J. Mito, magia e imaginário na construção do humano: uma busca em obras de Edgar Morin. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (orgs.). **Estudos de complexidade 5**. São Paulo: Xamã, 2012.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, São Paulo, 11(1): 189-195, maio de 1999.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 459 p.

RIBEIRO, Sidarta. **Por um mundo com mais sonhos e abraços planetários**. TEDxSaoPaulo. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWo4u7GCZZk&t=334s>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flecha do tempo, 2007.

SOUSA, Tiago Lincka de. **Do amanhecer ao crepúsculo: o ambiente inteiro e suas narrativas**. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2021.

STENGERS, Isabelle. Fazer história. In: STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Tradução de Max Altman. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 108-132.

VIEIRA, Henrique. **Jesus é negro: a imagem de um jesus branco era muito conveniente**. 2017. Disponível em: <https://midianinja.org/henriquevieira/jesus-e-negro/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

VIEZZER, Moema. **Vocação de semente: a história de uma facilitadora da inteligência coletiva**. Depoimentos a Tereza Moreira. São Paulo: Brasil Sustentável Editora, 2017.